VIDA ILIMITADA

ALLAN BARHAM

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

VIDA ILIMITADA

"A Persistência da Personalidade Para Lá da Morte"

Allan Barham

Direitos de autor © 1982

Índice

Prefácio
Prefácio do Autor
O Rapaz Que Via a Verdade
O Ensino da Igreja e o Estudo Psíquico
Grace Rosher e Gordon Burdick
O Relatório da Maioria
Poderá a Mediunidade Ser Convincente?
A Fita de Bernard Shaw
A Natureza da Vida Depois da Morte
Norman Hunt e o Seu Grupo de Resgate
O Que Ensinou Jesus?
Tommy Porter e Abu — 'Sir Rupert Benton'
William Thompson
A Investigação Psíquica e Algumas Experiências Pessoais
Cura Não Médica

Prefácio do Autor

Por Ian Parrott, M.A., D.Mus., F.T.C.L., A.R.C.O., F.R.S.A., Professor de Música no University College de Gales, Aberystwyth; membro da Society for Psychical Research.

A civilização ocidental moderna, tal como o bloco de Leste, é basicamente materialista na sua perspetiva. O 'Terceiro Mundo' — o resto da humanidade — continua a acreditar em espíritos e na realidade de um mundo invisível, e é olhado com desdém pelos blocos Ocidental e de Leste como sendo primitivo e ignorante. Esta atitude intriga-me há muito tempo. E, por isso, saúdo com considerável entusiasmo um livro que reabilita as visões sensatas da maioria da humanidade.

Além disso, este livro não trata de nenhuma destas três regiões do mundo físico 'real', mas funciona antes como um guia de viagem eminentemente legível para o 'outro' mundo. Este é o mundo da Eternidade, que Blake descreveu como 'o seio divino para onde iremos após a morte do corpo vegetativo'. O presente autor chama-lhe 'outra esfera de vida', e eu inclinar-me-ia a descrevê-lo como 'outra dimensão'. Não é outra parte do mundo físico, que os materialistas pensam ser tudo o que existe. A Conferência de Lambeth de 1920 (referida pelo autor) chama-lhe 'atrás e além', mas algo dentro de nós coloca-nos em contacto com ele.

E este é, basicamente, o assunto do presente livro — um livro que é parcialmente autobiográfico, contando a peregrinação que levou Allan e Janet a Cantuária, embora eles não tenham sido exatamente como os antigos peregrinos de Cantuária.

A minha própria atração pelo assunto, como músico profissional, dirigiu-se para a música paranormal que a Miss Jourdain ouviu em Versalhes em 1902, e para as produções da médium musical, Rosemary Brown, durante as décadas de sessenta e setenta.

Fico, por isso, particularmente satisfeito por o primeiro capítulo ser sobre O Rapaz Que Via a Verdade, dado que a

introdução a esse livro convincente foi fornecida pelo compositor Cyril Scott.

Allan Barham leva o leitor desde o rapaz que via mais longe do que o seu nariz até Grace Rosher, que escreveu com mais sabedoria do que aquela que sabia ter. Depois, embora dedique os capítulos seguintes a muito do que sai da sala de sessões, apresenta a visão equilibrada de quem não é Espiritualista. Na verdade, a sua perspetiva cautelosa sobre a perceção extrassensorial levou-o, através da Society for Psychical Research, para a mais recentemente estabelecida Churches' Fellowship for Psychical and Spiritual Studies. Em 1974, tornou-se Presidente do seu Comité de Fenómenos Psíquicos.

Ao afastar-se dos Espiritualistas (que não precisam de provas de uma vida futura), o autor dá-nos muita informação valiosa sobre as atitudes de alguns clérigos (que se esquivaram de juntar o conhecimento à fé). Mas Allan Barham é, no melhor sentido da expressão, 'um homem religioso'. O último capítulo do livro é dedicado à Cura Divina, e é mostrada muita sabedoria sobre o Universo estranho e improvável em que vivemos — tanto aqui como lá e além.

UM

O Rapaz Que Via a Verdade

Quando comecei a interessar-me pelo estudo psíquico, já era clérigo da Igreja de Inglaterra há quinze anos. Mas, durante esse tempo, a ideia de que a investigação psíquica pudesse ter alguma relevância para a religião nunca me tinha passado pela cabeça.

Tinha havido, de facto, um incidente em que a minha sogra, enquanto esteve inconsciente durante uma doença, pareceu ter tido o que se chama uma experiência fora do corpo. No decorrer desta, disse ela, tinha visto o seu filhinho e o tio dele, ambos falecidos alguns meses antes. Além disso, tinha testemunhado o

encontro deles com dois amigos que, soube ela mais tarde, tinham morrido inesperadamente durante o período em que esteve inconsciente. Isto tinha reforçado a sua convicção de que a vida continuava depois da morte.

A minha sogra era uma fervorosa apoiante da Igreja Anglicana — o marido era sacristão — e eu nunca fiz qualquer ligação entre a experiência dela e os fenómenos psíquicos, que nessa altura eu associava exclusivamente ao Espiritualismo.

Mais tarde, vim a perceber que, quando se conheciam as pessoas realmente bem e se as questionava sobre experiências estranhas que pudessem ter tido, muito frequentemente elas contavam-me que, uma ou duas vezes durante as suas vidas, tinham ouvido ou visto algo que não conseguiam explicar.

Como exemplo disto, o vigário de uma paróquia próxima da minha contou-me que uma vez, quando estava sozinho na sua igreja, olhou em volta e viu um homem, que ele descreveu com algum detalhe, a olhar para uma fotografia antiga da igreja que estava pendurada numa parede. Ele assumiu que este homem era um visitante casual, mas depois, quando voltou a olhar, o homem tinha desaparecido — e se tivesse saído pela porta, o vigário teria necessariamente de o ter visto fazer isso. O meu amigo, que certamente não era Espiritualista, limitou-se a

tomar a posição de que o homem tinha sido um paroquiano de um período anterior que tinha vindo dar uma vista de olhos ao seu antigo local de culto. A palavra ‘psíquico’ nunca foi mencionada. Coisas estranhas aconteciam de tempos a tempos, e era isso!

Hoje em dia, alguns membros do clero tornaram-se bastante materialistas na sua perspetiva religiosa e são céticos em relação a qualquer vida significativa para lá da morte. Provavelmente explicariam os dois incidentes que acabo de mencionar como pregações da imaginação.

Mas o pensamento teológico era muito mais positivo quando comecei o meu ministério, e eu estava tão convencido de que cada indivíduo humano era um ser espiritual com um destino eterno que nunca pondo isso em causa. O que esse destino poderia ser não tinha sido objeto de estudo enquanto me preparava para a minha licenciatura em teologia e, tanto quanto me lembro, nunca especulei sobre isso.

Uma das razões pelas quais a teologia cristã não se preocupava grandemente com qual era a natureza da vida depois da morte era o facto de a Bíblia parecer falar com uma voz incerta sobre este assunto: Por exemplo, embora Jesus seja relatado como tendo dito na cruz ao ladrão arrependido, "Hoje estarás comigo no paraíso", São Paulo, por outro lado, ensinou que os cristãos depois da morte irão "dormir" até à Última Trombeta, quando "os mortos ressuscitarão incorruptíveis" (1 Coríntios 15.52). Não é de surpreender que a Igreja esteja confusa sobre este assunto. Não é de admirar que muitos enlutados não tenham a convicção de que aqueles que morreram estejam a vivenciar qualquer tipo de vida ativa na qual se juntarão a eles após a sua própria morte. Tenho me referido àqueles que têm fé religiosa.

Agnósticos e ateus não têm, naturalmente, uma convicção de qualquer tipo de vida a seguir à morte. A evidência psíquica pareceria não concordar nem com a conceção cristã habitual de uma vida futura nem com a rejeição da mesma por parte dos materialistas.

Mas, os cristãos e outros bem podem dizer, esta evidência psíquica vem através de médiuns, e não se pode depositar confiança em pessoas como estas. Terei muito a dizer sobre médiuns mais adiante, mas primeiro gostaria de me referir a alguma evidência de tipo psíquico que veio através de alguém que certamente não seria caraterizado pela maioria das pessoas como um médium.

A minha sogra e o vigário que mencionei não eram médiuns, nem o eram os muitos outros que muito ocasionalmente tiveram experiências estranhas semelhantes que poderiam ser descritas como psíquicas; mas mais impressionante do que a evidência deles para uma vida pós-morte é a produzida por um jovem rapaz cujo diário foi publicado em 1953 sob o nome de The Boy Who Saw True por Neville Spearman, a quem estou grato por me permitir citar deste livro notável.

Este foi um dos primeiros livros sobre assuntos psíquicos que li quando me interessei pelo estudo psíquico. O diário é anónimo, e este facto poderia ter retirado significado para mim se o Rev. Maurice Elliott, o Secretário da Churches' Fellowship for Psychical Study, não me tivesse dito que tinha conhecido o autor e podia atestar a autenticidade do diário.

Aquando da publicação do livro, o autor do diário já tinha morrido, pois não tinha permitido que o seu diário fosse publicado durante a sua vida. Ele nasceu na década de mil oitocentos e setenta e, quando começou a escrever o diário em 1885, é claro que não sabia nada sobre Espiritualismo. A sua família opunha-se fortemente a qualquer coisa de natureza psíquica e acreditava que as suas experiências eram simples fantasias infantis.

Era um rapaz precoce e lia livros de adultos da biblioteca do pai, mas pelo conteúdo do diário é óbvio que eles não continham nada que o ajudasse a compreender as experiências que ele, pelo menos durante algum tempo, considerava naturais e partilhadas por toda a gente, mas que eram na verdade exemplos de um dom invulgar de clarividência.

A pontuação do diário foi melhorada e houve algumas correções ortográficas. Além disso, a maioria dos nomes foi alterada para evitar possíveis constrangimentos entre os parentes e amigos sobreviventes.

O diário começa a 1 de janeiro de 1885, mas só a 19 de fevereiro houve qualquer referência a uma experiência psíquica.

...vi o Tio Willie sentado na cadeira do papá, e a sorrir para nós. E logo nessa altura o papá voltou do trabalho e, depois de nos ter beijado a todos, ia sentar-se, quando eu gritei 'Não te sentes aí, o Tio Willie está sentado nessa cadeira.' E a mamã ficou com um ar todo esquisito, e disse, 'Eu realmente não sei o que vamos fazer com esta criança', e o papá disse, muito zangado, 'Do que estás para aí a falar, rapaz? Ora, o teu Tio Willie está morto há dois anos.'.... Depois de eu estar na cama, a mamã subiu, como faz sempre, para me dar o meu abraço, e disse que queria falar comigo muito a sério. Por isso sentou-se, e disse que os rapazinhos malcriados que contavam histórias tão terrivelmente malvadas como aquela sobre o pobre Tio Willie nunca iriam para o céu, e que eu tinha de prometer nunca nunca mais dizer tais coisas. Tão pronto comecei a chorar, e disse que não era uma história, e que tinha visto o Tio Willie, e que seria uma história malvada se eu dissesse que não tinha visto."

É claro que o diarista não fazia ideia de que tinha visto o Tio Willie por clarividência, e não conseguia perceber por que razão o resto da família não o tinha visto. A criança era muito infeliz na escola, aparentemente devido à severidade excessiva da sua professora. O médico aconselhou os pais a retirá-lo da escola, o que eles fizeram, e contrataram um tutor, o Sr. Patmore. Esta mudança foi um ponto de viragem importante na vida do rapaz, pois o tutor mostrou-se compreensivo em relação às suas experiências psíquicas de uma forma que os seus pais certamente não tinham sido.

A 20 de julho de 1886, o Avô apareceu por clarividência e informou-o de que:—

"|. o céu não é nada parecido com o que as pessoas pensam, e é muito mais agradável. Ele disse-me que mais tarde multidões de pessoas vão acreditar nos espíritos, algo parecido com o modo

como acreditam em Jesus agora, e vão ser todas muito mais felizes e não se vão importar tanto com a morte. Perguntei-lhe se as pessoas ficavam velhas no céu quando tinham morrido velhas? E ele riu-se e disse que não. Disse-me que onde ele estava, as pessoas podiam fazer-se parecer exatamente como queriam parecer. Se gostam de se imaginar com aspeto jovem, parecem jovens, e ao contrário também. Ele diz que se faz parecer velho quando me vem ver, porque se não o fizesse eu não conseguiria reconhecê-lo. Embora o Arnold [um amigo] não se goze de mim por ver coisas, ele disse um dia, 'Se os fantasmas supõe-se serem os espíritos das pessoas mortas, por que é que têm roupas vestidas, porque as roupas não podem ter espíritos?' Por isso pensei em perguntar ao Avô por que é que ele não estava nu, ou por que é que todos os espíritos não estão nus. E isto pareceu dar-lhe muita graça.

Mas não consegui apanhá-lo em falso, ele é demasiado esperto. Ele disse, "Pensas em ti próprio a andar por aí nu?' Por isso eu disse, 'Não, não pensava.' Então ele disse, 'Pois bem, nós também não. Acabei de te dizer, meu rapaz, que parecemos conforme pensamos de nós próprios. É por isso que as pessoas por aqui vestem tantas espécies diferentes de roupas, e por que até eu visto roupas que já não estão na moda contigo no teu mundo.' "

O Sr. Patmore em breve ficou intrigado com a clarividência do rapaz, como mostra o seguinte extrato da entrada de 24 de agosto:—

"Ontem depois do jantar vi um homem na sala, e divertimo-nos imenso com ele. Quando disse ao Sr. Patmore que ele estava lá, ele disse, 'Vamos perguntar-lhe o que ele quer,' e preparou o lápis para apontar tudo em taquigrafia, o que ele sabe fazer um bocado. Por isso hoje deu-me o que tinha escrito para a lição de ditado para eu pôr no meu diário. Vai ser magnífico quando estiver tudo impresso como o Sr. Pepys, embora vá ter de esperar

até ser velho, porque claro que a mamã faria um escarcéu terrível se visse isto....

“A primeira coisa que ele [o espírito] disse foi ‘Olá, Patmore. Quem diria ver-te aqui.’ Depois o Sr. P. perguntou quem ele era. E ele disse, ‘Que pergunta!’ e que o nome dele era Jimmy Cliff, e estava surpreendido por o Sr. P. não o reconhecer. Por isso o Sr. P. ficou muito surpreendido também, e disse que ficava parvo, mas que claro que não o podia reconhecer, porque não podia ver pessoas que estavam mortas, embora ache que ele disse outra palavra. E agora vou escrever o que o Sr. P. me deu para o ditado, o que foi bastante fácil porque o Sr. Cliff não usava palavras tão compridas como o avô. O Sr. Patmore diz que posso pôr P. para Patmore e C. para Cliff se quiser, para poupar tempo. Por isso é isso que vou fazer, embora não vá parecer muito bonito sem os senhores.

O que está para aí a escrever?

Estou a escrever o que está a dizer.

Com que diabo para quê?

Porque quero lembrar-me do que nos diz.

Que disparate.

De todo, estou interessado. Estou muito contente por ter vindo. Mas o que lhe deu a ideia?

C. Gosto do sítio e queria vê-lo outra vez. Fui eu que lhe falei sobre estes quartos. [O rapaz estava de férias em Harlech com o Sr. e a Sra. Patmore.]

P. Sim, eu sei que sim. Diga-me, como se está a sentir?

C. Nunca me senti melhor na minha vida fisicamente, mas mentalmente — bem, pareço estar um bocado confuso. É estranho como o diabo.

P. O senhor costumava ser Agnóstico. Suponho que alterou as suas opiniões agora?

C. Claro que não alterei. Por que haveria de alterar?

P. Porque deve saber que há uma vida depois da morte agora.

C. Não sei nada do género, e não acredito em nenhuma das pessoas que me dizem todo esse disparate. Quem é este jovem rapaz, já agora, e por que é que ele tem de lhe repetir tudo o que eu digo?

P. Porque ele consegue vê-lo e ouvi-lo, e eu não consigo.

C. Ficou cego e surdo?

P. Claro que não. Mas o senhor é agora um espírito, e eu não consigo ver espíritos.

C. Eu não sou um espírito. Não acredito em espíritos e nunca acreditei.

P. Mas de certeza que não pode pensar que ainda está nesta terra? Não se consegue lembrar do que aconteceu?

C. Lembro-me de me sentir infernalmente doente. Depois perdi a consciência, e depois disso acordei a sentir-me melhor do que nunca.

P. Sim, e depois o que aconteceu?

C. Olhe aqui, Patmore, eu ressensio todo este interrogatório e o facto de estar a escrever tudo o que digo como um polícia.

P. Desculpe, meu caro Cliff, mas estou muito interessado. O senhor não parece perceber que é aquilo a que nós aqui em baixo chamamos morto, embora eu aprecie o facto de se sentir muito mais vivo.

C. Não há aqui em baixo nenhum. Fala como se eu estivesse num pé de nuvem e o senhor estivesse em baixo. Nunca ouvi tal palhaçada. A única coisa que se passa comigo é que às vezes a minha vista e a minha audição parecem um bocado esquisitas.

P. Quer dizer talvez que parecemos um bocado esbatidos para si e soamos um bocado distantes?

C. Sim, num certo sentido.

P. Isso é porque o senhor é um espírito e nós ainda temos corpos físicos.

C. Recuso-me a acreditar que sou um espírito. Não existem espíritos. Quando morremos é o nosso fim. Tu aborreces-me. Sempre me aborreceste quando começávamos a falar sobre este assunto, porque não queres encarar os factos. Não podes dar a volta à ciência, e a ciência declara que evoluímos dos macacos. Vou-me embora. Já me farto deste argumento fútil. Nunca nos convenceremos um ao outro, por isso de que serve falar? Adeus.

"Quando ele se pôs a andar, o Sr. Patmore fez uma cara engraçada e disse que ele não tinha mudado nada e que continuava sempre assim quando era vivo."'

Outros casos de pessoas que não têm consciência de ter morrido são descritos mais adiante neste livro. A 19 de outubro o Avô veio, desta vez para encorajar os que estão na terra a orar por outros que morreram. Por esta altura a Sra. Patmore tinha passado a partilhar do interesse do marido pelas comunicações, mas nenhum deles disse nada sobre estas últimas aos pais do rapaz.

"Durante os biscoitos esta manhã tivemos ocasião de pensar no avô, e eis que ele apareceu de repente e transmitiu algumas coisas. Tínhamos acabado de ter história sobre os protestantes se separarem dos católicos e os católicos dizerem missa pelos mortos e tudo isso, e estávamos a perguntar-nos o que o avô e os espíritos pensavam sobre isso.

"Então, de repente, vi o velho avô, e ele disse que os protestantes fizeram muito mal em não orar pelas pessoas quando elas estão no que chamamos mortas, porque as orações desinteressadas são pensamentos bonitos e fazem uma luz linda ao redor dos espíritos e ajudam-nos muito e deixam-nos saber que

também estamos a pensar neles, o que lhes dá prazer e lhes lembra que não estão esquecidos.

"O avô disse que a culpa é dos párocos por tantas pessoas não orarem pelos espíritos, porque muitos deles fingem que quando morremos vamos dormir até ao dia da ressurreição, o que o avô diz ser tudo tretas e disparates. Ele disse que quando estava na terra se sentia muito mais morto do que vivo, mas agora que é suposto estar morto, sente-se muito mais vivo do que morto. Estive justamente a pensar que se a mamã soubesse das nossas entrevistas com o avô e de tudo o que ele nos conta, pensaria que ele era o diabo vestido com as roupas do avô e vindo para nos tentar. Parece realmente uma tolice. Se ao menos a mamã conseguisse abrir-se como o Sr. e a Sra. P. para estas coisas seria tão mais agradável, seria mesmo."

O diário continuou por mais um ano e, na sua totalidade, preenche duzentas páginas. Não se ocupa de modo algum apenas com a comunicação psíquica, e proporciona um vislumbre fascinante da vida num lar bastante abastado do final da era vitoriana, visto através dos olhos de um rapaz pequeno. Citei apenas uma pequena parte das experiências psíquicas deste rapaz, particularmente aquelas que ele teve antes de ficar sob a influência do seu tutor, depois de este último, através da clarividência da criança, se ter interessado pelo Espiritualismo.

O diarista, pelo que sabemos da sua vida posterior, era enquanto adulto mais um Teósofo do que um Espiritualista. O meu propósito ao apresentar os extratos acima do diário é mostrar como um rapaz, antes de ficar sob qualquer influência adulta, recebeu por via psíquica informação sobre a vida depois da morte que está em estreito acordo com a informação de muitas outras fontes psíquicas. Se a origem das suas experiências psíquicas não foi o que pretende ser, qual é a explicação para estas experiências?

Esta é uma pergunta difícil de responder. Há quem concorde com a Mamã nas suas suspeitas sobre o diabo no que respeita a quaisquer supostas comunicações do além desta vida, e alguns investigadores psíquicos poderiam sugerir que a telepatia de alguma mente terrena poderia fornecer a explicação. Tudo o que se pode dizer com certeza é que há pessoas que acham tal evidência convincente, enquanto há outras que não acham.

Deveria mencionar que comunicações semelhantes às descritas no diário foram relatadas como tendo sido recebidas por outras crianças jovens; mas, tanto quanto sei, nenhuma delas tinha a veia literária do Rapaz Que Via a Verdade.

DOIS

O Ensino da Igreja e o Estudo Psíquico

Foi uma demonstração de hipnose que despertou pela primeira vez a minha curiosidade sobre certas capacidades espantosas da mente das quais eu estava inteiramente inconsciente. Comecei a ler livros sobre hipnose, e isto levou-me a livros sobre fenómenos psíquicos, alguns dos quais têm ligação com o hipnotismo.

Tanto eu como a minha esposa ficámos fascinados pelo assunto e, juntos, lemos literalmente dezenas de livros sobre questões psíquicas, a maioria requisitados na Biblioteca de Rugby. Éramos quase completamente acríticos na nossa abordagem ao estudo psíquico. Não conhecíamos ninguém para nos aconselhar na escolha dos livros, e limitávamo-nos a ler tudo o que conseguíamos arranjar. Não havia nenhum escrito por pessoas dedicadas à investigação séria. A maioria deles tratava de comunicações mediúnicas, alegadamente de pessoas que tinham morrido.

O meu interesse era em parte profissional. Durante a vida paroquial tinha chegado à opinião de que uma proporção considerável dos frequentadores da igreja não tinha uma crença

real nas afirmações finais do Credo dos Apóstolos e do Credo Niceno, os dois credos que são regularmente usados na Igreja Anglicana. O primeiro termina com estas palavras:— "...a ressurreição do corpo, e a vida eterna." O último tem como frase final:— "Espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir."

Os credos, naturalmente, refletem o ensino de Jesus tal como se encontra no Novo Testamento. Sobre nada as Suas afirmações são mais percetíveis do que sobre a continuação da vida depois da morte, cuja demonstração foi fornecida pela Sua ressurreição.

A minha sensação de que este ensino cristão era recebido com ceticismo por muitos daqueles que se diziam cristãos foi apoiada por sondagens de opinião pública sobre o assunto. Apenas cerca de cinquenta por cento dos 'membros ativos da igreja', relatava uma delas, tinham qualquer convicção de que iriam vivenciar a vida de qualquer tipo depois de terem morrido.

Isto devia-se em grande parte às descobertas da ciência durante o último século ou por aí além. Darwin, sem ter essa intenção, tinha desferido um golpe devastador na religião. E cientistas posteriores vieram a sentir que tinham de definir o universo de uma forma completamente materialista. O quadro que desenharam não deixava espaço para Deus e para uma vida vivida depois da morte. A maioria das pessoas, apesar disto, ainda conserva um tipo vago de crença numa Divindade, e apela a Ela instintivamente em momentos de crise. Os membros da igreja continuam a orar-Lhe regularmente — mas até imaginar a possibilidade de uma vida para lá da morte é outra questão.

O livro de orações da Igreja de Inglaterra é de pouca ajuda nesta direção. O quarto dos Trinta e Nove Artigos no fim do livro é o seguinte:— '"Cristo verdadeiramente ressuscitou da morte, e tomou de novo o Seu corpo, com carne, ossos e todas as coisas pertencentes à perfeição da natureza do homem; com o qual ascendeu ao céu, e lá está sentado, até que volte para julgar todos

os homens no último dia."' O Credo de Atanásio, o terceiro dos credos da Igreja Anglicana, diz:— "Todos os homens devem ressuscitar com os seus corpos."

Portanto, parece que a Igreja acredita que não só Cristo vive no céu com um corpo completamente físico, mas que é isso que nós faremos também — caso a nossa vida terrena anterior seja de virtude suficiente. Para qualquer pessoa pensante isto é inconcebível. Não havia tais dificuldades nos dias em que o Livro de Orações foi escrito, mas os pensamentos do século vinte são muito diferentes daqueles do mundo medieval.

Penso que a Igreja é muito de culpar por permitir que a conceção de um céu material povoado por corpos humanos físicos permaneça — ou pareça permanecer — como parte da sua teologia. Não consigo imaginar nenhum elemento da sua hierarquia a acreditar em tal nonsense.

Eu certamente nunca tinha pensado numa vida futura desta natureza, embora nunca tivesse duvidado de que a vida depois da morte fosse uma realidade. Agora estava a ler livros que descreviam pelo menos a primeira etapa da vida depois da morte e, mais do que isso, as descrições eram dadas por aqueles que estavam a viver essa vida — ou assim afirmavam esses livros.

Os canais que eram usados para transmitir esta informação eram médiuns, embora muitos deles tivessem renegado o nome — e certamente eram diferentes da imagem popular de um médium. Não ganhavam a vida com os seus dons psíquicos; não que haja necessariamente algo de errado nisto. Eram pessoas a quem chegava sem ser solicitada a informação que eles acreditavam emanar do 'outro mundo', e que convertiam esta informação na palavra impressa. Nenhum destes livros se tornou jamais um best-seller. Não se encontravam nas livrarias, exceto naquelas que tratavam de literatura psíquica. A grande maioria das pessoas nunca tinha ouvido falar deles, por isso é extremamente

improvável que os seus autores tenham obtido muito ganho financeiro com eles.

Nem eu nem a minha esposa lemos estes livros com a ideia de tentar encontrar provas da sobrevivência à morte. Lemo-los porque muito do que eles continham tinha o cunho da verdade. Ajustava-se ao que acreditávamos sobre religião; não contradizia nada do que era o nosso entendimento do Novo Testamento. Pelo contrário, iluminava uma grande parte do ensino cristão e tornava realidade o que anteriormente tinha sido um conceito bastante nebuloso.

Por que é a Bíblia o livro mais lido em tanto do mundo? Não é simplesmente porque a Igreja declara que é divinamente inspirada, mas porque há algo nela, e particularmente nos Evangelhos, que apela ao coração e à mente como autêntico; conformando-se com o que o espírito humano sente ser verdade sobre a vida.

Eu não compararia os livros que estávamos a ler com a Bíblia, mas eles causavam-nos um tipo de impacto semelhante. Vim a saber desde essa altura que foi publicado um grande monte de lixo sobre o assunto da vida depois da morte, e fomos afortunados ao ler os de maior qualidade — graças, suponho eu, ao critério da comissão da biblioteca que escolheu os livros para as suas prateleiras.

A Igreja, em geral, olha com maus olhos para o estudo psíquico, e há razão para a sua desaprovação. É tanto o material psíquico escrito e publicado que não só não vale a pena ser lido, mas também pode demasiado facilmente enganar o leitor ingénuo e resultar nos efeitos mais lamentáveis sobre a sua vida.

Por outro lado, não se deve esquecer que, por vezes, a leitura da Bíblia foi seguida pela fundação de seitas estranhas que tiveram os efeitos mais prejudiciais sobre os seus membros. O estudo psíquico não carece dos seus perigos. Precisa de orientação por parte daqueles que estão bem versados no assunto — como de

resto acontece com o estudo da Bíblia. Mas penso que a Igreja é demasiado severa na sua condenação generalizada do assunto. Onde há a possibilidade do mal, o oposto é igualmente verdadeiro.

A Igreja parece muito negativa na sua consideração de matérias de natureza transcendente. Há muito que é misterioso na vida. Quando algo de mau, que não é facilmente explicável, aparece no comportamento de alguém, a Igreja é propenso a atribuir isso à influência de Satanás ou de espíritos malignos. Quando a vida de alguém é súbita e obviamente mudada para melhor, Deus pode com razão ser pensado como estando por trás da mudança, mas a possível influência de anjos ou bons espíritos — 'o funcionalismo público celestial de Deus', como o meu amigo Cónego John Pearce-Higgins por vezes lhes chamava — nunca é mencionada.

Poderes malignos invisíveis são frequentemente invectivados pelo clero, contudo os seus homólogos que estão do lado de Deus, por assim dizer, são ignorados. Encontro esta atitude refletida na atitude de um grande número de igrejas em relação à vida e à religião em geral. A pecaminosidade humana é abordada com grande extensão, e seria certamente tolo ignorá-la como a psicologia moderna se inclina a fazer. Mas a bondade e a compaixão humanas são menos enfatizadas pelas igrejas.

Para a maioria dos não-cristãos a crucificação de Jesus deve parecer o facto central da fé cristã, com a Cruz como seu símbolo. Os primeiros cristãos, mas não alguns dos posteriores, penso eu, tinham uma ideia melhor do que é a religião. Não tinham cruzes vazias nem crucifixos com um Cristo sofredor ou morto. As primeiras cruzes mostravam um Jesus vivo e vitorioso, trajado com vestes reais, o que simbolizava a Sua conquista do pecado e da morte.

Demasiados cristãos encaram a vida de forma negativa, como sendo dominada pelo mal, quer na terra quer nas regiões etéreas, e

é verdade que Jesus ensinou que a experiência humana terrena não é um mar de rosas. Mas acima de tudo Ele era positivo na sua convicção de que um Deus bom era dominante, apesar de todas as aparências, quer neste mundo quer além.

Não há razão básica para que aquilo que se aprende através de canais psíquicos deva ser atribuído a uma fonte má em vez de a uma boa. É imprudente afirmar que deve vir sempre de uma ou de outra. Mas a incerteza não deve precludir a investigação cuidadosa dos fenómenos, por muito estranhos que possam ser frequentemente.

É em parte porque tanto no estudo psíquico é estranho, e de todo não compreendido pela ciência, que um grande número de clérigos atribui os seus fenómenos a uma origem diabólica. Para eles, qualquer coisa essencialmente esquisita é suspeita, como sendo o trabalho provável do diabo. Mesmo que alguém seja curado de alguma enfermidade corporal que os médicos diagnosticaram como incurável, se a cura não for rotulada como 'cura divina', abençoada pela autoridade da Igreja, eles sentem que bem pode ser Satanás o responsável.

Pessoas como estas ajudam a dar à investigação psíquica o mau nome que por vezes imerecidamente tem. Há outras pessoas que pensam que é errado envolver-se na investigação psíquica porque Deus não tenciona que devamos complementar a nossa fé com um modismo de conhecimento. Acho esta ideia ilógica.

Aqueles primeiríssimos cristãos que construíram a Igreja eram homens e mulheres de notável fé, e enfatizavam a importância desta virtude. Mas a sua fé não vinha da leitura do Novo Testamento, que ainda não tinha sido escrito, nem essencialmente do que é habitualmente chamado de 'experiências religiosas'.

A sua fé baseava-se naquilo de que estavam convencidos ser evidência do tipo mais sólido. Alguns deles tinham partilhado a vida terrena de Jesus, e outros tinham visto os milagres que Ele

tinha realizado. Tinham-no visto e falado com Ele depois da Sua ressurreição. Não tinham dificuldade nenhuma em acreditar na nova fé. Sem estas testemunhas em primeira mão a religião cristã não teria começado.

Por que haveria de se pensar que Deus quer tornar tudo tanto mais difícil para nós hoje, na sociedade fria e científica em que vivemos? Poderá Deus regatear-nos o conhecimento para ajudar a fortalecer a nossa fé nesta era materialista? Pareceria ser extremamente improvável. No entanto, como disse, a informação que é recebida por via psíquica deve ser escrutinada tão minuciosamente quanto for praticável, para determinar se são possíveis ou prováveis explicações alternativas.

Há mais de dez anos escrevi um livreto que era uma introdução ao estudo psíquico. O meu bispo, o Bispo de Coventry, que nessa altura era Cuthbert Bardsley, escreveu um prefácio para ele. Nele está o seguinte:—

"O assunto é um dos que tem sido lamentavelmente negligenciado pela Igreja, com o resultado de que pessoas tolas e insensatas têm tendido a dar-lhe voltas doentias e não naturais. Assim, muitas pessoas sanas têm sido impedidas de exercitar as suas mentes no campo da investigação psíquica.

"Espero que este livreto faça algo para restaurar o equilíbrio, e mostrar que a experiência psíquica da nossa era atual pode ser, como diz o Sr. Barham, 'uma espécie de nova revelação de Deus para combater e superar o materialismo de hoje.'"

Antes de conhecer o Dr. Bardsley, quando ele se tornou Bispo de Coventry em 1956, ele já tinha tido um interesse na investigação psíquica durante muitos anos. Mantive o bispo atualizado, tanto quanto possível, sobre casos contemporâneos de especial significado, e emprestava-lhe livros que achava serem de valor particular. O seu livro geral favorito sobre o assunto era The Imprisoned Splendour, de Raynor C. Johnson, um cientista que

era Reitor do Queen's College, Universidade de Melbourne (Hodder & Stoughton 1953).

Este é um excelente livro, e ainda vale muito a pena ler embora esteja de certo modo ultrapassado pela investigação feita desde a altura em que foi escrito.

O livro favorito do bispo relacionado principalmente com a evidência para a sobrevivência à morte era Beyond the Horizon, de Grace Rosher (James Clarke & Co. Ltd. 1961). Emprestei este livro ao bispo logo após ter sido publicado, e ele deu-o a ler a alguns dos seus amigos, já que ficou particularmente impressionado por ele.

Um destes leitores foi um almirante muito velho, de quem quase todos os parentes e amigos já tinham morrido. Depois de ter lido o livro, ficou completamente convencido da conveniência de entrar na vida que se segue a esta. O bispo contou-me que ele o deixava um pouco embaraçado quando conversavam juntos no seu clube, ao dizer numa voz muito alta, como as pessoas que estão tão surdas como ele estava têm tendência a fazer, o quanto desejava morrer, para se juntar àqueles que lhe eram caros.

Foi algum tempo depois disto que se organizou uma conferência, de que o meu bispo foi o presidente. Muito surpreendentemente foi organizada pela Comunidade da Ressurreição, um corpo muito influente da Igreja Anglicana. Foi surpreendente porque a conferência se ocupava de vários assuntos psíquicos, incluindo a cura não médica e a mediunidade de diferentes tipos. No último dia, a palestra final da conferência devia ter sido dada por Grace Rosher, mas ela estava doente e eu, como amigo dela que tinha feito um estudo do caso, fui convidado para tomar o seu lugar.

Contei a história dela, e respondi a perguntas o melhor que pude. Um pouco mais tarde, um bispo escocês aproximou-se de mim e disse-me em privado que era aquela a evidência pela qual estivera à espera — evidência não para seu próprio benefício, mas

para benefício daqueles na sua diocese que se encontravam incertos e ansiosos quanto à natureza da existência pós-morte.

Direi algo aqui sobre a experiência invulgar da Miss Rosher, mas não entrarei em pormenores, visto ter descrito o caso no meu livro, Strange to Relate (New Horizon 1980).

Grace Rosher acreditava que o seu noivo, Gordon Burdick, que tinha morrido em 1956, começara, no ano seguinte, a comunicar com ela através daquilo que é popularmente conhecido como 'escrita automática'. Esta escrita descrevia o tipo de vida que ele vinha a viver desde a sua morte, e as condições gerais que vigoravam no seu novo mundo. Não havia nada de particularmente novo, penso eu, nestas comunicações. Relatos muito semelhantes da vida depois desta podem ser encontrados em muitos livros. O que era diferente na experiência da Miss Rosher, comparada com a de quase todos os outros escritores, era que o seu caso fornecia evidência confirmatória que alguns investigadores acharam ser de natureza convincente.

TRÊS
Grace Rosher e Gordon Burdick

O essencial desta evidência era que as comunicações da Miss Rosher, alegadamente vindas de Gordon Burdick, não estavam na caligrafia de Grace Rosher, mas numa que era significativamente comparável com a escrita de Gordon antes de morrer. Não havia apenas uma semelhança geral, mas uma correspondência extraordinária, para a qual um dos principais peritos em caligrafia do país não conseguiu encontrar explicação ortodoxa. Os críticos, naturalmente, sugeriram que a Miss Rosher estava a reproduzir subconscientemente uma caligrafia com a qual estava extremamente familiarizada. Mas o perito, após um exame

minucioso e de facto microscópico do que tinha sido escrito, disse que isso era inteiramente impossível, por muito provável que pudesse parecer àqueles com pouco ou nenhum conhecimento de grafologia.

Mais tarde neste caso estive envolvido em outra investigação realizada pelo grafólogo na qual um fenómeno semelhante tinha tido lugar, mas com uma diferença. Desta vez o comunicador era completamente desconhecido de Grace Rosher, o que confunde bastante os críticos anteriores.

Não seria adequado num livro deste tipo entrar numa longa exposição sobre a possível natureza de uma vida futura, usando a evidência da investigação psíquica. Como disse, há um grande número de livros que foram escritos sobre isto, e os melhores — embora isto seja, naturalmente, um juízo subjetivo da minha parte — estão em substancial acordo. Aqueles que entram em grande pormenor, dando uma descrição quase hora a hora, acho-os não convincentes. Seja qual for o tipo de existência que possamos vivenciar depois desta vida, é forçoso que seja diferente em tantos aspetos que, na minha opinião, apenas generalidades podem filtrar até nós, mortais agarrados à terra.

Temos alguma ideia do aspeto da lua, e em muito menor escala sabemos algo sobre o aspeto de alguns dos planetas. Vimos imagens de televisão deles e, no caso da lua e de Marte, não parecem diferentes da terra e, portanto, não são difíceis de compreender. Mesmo as imagens de televisão mais nebulosas de alguns planetas além de Marte são compreensíveis na medida em que o que mostram é material; isto é, composto por substâncias com as quais estamos familiarizados na terra.

Mas quando penso sobre a natureza da vida depois da morte, lembro-me frequentemente de um comentário que M. Piccard fez após a sua descida numa batisfera em 1959 a uma profundidade

do mar muito além do que tinha sido alcançado anteriormente. Ele disse a um entrevistador que o que tinha visto era tão diferente de tudo o que fora contemplado antes por um ser humano que qualquer descrição pormenorizada era impossível. Ele tinha tido uma experiência magnífica, mas uma experiência que era literalmente indescritível.

Quão improvável deve ser, portanto, que alguém que tenha deixado esta vida terrestre possa ser preciso no que nos conta da sua nova existência. O máximo que se pode procurar, penso eu, é alguma compreensão dos princípios gerais que regem a vida depois desta — desde que, naturalmente, as comunicações sejam aquilo que pretendem ser.

No que se segue neste capítulo, e nos capítulos subsequentes, no que respeita a comunicações mediúnicas, por uma questão de brevidade haverá um uso mínimo de termos como ‘pretendido’, ‘alegado’ e ‘reivindicado’.

Por vezes pode parecer que estou completamente convencido da verdade de alguma informação recebida por via psíquica, mas seja qual for o valor de qualquer comunicação que possa vir de outra esfera de vida, gostaria de enfatizar que não há maneira possível e cientificamente aceitável de provar a sua origem não terrestre.

Poderia ser de interesse acrescentar que os cientistas dos dias de hoje não são nada dados a usar a palavra ‘prova’, como o público em geral supõe. São com razão muito mais cautelosos do que os cientistas dos séculos anteriores. Esses cientistas estavam muitas vezes confiantes de que tinham dito a última palavra sobre o seu assunto particular. Agora percebe-se que quanto mais se descobre mais há para aprender, e que até aquilo que parecia ser uma verdade fundamental pode ocasionalmente descobrir-se ser falso.

Outra coisa que acrescentaria é que, por mais real e honesto que um comunicador possa ser, e por mais dotado que um médium se revele, pode haver uma contribuição da mente inconsciente deste último que poderia distorcer a comunicação. É aqui que a comparação de várias comunicações de diferentes médiuns pode ser útil, embora se deva ter em mente que um 'quadro psíquico' geral do outro mundo é possuído pela maioria dos médiuns através do que lhes foi dito ou do que leram.

A Miss Rosher, por acaso, tinha muito pouco conhecimento de matérias psíquicas. Era uma anglicana devota, com perspetivas religiosas bastante convencionais. O que tinha lido casualmente em jornais ou revistas sobre fenómenos psíquicos tinha achado desagradável, se não repelente.

Quando a escrita tão semelhante à de Gordon Burdick surgiu — de forma bastante espontânea, pois Grace não tinha intenção de tentar produzir o fenómeno —, ela ficou bastante desconfiada quanto à sua origem. Tinha lido alguma psicologia e estava ciente de que a sua mente inconsciente poderia ser responsável pelo que estava a acontecer. Resolveu que se o relatório do grafólogo apoiasse esta explicação poria fim à escrita; mas como as conclusões dele descartaram a teoria, ela continuou, e finalmente o seu livro foi publicado e despertou um grande interesse.

Lembro-me de a ver numa entrevista de televisão. Colocaram-na num canto do estúdio e instruíram-na a tentar obter uma comunicação de Gordon enquanto outra pessoa estava a ser entrevistada. Mal preciso de dizer que nenhuma escrita apareceu. A ignorância dos meios de comunicação quanto às condições em que é provável que os fenómenos psíquicos apareçam é bastante notável, mas naturalmente esta ignorância está generalizada.

Foi pouco depois disto que fui ver um bispo (não o meu próprio Bispo de Coventry) a propósito de um artigo que ele queria que eu escrevesse para o The Church Times sobre investigação psíquica. Infelizmente nessa altura o jornal não consideraria um artigo sobre um assunto tão duvidoso, pelo que nunca foi publicado.

Durante a nossa conversa o bispo mencionou que escassos dias antes Grace Rosher tinha vindo vê-lo, a pedido dele. Tal como o entrevistador da B.B.C., o bispo sem qualquer aviso pediu-lhe que produzisse a caligrafia de Gordon enquanto ele observava. Novamente nada aconteceu. Expliquei ao bispo que aquela não era a maneira de o fazer, e me permiti sugerir que visse Grace novamente, mas desta vez combinando com antecedência um encontro, por assim dizer, com Gordon. A minha sugestão foi seguida e a escrita, que tanto interessou o bispo, apareceu.

Eis alguma da informação que foi recebida de Gordon, e que poderia ser emparelhada por relatos semelhantes de outras fontes comparáveis:—

Quando uma pessoa que viveu uma vida razoavelmente ‘boa’ morre, ao recuperar a consciência é recebida por aqueles que lhe são caros e que morreram anteriormente. Há exceções a isto, como menciono mais adiante neste livro.

O novo meio envolvente que é vivenciado é tão semelhante ao da terra na aparência, e o corpo daquele que acabou de morrer, e os corpos dos outros, parecem tão semelhantes ao que eram antes da morte, que às vezes há dificuldade em perceber que a morte, de facto, ocorreu. Isto acontece mais frequentemente quando a morte foi súbita e inesperada. Quando há uma perceção plena da verdade da matéria, vive-se uma vida muito semelhante à

da terra, embora este aspeto mundano da nova vida seja apenas temporário.

Esta vida semelhante à da terra será sucedida mais cedo ou mais tarde — sendo o tempo determinado pelo progresso espiritual — por, por assim dizer, uma segunda morte, que é na realidade um despertar para um estado de consciência mais elevado, onde aparências terrestres são desnecessárias, e mais progresso espiritual pode ser feito. Gordon trata deste assunto da seguinte forma:—

"Sabes que há muitas esferas diferentes neste mundo, muitas delas muito mais elevadas do que aquela em que eu e os da minha família e da tua estamos agora a viver. Estas esferas são todas muito mais bonitas do que até esta e aqueles que lá vivem são todos mais elevados espiritualmente do que nós que só recentemente viemos para este mundo.

Pouquíssimos daqueles que conheci alguma vez entraram nestas esferas mais elevadas e mesmo assim apenas para uma visita curta. A atmosfera é tão rarefeita e a luz tão brilhante que não se poderia suportar por muito tempo. É preciso ter-se ficado mais habituado à vida neste plano espiritual de pensamento e crescido em espiritualidade antes que se possa prosseguir para o plano seguinte e mais elevado.... Não sei quanto tempo demora a qualificar para entrar numa destas esferas mais elevadas, mas provavelmente centenas de anos de tempo terrestre. Estou no presente muito satisfeito com esta e sem pressa de me mudar para mais acima o que, sem dúvida, mostra que estou muito longe de estar pronto para o fazer!

Para voltar mais uma vez às esferas Celestiais, embora não possamos entrar nelas até estarmos prontos, aqueles Seres mais elevados que lá vivem podem visitar as mais baixas como a nossa, e aquelas que são mais baixas ainda. Quando vêm para os planos

abaixo deles é para ajudar e ensinar. Estão mais perto dos anjos que são os mensageiros de Deus. Existem realmente anjos e são Seres não apenas pensamentos, mas Seres de uma ordem mais elevada do que nós próprios, isto é, do que seres humanos ordinários."

Depois de todos os estados de consciência mais avançados terem sido vivenciados, finalmente há a união com Deus.

É apenas do primeiro estágio da vida pós-morte que vêm comunicações que podem parecer convincentes. Como colori acima, mesmo nestes casos há provavelmente apenas descrições aproximadas. Os estágios posteriores de consciência parecem ser quase completamente indescritíveis, embora ocasionalmente tenham sido feitas tentativas.

Foi dito a Grace Rosher que, depois da morte, a vida não era de modo algum aborrecida. "Este não é um lugar macambúzio," escreveu Gordon. "A vida é cheia de interesse e atividade. Então pode-se estudar, há tanto para aprender, pode-se pegar no estudo de assuntos que se queria estudar na Terra e nunca se teve tempo. Quando vieres para aqui podes continuar com o teu canto e pintura e qualquer outra coisa que queiras fazer."

A religião, embora não de um tipo formal, desempenha um papel muito proeminente:—

"Passamos de um mundo em constante mudança onde nada é permanente para um mundo imutável onde finalmente encontramos permanência e estabilidade. Vemos a vida a estender-se diante de nós sem fim num universo cheio de possibilidades e oportunidades maravilhosas. Viemos para um mundo onde Deus é plenamente percebido como uma Presença muito viva, invisível mas muito próxima, e somos apanhados com uma compreensão maravilhosa do amor infinito de Deus que

abarca toda a criação, e assim ficamos perdidos em maravilha, amor e louvor quando percebemos que esta é a vida como era pretendida para todos herdarem.

Contudo aqueles que desperdiçaram ou degradaram as suas vidas na terra não podem entrar nesta vida feliz ao início, não até terem aprendido as suas lições e redimido o passado. Todos temos de trabalhar a nossa própria salvação mais cedo ou mais tarde num mundo ou no outro, e nenhum outro o pode fazer por nós."

Isto é um lembrete de que de modo algum todos, quando morrem, entram numa vida de felicidade.

"Se um homem ou mulher tiverem vivido vidas muito egoístas e nunca se tiverem importado com ninguém a não ser com eles próprios, encontram-se — muitas vezes para sua grande surpresa — em meios envolventes muito sórdidos e com pessoas do mesmo tipo. Ficam habitualmente muito desgostosos, e tem de lhes ser explicado que é obra deles próprios. 'Conforme o homem semeia, assim colherá.' É dito a estas pessoas que podem melhorar a sua sorte se quiserem, mas têm de começar exatamente onde estão, aprendendo a ser bons vizinhos.

Depois podem ir e dar ajuda àqueles cuja sorte na vida foi tornada mais dura pela sua ganância e egoísmo. Quando veem — como podem ver — o mal ou sofrimento que causaram ficam muitas vezes muito arrependidos e envergonhados e querem fazer reparações. Esse é o início do progresso espiritual."

Mas nem todos aqueles que viveram vidas que parecem estar espiritualmente falidas têm de passar por um período de sofrimento.

"Há outros que viveram vidas duras e cruéis, porque nunca souberam nada melhor; não souberam nada de Deus como um Pai

amoroso. São bastante ignorantes quanto a verdades espirituais. A vida para eles foi meramente uma luta pela existência e são pouco melhores do que animais no seu modo de viver. São muitas vezes as vítimas da 'Inumanidade do homem para com o homem'.

Estas pobres almas precisam de amor mais do que a maioria e é maravilhoso ver como respondem à ternura que lhes é mostrada. Não querem voltar aos seus antigos caminhos. A vida é uma revelação para eles, um mundo de maravilhas de que não tinham conceção. Às vezes tenho estas pessoas para lidar e são as mais fáceis de ajudar e ensinar. O amor é algo que nunca lhes tinha sido mostrado. Maravilhar-te-ias com os diferentes tipos de humanidade a jorrar para aqui continuamente, cada um tratado separadamente de acordo com a sua necessidade especial."

Terminarei este esboço sumário da nossa possível existência futura com a resposta de Gordon à pergunta de Grace, "É o vosso mundo um mundo de ilusão?"

"SÓ posso dizer que o mundo de ilusão é criado pensando em termos do finito e material. O Espírito não é uma ilusão, é verdadeiro e real, por isso quando passamos a pensar em termos da natureza espiritual da vida e de todo o Universo, já não estamos a viver num mundo de ilusão ou irrealidade. Penso que na nossa vida terrestre estamos muitas vezes a viver num mundo ilusório porque a natureza transitória da própria vida é uma ilusão e colocamos demasiada importância nas coisas que parecem reais, mas não são. Encontro que neste mundo real temos uma sensação de permanência e o medo da perda já não está na nossa consciência."

Não encontrei nada nas comunicações que a Miss Rosher recebeu que seja contrário aos ensinamentos éticos de Jesus. Pelo contrário, enfatizam-nos e ajudam-nos a compreender as suas implicações.

Há certos pontos teológicos que Gordon faz que poderiam ser pensados por alguns como não sendo ortodoxos, embora não tenha ouvido críticas a este respeito. É particularmente significativo, penso eu, que vários membros da Comunidade da Ressurreição, um corpo de considerável erudição teológica, tenham ficado extremamente impressionados pelo livro que a Miss Rosher escreveu, e a tenham convidado mais do que uma vez para ir falar com eles. Não sei se questionaram a teologia das comunicações. Não me falaram de tais dúvidas quando conheci alguns deles. Pode ser, naturalmente, que Gordon não estivesse muito adiantado em conhecimento teológico — na verdade ele admitiu isso mesmo. Como o Cónego Pearce-Higgins escreveu na sua introdução ao livro, "as comunicações dadas nestas matérias [teológicas] só serviriam para acentuar a importância de não atribuir 'omnisciência' àqueles que passaram para o outro lado comparativamente há pouco tempo".

Antes de terminar este capítulo, deveria acrescentar uma palavra de aviso. Qualquer pessoa que tenha feito um estudo de matérias psíquicas sabe que pode haver perigo muito real na experimentação deliberada na escrita automática, e também naquela que é vulgarmente chamada 'inspirada'. Tenho experiência pessoal e infeliz disto; não que eu tenha tentado nada nessa direção eu próprio, mas um amigo meu infelizmente tentou.

Era um vigário que eu conhecia bem, e de quem Janet e eu éramos particularmente amigos. A sua irmã descobriu que era capaz de produzir escrita automática, e continuou a fazê-lo 'por brincadeira'. De forma imprudente ele decidiu tentar fazer o mesmo. Num certo sentido foi extremamente bem-sucedido. Observou a sua mão escrever, sem qualquer esforço consciente da sua parte, mensagens que, declaravam elas, eram de espíritos exaltados perto de Deus. Ele acreditou nisto e em breve deu por si a escrever, desta forma, cartas grosseiramente injuriosas, que os

espíritos insistiam que ele enviasse a certas pessoas eminentes, incluindo entre elas o seu bispo.

A minha esposa e eu, a quem ele confidenciou tudo isto, percebemos que os espíritos em questão eram ou entidades malignas de outro reino do ser ou, muito mais provavelmente, produções da mente inconsciente do nosso amigo. Tacteante e com tato tentámos convencê-lo disto; ao que recebemos imediatamente uma mensagem bastante indelicada nós próprios! As cartas escandalosas foram enviadas, com o resultado de que a carreira de um padre muito amado pelos seus paroquianos terminou. Algum tempo depois ele percebeu o seu erro, mas por essa altura o estrago estava feito.

QUATRO
O Relatório da Maioria

Em 1937, Cosmo Lang, o Arcebispo de Cantuária, nomeou uma comissão para investigar o Espiritualismo, cujo crescimento era causa de preocupação na Igreja Anglicana. Após dois anos, esta comissão publicou tanto um relatório da maioria como um da minoria. Estes relatórios foram apresentados aos bispos da Igreja de Inglaterra, mas o resto do clero e os leigos não tiveram oportunidade de os ler, pois a sua publicação foi proibida.

Subentendia-se que as conclusões do relatório da maioria eram tão confusas que nenhuma orientação clara era dada ao povo cristão. Contudo, quando perguntei a um dos signatários do relatório da maioria, o Dr. Matthews, Deão de São Paulo, por que razão achava ele que o relatório tinha sido suprimido, disse-me que fora porque teria chocado demasiado os membros da igreja.

Qualquer que tenha sido a verdadeira razão para a supressão do relatório, a censura manteve-se até 1979, altura em que The Christian Parapsychologist recebeu permissão oficial para o

publicar. Em 1947 tinha sido vertido para o Psychic News, mas o público em geral não tinha conhecimento dele e, provavelmente, mesmo agora pouco sabe a seu respeito.

Tomei contacto com o relatório pela primeira vez há cerca de vinte e cinco anos e, desde então, discuti-o frequentemente com amigos que estavam interessados na investigação psíquica. Um resumo do mesmo é dado no meu livro anterior. Penso que é um documento valioso, embora tenha sido produzido há tanto tempo. Levanta muitos pontos que ainda são de considerável interesse para aqueles que se preocupam com a atitude da Igreja Anglicana em relação aos fenómenos psíquicos na sua relação com a religião.

Uma coisa que parece clara a partir do relatório é que alguns dos que o assinaram tinham opiniões muito divergentes. Num extremo do espetro, por assim dizer, estavam os membros da igreja convencionais e ortodoxos; no outro estavam aqueles que estavam convencidos de que os fenómenos psíquicos forneciam evidência convincente para a sobrevivência à morte e para a comunicação entre nós e aqueles 'do outro lado'. As opiniões que estas duas categorias mantinham poderiam ter parecido mutuamente exclusivas.

Mas uma das coisas mais notáveis sobre este relatório foi que aqueles que estavam obviamente muito desconfiados de tudo o que se relacionasse com fenómenos psíquicos pusessem os seus nomes nele, quando este continha afirmações que pareciam favorecer o Espiritualismo. Também foi surpreendente, talvez, que os do ponto de vista oposto assinassem algo que incluía afirmações que apoiavam a doutrina anglicana ortodoxa.

Para ilustrar a diferença entre os dois pontos de vista, extraí do relatório algumas das secções que parecem pró-Espiritualismo, e outras que parecem opostas ao Espiritualismo. Notar-se-á que as

primeiras secções não contêm as palavras ‘Espiritualismo’ ou ‘Espiritualista’, como acontece com as últimas secções; e isto pode ser significativo.

Uma interpretação disto poderia ser que aqueles que pareciam estar a favor do Espiritualismo não estavam a favor de um corpo separado a chamar-se a si próprio uma religião, mas antes advogavam que a verdade que pudesse haver na posição espiritualista deveria ser introduzida no ensino da Igreja Anglicana; e, na verdade, é isso que é sugerido no fim do relatório.

Esta é a posição em que me encontro. Nunca poderia tornar-me Espiritualista, no entanto acredito que aqueles fenómenos psíquicos que são relevantes para a religião devem ser tidos em conta na formulação da teologia cristã.

Eis os dois resumos. Primeiro, o pró-Espiritualista. Numerei as várias secções para facilidade de referência.

1 É claramente verdadeiro que o reconhecimento da proximidade dos nossos amigos que morreram, e do seu progresso na vida espiritual, e do seu contínuo zelo por nós, não pode deixar de fazer, para aqueles que o vivenciaram, senão adicionar uma nova imediação e riqueza à sua crença na Comunhão dos Santos. Parece não haver razão alguma para que a Igreja encare este enriquecimento vital e pessoal de uma das suas doutrinas centrais com desfavor, desde que não distraia os cristãos da sua alegria fundamental de poderem vir, quando quiserem, à presença do seu Senhor e Mestre, o próprio Jesus Cristo, ou enfraqueça o seu sentimento de que a sua comunhão é comunhão n’Ele.

2 As experiências que muitas pessoas acharam mais convincentes são de um tipo que dificilmente poderia ocorrer na atmosfera de investigação científica. São esporádicas, ocasionais

e altamente individuais. Não poderiam de modo algum ser repetidas, ou submetidas a análise estatística. Vale a pena notar a este respeito que, nos assuntos e crenças ordinários da vida humana, não pedimos uma verificação científica deste tipo. Aceitamos muitas coisas como certas no domínio das relações pessoais com base na intuição direta. Quando dizemos que conhecemos os nossos amigos, queremos dizer algo muito diferente de dizer que podemos dar um relato científico e verificável deles. Mas nem por isso estamos menos seguros do nosso conhecimento. Certezas semelhantes encontram-se na esfera da experiência mística. Pode muito bem ser que, nesta questão da evidência para a sobrevivência da personalidade humana depois da morte, estejamos dependentes exatamente deste mesmo tipo de intuição, e que a verificação científica, embora valiosa onde pode ser obtida, seja de importância secundária e apenas parcialmente relevante.

3 Certas experiências psíquicas marcantes de indivíduos, incluindo certas experiências com médiuns, constituem um forte argumento prima facie para a sobrevivência e para a possibilidade de comunicações de espíritos, enquanto considerações filosóficas, éticas e religiosas podem ser tidas como pesando fortemente do mesmo lado. Quando todas as explicações possíveis destas comunicações tiverem sido dadas, e toda a evidência duvidosa posta de parte, é muito genericamente aceite que permanece algum elemento ainda não explicado. Pensamos que é provável que a hipótese de elas procederem em alguns casos de espíritos desencarnados seja a verdadeira.

4 Aqueles que têm a garantia de ter estado em contacto com os seus amigos falecidos podem com razão aceitar o sentimento de engrandecimento e de comunhão ininterrupta que isso traz.

5 Não há razão para não aceitarmos com agrado a garantia de que ainda estamos no contacto mais próximo com aqueles que nos

foram caros nesta vida e que estão a ir em frente, como nós próprios procuramos fazer, na compreensão e cumprimento do propósito de Deus.

O segundo resumo, anti-Espiritualista, é o seguinte:—

1 Não podemos ignorar o facto de que pelo menos uma organização espiritualista considerável é de caráter definitivamente anti-cristão.

2 Muitas alegadas comunicações parecem, na verdade, ficar abaixo dos mais elevados padrões cristãos de compreensão e intuição espiritual; e, na verdade, abaixo do nível de intuição espiritual e capacidade mental demonstrado pelos comunicadores enquanto ainda nesta vida. Embora haja insistência na supremacia do amor comparável com a afirmação do Novo Testamento de que 'Deus é Amor', os relatos por vezes dados do trabalho mediador de Cristo ficam frequentemente muito abaixo do ensino pleno do Evangelho Cristão, parecendo depender antes de algum poder de realizar um milagre de materialização (nas aparições da Ressurreição) do que de uma aceitação radical e definitiva do fardo da culpa do pecado do homem, e de uma vitória assim alcançada por nós na Cruz.

3 Tem-se visto, no relato da evidência submetida à nossa Comissão, que, no que respeita a testes científicos rígidos, muito pouco, se é que algo, permanece simultaneamente verificável e inexplicável de toda a massa de fenómenos paranormais. O conhecimento psicológico moderno revelou uma ampla gama de poderes e de possíveis fontes de equívoco na nossa mente subconsciente ou inconsciente. Quando estes se combinam com a possibilidade de transferência direta de pensamento, ou telepatia, muitas das comunicações transmitidas através de médiuns parecem capazes de explicação.

4 É abundantemente claro, como os próprios Espiritualistas admitem, que uma credulidade fácil nestas matérias abre a porta ao engano individual e a uma enorme quantidade de fraude. Ficámos fortemente impressionados pela evidência disto que recebemos, e desejamos registar um aviso extremamente enfático para aqueles que se possam interessar pelo Espiritualismo por motivos de mera curiosidade, ou como forma de escapar à responsabilidade de tomar as suas próprias decisões como cristãos sob a orientação do Espírito Santo.

5 Não podemos evitar a impressão de que uma grande parte do Espiritualismo enquanto organizado tem o seu centro no homem e não em Deus, e é, na verdade, de caráter materialista. Até este ponto é um substituto para a religião, e não é, em si mesmo, de todo religioso. Ficámos impressionados pelas respostas insatisfatórias recebidas de Espiritualistas praticantes a perguntas tais como 'A sua vida de oração, o seu sentido de Deus, foram fortalecidos pelas suas experiências espiritualistas?' Isto explica em grande parte a hesitação de muitos cristãos em ter algo a ver com isso.

6 Pode estimular a curiosidade pelo bizarro. Pode oferecer consolação em termos que são demasiado fáceis... .É frequentemente defendido que a prática do Espiritualismo é perigosa para o equilíbrio mental, bem como para a condição espiritual daqueles que nela tomam parte, e é claramente verdadeiro que há alguns casos em que se tornou de caráter obsessivo....A opinião tem sido frequentemente mantida, com algum grau de autoridade da Igreja, de que os fenómenos psíquicos são reais, mas que procedem de espíritos malignos.

Há alguns comentários que gostaria de fazer sobre certas das afirmações contidas nestes resumos.

Para tomar o primeiro resumo:— começa com uma asserção de que a ‘comunicação’ é de grande valor para aqueles que a vivenciam, e apoia a doutrina da Comunhão dos Santos. Há uma ressalva, contudo, de que tal comunicação não deve tomar o lugar da relação que os cristãos têm com Jesus. E é certamente verdadeiro que há um perigo aqui. Nos serviços de pelo menos algumas igrejas espiritualistas a parte mais importante é o que é habitualmente chamado a ‘demonstração de clarividência’, quando um médium acredita que permite aos membros da congregação comunicar com aqueles que morreram.

A segunda secção estabelece que a investigação de tipo científico não pode esperar alcançar o tipo de resultados que se encontram numa atmosfera mais propícia. As conclusões da investigação psíquica desde a redação do relatório da maioria apoiam esta visão. Experiências de natureza psíquica ou mística podem ser tão convincentes como, ou na verdade mais convincentes do que, os resultados de experiências de laboratório bem-sucedidas. Se isto for negado, e se se insistir na prova científica, poder-se-ia avançar o ponto de que nenhuma prova científica está disponível para validar as crenças religiosas do povo cristão.

A terceira secção é muito importante. O argumento a favor da sobrevivência e da comunicação demonstradas por meios psíquicos é forte, e é apoiado por argumentos filosóficos, éticos e religiosos. Depois vem uma afirmação extremamente positiva: ‘Pensamos que é provável que a hipótese de elas [as comunicações] procederem em alguns casos de espíritos desencarnados seja a verdadeira.’

É notável que os membros anti-Espiritualistas da comissão tenham sido capazes de aceitar esta afirmação, e também a asserção de que aqueles que estão convencidos de ter estado em comunicação com amigos que morreram não precisam de sentir

qualquer culpa por isso, mas, pelo contrário, devem aceitá-lo com agrado.

Um resumo do primeiro extrato poderia ir mais ou menos assim:— A Comissão sente que por vezes há comunicação genuína entre os que estão na terra e os que morreram. A evidência para isto é forte, embora seja improvável obter-se prova de natureza científica. Aqueles que vivenciam tal comunicação devem acolhê-la como algo de grande valor, mas devem ter cuidado para que ela não tome precedência sobre a relação que os cristãos têm com Jesus.

O segundo resumo apresenta uma visão muito diferente do problema. Começa com a afirmação de que alguns Espiritualistas se opõem ao Cristianismo. Provavelmente a grande maioria dos Espiritualistas é anti-Igreja, mas não, penso eu, anti-cristã. O que é verdade é que a sua interpretação do Novo Testamento difere em certos aspetos da doutrina ortodoxa, como refletida no Conselho Mundial de Igrejas.

Um exemplo disto encontra-se na segunda secção, e diz respeito ao significado da Expiação, que é frequentemente considerada pelos Espiritualistas como um exemplo supremo de amor e não como ‘uma aceitação radical e definitiva do fardo da culpa do pecado do homem’.

A secção 3 salienta a natureza insatisfatória da evidência psíquica do ponto de vista científico. Desde que o relatório da maioria foi escrito, a ideia de telepatia tornou-se mais aceitável para o pensamento científico. Também há evidência crescente para a realidade da telecinese — a manipulação da matéria pela mente. Isto tende a enfraquecer o argumento a favor da intervenção de seres desencarnados para explicar a comunicação e os fenómenos psíquicos físicos.

A quarta secção menciona a credulidade e a fraude. A fraude, penso eu, é menos comum do que é geralmente suposto, mas a credulidade está generalizada entre os Espiritualistas e é a principal fraqueza da sua posição. Há um aviso contra a 'mera curiosidade' como razão para se interessar pelo Espiritualismo — mas a curiosidade é certamente um motivo principal na investigação de qualquer coisa desconhecida. O avanço de todo o conhecimento deve-se à curiosidade!

Os cristãos são também avisados contra o Espiritualismo 'como forma de escapar à responsabilidade de tomar as suas próprias decisões sob a orientação do Espírito Santo'. Há algum sentido nisto, mas por outro lado podem os cristãos estar sempre certos de que estão realmente a ser guiados pelo Espírito Santo? Em tempo de guerra a hierarquia cristã de países opostos esteve frequentemente certa de que o Espírito Santo guiou os seus respetivos governos num conflito justo contra inimigos perversos.

A secção 5 acusa o Espiritualismo de ser materialista e um substituto para a religião. Penso que isto é pelo menos parcialmente verdadeiro. A religião preocupa-se com valores espirituais, e não há nada de espiritual, nesse sentido, na sobrevivência à morte e na comunicação por parte daqueles que sobrevivem, por mais crucialmente importantes que estas matérias possam ser. Alguns Espiritualistas são também membros de igrejas mais ortodoxas, e provavelmente partilham com outros da sua denominação uma perspetiva religiosa sobre a vida. Mas há muitos Espiritualistas, penso eu, cuja principal preocupação é com a continuação da vida para lá da morte, e que não estão realmente preocupados com uma relação com Deus que está no centro de toda a religião.

A última secção faz alegações algumas das quais são difíceis de fundamentar. É verdade que o Espiritualismo 'pode estimular a curiosidade pelo bizarro'. Mas esta não é uma crítica válida.

Aqueles que não são cristãos poderiam dizer que muito no Cristianismo é bizarro ou fantástico. Incluiriam sob esse cabeçalho a Encarnação e a Ressurreição de Jesus.

Não consigo compreender a acusação de que o Espiritualismo 'pode oferecer consolação em termos que são demasiado fáceis'. Se a comunicação com um parente ou amigo que morreu é achada consoladora, o que pode haver de errado nisso? Tem sido dito que foi a falta de consolação que as pessoas enlutadas encontraram na Igreja após a Primeira Guerra Mundial que justificou o crescimento do Espiritualismo nessa altura; e certamente o ensino da Igreja sobre a vida depois da morte é extremamente inadequado.

Outra crítica ao Espiritualismo é que ele é uma causa de loucura. Não há dúvida de que alguns Espiritualistas enlouquecem, mas o mesmo acontece com alguns membros de igrejas mais ortodoxas. Tanto quanto sei, não há estatísticas comparativas disponíveis.

Finalmente, é sugerido que espíritos malignos estão operantes nos fenómenos psíquicos. Isto é impossível de refutar, mas mesmo assim, certamente o oposto é igualmente, se não mais, provável. Por que não haveriam os bons espíritos de desempenhar um papel num universo governado por aquele Deus bom em quem os cristãos acreditam?

É difícil resumir este segundo resumo. Parece haver várias acusações contra o Espiritualismo que são o resultado de preconceito e não da razão. No entanto, há também crítica que parece ser justa. A ciência é um aliado incerto dos Espiritualistas. Não pode provar a verdade da sobrevivência, e provavelmente nunca o fará. A credulidade é demasiado fácil e 'abre a porta ao engano individual'. Os Espiritualistas são aptos a concentrar a sua

atenção na vida futura, e a negligenciar o que é habitualmente considerado ‘a vida religiosa’ aqui e agora.

Se esta atitude que é exibida pelos membros ‘ortodoxos’ da Comissão for comparada com a dos outros, ver-se-á que há, pelo menos, um ponto de acordo. Evidência conclusiva de sobrevivência e comunicação é extremamente improvável. Essa visão não é partilhada pela maioria dos Espiritualistas, que frequentemente afirmam ter ‘provas irrefutáveis’ das mesmas.

À parte isto, podem as opiniões expressas nos dois resumos ser combinadas para formar um todo aceitável, como aqueles que assinaram o relatório devem ter acreditado?

Contra o Espiritualismo há acusações de fraude, de credulidade, de causar a loucura e do envolvimento de espíritos malignos. Outro perigo é que o Espiritualismo tende a ser centrado no homem e não centrado em Deus. No entanto, o argumento a favor da sobrevivência e da comunicação é forte, e é apoiado por considerações filosóficas, éticas e religiosas. A comunicação com parentes e amigos falecidos, pelo menos por vezes, é provavelmente genuína e deve ser acolhida por aqueles que a vivenciam, desde que não os distraia da sua relação com Cristo.

O parágrafo final do relatório apresenta as conclusões gerais da Comissão:—

Se o Espiritualismo, postas de parte todas as aberrações e com todo o cuidado posto em apresentá-lo de forma humilde e precisa, contiver uma verdade, é importante ver essa verdade não como uma nova religião, mas apenas como preenchendo certas lacunas no nosso conhecimento, para que, onde já andávamos pela fé, possamos agora ter também alguma medida de visão.

É na nossa opinião importante que representantes da Igreja se mantenham em contacto com grupos de pessoas inteligentes que acreditam no Espiritualismo. Devemos deixar a orientação prática nesta matéria à própria Igreja.

Houve obviamente um compromisso entre os pontos de vista divergentes. É uma declaração cautelosa, e não dá apoio ao Espiritualismo considerado como uma religião, o que a maioria dos Espiritualistas insiste que ele é. Dá, sim, encorajamento àqueles que acreditam que a investigação e a experiência psíquicas podem revelar-se de importância considerável para as pessoas que procuram a verdade religiosa.

É grandemente de lamentar que a Igreja não tenha seguido a sugestão de que se deveria manter em contacto com os Espiritualistas mais inteligentes, que não exibem as aberrações de que se queixam, e que mantêm uma atitude devidamente crítica em relação aos fenómenos misteriosos de que se ocupam.

CINCO
Poderá a Mediunidade Ser Convincente?

A maioria das pessoas, penso eu, embora nunca tenha tido uma sessão com um médium, tem alguma ideia do que acontece. Sabem que o médium conta ao consulente o que ouve ou vê de forma paranormal, e que por vezes são descritas por ele figuras que correspondem de perto à aparência de parentes ou amigos falecidos do consulente, conforme ele se lembra deles.

Mensagens do ‘outro lado’, retransmitidas pelo médium, podem fornecer evidência impressionante de que uma pessoa desencarnada está a comunicar, embora seja sempre possível fornecer teorias alternativas — por mais improváveis que possam parecer.

Muitos daqueles que têm longa experiência de mediunidade são da opinião de que mais convincentes do que a maioria das sessões do tipo de mediunidade acima referido — habitualmente designada por ‘mediunidade mental’ — são aquelas que são proporcionadas por um médium de Voz Direta. Isto porque, nestas, os próprios consulentes podem ouvir vozes que afirmam ser as vozes daqueles que vivem na vida para lá da presente. Isto não acontece porque eles se tornam de repente dotados psiquicamente, mas porque as vozes são tão audíveis como qualquer outro som neste mundo físico.

Nenhuma alucinação ou hipnose está envolvida, pois é perfeitamente simples gravar em fita tudo o que acontece. Tem sido sugerido que o médium é um ventríloquo que projeta a sua voz disfarçada de modo a que pareça aos consulentes que ela vem, não dele, mas do ar rarefeito a pouca distância.

Mas o ventriloquismo precisa de luz para promover a ilusão, e as sessões de Voz Direta são quase sempre realizadas no escuro. Claro que a possibilidade de fraude deve ser sempre considerada, envolvendo cúmplices ocultos e auxiliares eletrónicos. Mas, em última análise, tudo deve depender da própria voz, do que a voz diz e da maneira como a informação é transmitida.

O processo pode ser comparado com uma conversa telefónica com um amigo, digamos, na Austrália. Poderia alguém reconhecer definitivamente o seu amigo quando a sua voz vem através do telefone? Gostaria de citar três parágrafos do meu livro, Strange to Relate, que originalmente apareceram no livreto que mencionei. Em resposta a uma pergunta semelhante, escrevi:—

Penso que conseguiria, desde que o conhecesse suficientemente bem e a conversa fosse de uma extensão razoável. A linha poderia estar má, de modo a não conseguir ouvir

algumas das suas palavras. Ele poderia ter uma memória fraca e ser incapaz de se lembrar de acontecimentos de que acha que ele se deveria lembrar. Transmitida de forma artificial, a sua voz poderia não soar exatamente como se lembrava dela. E no entanto, reconheceria muito rapidamente, penso eu, o seu modo de falar e, na verdade, o seu padrão de pensamento. Qualquer dúvida que pudesse ter seria em breve removida pelo seu reconhecimento das pequenas idiossincrasias pessoais que eram dele e de mais ninguém no mundo inteiro.

Claro que há pouca dúvida de que um ator competente, que estivesse familiarizado com todos os maneirismos do seu amigo e a quem tivesse sido fornecido um guião adequado, o poderia enganar por um minuto ou dois. Mas assim que começassem uma conversa, o fingimento do ator seguramente falharia. Ele daria por si sem guião e incapaz de manter o papel, particularmente se o seu calibre mental fosse conspicuamente inferior ao do seu amigo.

Estive presente muitas vezes numa sessão de Leslie Flint, quando falaram vozes que foram reconhecidas como a expressão inconfundível da personalidade de alguém — um parente ou amigo — que tinha morrido. Agora parece-me que se há um grande número de pessoas que dizem reconhecer definitivamente os seus amigos e parentes que morreram, quando eles comunicam desta forma, pelo seu modo distintivo de falar e hábito de pensamento, à parte factos pessoais que possam ser dados, de forma muito semelhante àquela como poderiam ser reconhecidos numa conversa telefónica, então é uma evidência tão boa de que a comunicação está de facto a acontecer quanto a que se pode esperar obter.

O que acontece realmente numa sessão de Voz Direta? Suponha-se que alguém que morreu podia falar desta forma, que mecanismo poderia estar envolvido? A teoria avançada pelos próprios médiuns invoca o uso da substância misteriosa conhecida

como ectoplasma. Esta, diz-se, é um material volátil que existe em diferentes graus de densidade. Habitualmente é invisível a olho nu, embora, afirma-se, seja por vezes capaz de ser visto ou fotografado sob luz infravermelha. A única ocasião em que é visível com luz comum — geralmente muito fraca — é numa sessão de materialização, quando é empregue para 'construir' a figura materializada.

Pensa-se que a luz comum inibe a produção de ectoplasma, o que é a razão pela qual as sessões de Voz Direta são realizadas no escuro. Não sinto que esta seja a verdadeira explicação, pois ocasionalmente o fenómeno ocorre com iluminação normal. É mais provável que a exigência de escuridão seja uma necessidade psicológica por parte do médium. Estou certo de que o cético sugerirá que o médium usa a escuridão como disfarce para a fraude. Já mencionei esta possibilidade e, indubitavelmente, a fraude ocorreu por vezes. Mas uma maçã podre num barril — ou mesmo algumas — não prova que todas as maçãs estejam podres.

Tenho uma descrição do que se alega acontecer por trás das cenas, por assim dizer, numa sessão de Voz Direta. Gravei-a em fita durante uma visita a Leslie Flint, que é provavelmente o médium de Voz Direta mais conhecido vivo nesta altura. Eu tinha levado um pequeno grupo a esta sessão, e um deles fez uma pergunta a uma voz que veio da escuridão.

A voz era a de Mickey, que esteve intimamente associado a Leslie Flint durante muitos anos e que diz que, quando era adolescente, foi morto num acidente de viação há duas ou três gerações. Ele atua como um ajudante do 'outro lado', diz ele; e a sua tarefa é auxiliar aqueles que acham difícil falar e retransmitir as suas comunicações, se necessário. O interrogador perguntou a Mickey se ele podia explicar como as vozes eram produzidas. Eis parte da resposta gravada em fita:—

“O que se deve ter em mente é que todos os métodos de comunicação, quer seja nesta forma quer em qualquer outra, são basicamente uma coisa mental. E portanto, quando uma pessoa vem falar consigo — quando o cientista cuja tarefa é construir a caixa vocal a partir do ectoplasma fornecido pelo médium [terminou o seu trabalho]: quando está tudo organizado e construído pronto para o comunicador, a transmissão do seu pensamento em som, através da caixa vocal, é toda uma arte em si mesma. É preciso aprender a manipulá-la, e tem de se concentrar a mentalidade em dizer certas coisas — invariavelmente coisas que são realmente de valor probatório para o recetor.

E o que se tem de ter em mente acima de tudo é que toda a comunicação é artificial — tem de o ser. Sabe, a maioria das pessoas que vai a uma sessão — a este tipo de sessão, isto é —, diz ‘Se aquela voz me falar na voz de fulano tal eu acredito.’ E o ponto é que nem sempre soa como a voz idêntica, porque o que produz a voz real é, e tem de ser, artificial. Não pode ser em circunstância alguma a voz idêntica, porque eles não estão a usar o mesmo corpo físico ou os mesmos órgãos vocais sob as mesmas condições.

O que está realmente a acontecer é que estão a tentar converter os seus pensamentos em som através da caixa vocal; sendo a caixa vocal artificial; temporariamente construída a partir de ectoplasma e mantida em existência, tanto quanto possível, pelo cientista que a produz e a utiliza. E não vejo como se pode obter a voz idêntica, o tom idêntico. Ocasionalmente a voz é reproduzida; outra vez demora muito tempo a conseguir seja o que for parecido com a voz original.”

Nesta comunicação pede-se-nos que imaginemos um cientista desencarnado a construir, a partir do ectoplasma obtido do médium, uma ‘caixa vocal’ que atua como uma espécie de transformador para converter os pensamentos do comunicador em

palavras que são audíveis da forma normal para os consulentes numa sessão. Se isto parece incrível, talvez fosse justo apontar que a vida sem um corpo físico parece igualmente incrível e, no entanto, milhões de pessoas de mentalidade religiosa em todo o mundo estão convencidas da verdade disto.

Em todo o caso, como disse, na mediunidade de Voz Direta a coisa vital é a própria voz. De um ponto de vista probatório não importa como a voz é produzida. A afirmação de Mickey é útil, contudo, para nos lembrar que a voz deve ser de natureza artificial, e não se pode esperar que seja um fac-símile da voz do comunicador particular antes da morte. Ocasionalmente a semelhança pode ser impressionante, mas não é de esperar.

Deveria mencionar que em mais de uma ocasião, quando Leslie Flint foi testado — não na sua própria casa —, ficou estabelecido que as vozes não vinham dos seus órgãos vocais.

Uma coisa contra a qual se deve ter cuidado é o desejo ilusório. Alguns consulentes podem ansiar comunicar com alguém próximo deles que tenha morrido, e poderiam ler numa voz algo que lá não está.

Assim, do ponto de vista da investigação psíquica, é desejável examinar a gravação de uma voz que, alega-se, emana de uma personalidade cuja voz e modo de expressão se tinham tornado muito amplamente conhecidos antes da sua morte, através do rádio ou da televisão. Como indiquei acima, não é simplesmente a voz que é de grande importância; é a forma como os pensamentos são expressos e as várias idiossincrasias reveladas que são de particular significado.

Tenho em meu poder uma fita que preenche estes requisitos, uma fita que, afirma-se, grava uma conversa de meia hora entre

George Bernard Shaw, seis anos após a sua morte, e dois consulentes numa sessão privada.

Em 1956 tinha ido com alguns amigos ter uma sessão com Leslie Flint. Após a sessão conversámos durante um curto período e comentei com Leslie que parecia estranho que, enquanto nós ficávamos habitualmente muito intrigados com o que acontecia, ele raramente mostrasse um interesse comparável. Lembrou-nos de que era médium de Voz Direta há muitos anos, dando várias sessões todas as semanas e, portanto, não se podia esperar que tivesse as mesmas reações que os seus consulentes.

Mas, continuou ele, algo tinha acontecido poucas semanas antes que o tinha impressionado especialmente. Muitas vezes, quando terminava as sessões do dia, disse ele, deixava o seu rés do chão e subia as escadas para tomar chá com uma amiga, uma senhora idosa proprietária da casa onde ficava o andar. Nesta ocasião estava presente outro amigo, um jovem; e enquanto os três conversavam, Leslie teve a sensação de que mais alguém, invisível, queria juntar-se a eles. Um gravador de fita foi ligado; a sessão começou e, dentro de escassos momentos, G.B.S. fez a sua entrada.

À parte a eminência do comunicador, esta sessão foi invulgar em dois aspetos. Primeiro, não foi realizada em escuridão completa. As cortinas estavam puxadas, mas uma certa quantidade de luz passava através delas. Segundo, Leslie entrou em transe e não soube de nada do que aconteceu até mais tarde, quando ouviu a gravação. Normalmente, durante uma sessão, ele permanecia consciente e tomava parte na conversa.

Não tenho razão para duvidar da boa fé do Sr. Flint, mas quando obtive uma cópia da gravação em fita ela era de tal interesse que senti que gostaria de saber mais sobre as circunstâncias em que tinha sido feita. Por isso combinei um

encontro com a Sra. Rose Creet, a proprietária da casa onde a sessão tinha tido lugar. A Sra. Creet acreditava implicitamente no fenómeno da Voz Direta. Poderia ter sido chamada de ingénua, mas era certamente uma mulher de integridade. Confirmou o que Leslie nos tinha contado e, em particular, confirmou que as perguntas que tinha feito a G.B.S. tinham sido inteiramente espontâneas.

Isto significava que as suspeitas de um cético de que um médium desonesto tinha preparado um guião para enganar uma senhora idosa eram infundadas, já que muito do que Shaw tinha a dizer consistia em respostas às perguntas e comentários da Sra. Creet; e a natureza das respostas era tal que parecia impossível que tivessem tido origem na mente de Leslie.

Alguns amigos que ouviram a gravação em fita ficaram consideravelmente impressionados com o seu sabor shaviano, embora nunca tivessem ouvido Shaw falar. Mas a primeira evidência realmente impressionante da autenticidade da comunicação de Shaw veio de George Bishop, um antigo crítico dramático do Daily Telegraph, que tinha sido amigo de G.B.S. durante uma grande quantidade de anos. Foi com alguma relutância que ele consentiu em ouvir a fita; não tinha fé em fenómenos psíquicos desta natureza. Mas assim que ouviu a voz na fita a sua atenção ficou presa e esteve sentado sem se mover durante os trinta minutos da gravação. Quando terminou era percetível que estava profundamente comovido, e disse-me: “A mente e o estado de espírito são os de Shaw.”

A única diferença que ele tinha notado, disse ele, entre a voz de Shaw pós-morte e o Shaw de quem se lembrava era que este último tinha uma dicção mais rápida do que a da fita. Mas tinha pouca dúvida de que tinha sido o próprio Shaw a falar.

O valor desta evidência foi diminuído pelo facto de se tratar de um amigo antigo, que poderia ter sido influenciado pelo mecanismo de realização de desejos. Por isso fiquei contente quando me pediram para ir à Broadcasting House tocar a fita para algumas pessoas que sabiam bastante sobre Shaw, mas não tinham sido suas amigas. Um produtor de palestras da B.B.C., Jack Singleton, estava encarregado dos trabalhos e, quando comparou a minha fita com algumas gravações de Shaw feitas pela B.B.C. não muito tempo antes de ele morrer, ficou suficientemente impressionado para sugerir uma experiência. Queria produzir um programa de rádio no qual um certo número de pessoas que tinham conhecido bem Shaw ouviriam a fita — sobre a qual nada lhes teria sido dito com antecedência — e dariam a sua opinião sobre ela. O programa nunca foi feito, pelo que só posso assumir que a permissão para o produzir não foi obtida.

Tal como George Bishop, o escritor Laurence Easterbrook tinha conhecido Shaw durante muitos anos, mas não era, penso eu, um amigo íntimo. Depois de ter ouvido a gravação escreveu-me: "Achei a gravação de G.B.S. de facto interessante. Quanto mais penso nisso, mais impossível parece que qualquer outra pessoa a não ser ele próprio tenha sido responsável. Trouxe-me de volta a sensação de alegria contagiosa que se obtinha com ele quando estava no círculo familiar e não a armar ao pingarelho. Sentia-se que o mundo com todas as suas tolices era enormemente divertido, para ser rido com doçura e compreensão."

A Dame Sybil Thorndike não concordou quanto ao 'não a armar ao pingarelho'. Disse-me: "Soa a Shaw a fazer uma cena para pessoas que ele desprezava intelectualmente."

J. B. Priestley não acreditou que a voz fosse a de Shaw, mas admitiu perante mim que George Bishop tinha conhecido G.B.S.

melhor do que ele próprio. Apesar da descrença do Sr. Priestley, ele teve a cortesia de ouvir toda a fita sem interrupção.

Mae West teve menos paciência. Em Hollywood, em 1974, fui levado a conhecê-la por um amigo dela e, devido ao interesse dela por matérias psíquicas, contei-lhe sobre a gravação de Shaw e comecei a tocar a fita. Passados dez minutos ou assim, ela já não conseguiu aguentar mais. “Aquele homem velho não se cala!” exclamou ela impacientemente. Percebi a deixa e parei o gravador de fita. O resto da tarde foi passado de forma muito divertida, a ouvir Mae West contar-nos sobre a sua carreira notável e a ler-nos um capítulo ou dois do livro que estava a escrever.

Estava na Califórnia para uma digressão de palestras, a segunda que tinha feito nos Estados Unidos, e que concluiu para mim uma década durante a qual tinha feito uma grande quantidade de intervenções sobre investigação psíquica.

Frequentemente durante as minhas palestras mencionava a fita de Shaw e tocava parte dela. Nunca exprimi uma opinião quanto à sua autenticidade ou falta dela. Não tenho qualificação para o fazer. Nunca conheci Shaw e a única ocasião em que ouvi a sua voz foi durante a minha visita à Broadcasting House. Se me perguntarem, como perguntam frequentemente, se penso que a fita é genuína, no sentido de que Shaw está a comunicar, tenho de responder simplesmente que não sei.

No entanto, sem qualquer encorajamento da minha parte, o público que ouviu a gravação manifestou, quase sem exceção, grande interesse nela e concordou, além disso, que era extremamente shawiana em termos de carácter. Alguns dos ouvintes que tinham ouvido Shaw falar com frequência foram particularmente enfáticos no apoio a esta perspetiva.

Como acabei de dizer, não sei se Shaw comunicou ou não através de Leslie Flint. Não obstante, tenho uma opinião sobre o assunto. Em primeiro lugar, como já indiquei, não creio que o Sr. Flint possua uma mente capaz de produzir a conversa espontânea que se ouve na gravação. Refiro-me aqui à sua mente consciente, tal como a aprendi a conhecer ao longo dos anos. O que a mente inconsciente contém constitui uma das maiores incógnitas no domínio da investigação psíquica.

É concebível que alguma outra mente num corpo terrestre, capaz de uma expressão shawiana, tenha fornecido por telepatia o material que emergiu na sessão espírita. Também é concebível que um ser desencarnado e malicioso se tenha feito passar pelo falecido Shaw. Algumas pessoas poderiam até acreditar, suponho eu, que o diabo foi o responsável pelo que aconteceu, a fim de desorientar os fiéis e os atrair para o Espiritismo. Tudo o que se pode fazer é considerar as provas e decidir, se for capaz, onde reside a probabilidade.

SEIS
A Gravação de Bernard Shaw

Abaixo encontra-se uma transcrição da parte principal da gravação de Shaw. Esta transcrição, como é evidente, não é nem de perto nem de longe tão impressionante quanto a palavra falada com as suas nuances de expressão.

Há alguns comentários preliminares que gostaria de fazer. No início da conversa, é mencionado o “meu bom amigo, Marshall”. Trata-se do Dr. Charles Marshall, um comunicador regular que por vezes (segundo nos disseram) ajudava outros a comunicar durante as sessões. Era um médico que estava particularmente vocacionado para a investigação do cancro e faleceu há uma geração ou mais. Ouvi dizer a alguém que conhecia a sua viúva

que esta estava convencida de que ele comunicava consigo através de Leslie Flint e a ajudava a prosseguir a sua investigação.

G.B.S. diz “Conseguem ouvir-me?” no início da gravação. É caraterístico das sessões de Voz Direta que possam ocorrer falhas na comunicação durante as quais, segundo se afirma, as vozes continuam sem perceberem que não estão a ser ouvidas pelos participantes.

“Encontrar uma nova forma de apresentar articulações velhas” e “animar a coisa com um bocado de música” parecem alusões óbvias ao musical “My Fair Lady”.

Quando Shaw fala sobre amigos que conheceu na sua nova vida, “Henry” é, naturalmente, Sir Henry Irving, e “Oscar” é Oscar Wilde. “Bossey” (ou “Boysie”) era a alcunha de um amigo de Wilde.

Os “Wallerites” eram seguidores do popular cantor Waller. Alguns deles usavam um crachá com as letras ‘KOW’ — “Keen on Waller” [Entusiasmados por Waller] — e eram conhecidos como os “Kows”. Espero que os comentários acima sejam úteis.

Assim que Leslie Flint ligou o gravador, a sessão começou. Ele entrou num transe profundo e os dois participantes ouviram uma voz cuja identidade desconheciam. A grande maioria das suas perguntas ou observações foi feita pela Sra. Creet. [Estas estão impressas em tipo normal e a voz desencarnada está impressa em itálico.]

Boa noite.

“Boa noite.”

Consegue ouvir?

“Sim, obrigado.”

“Ótimo. Tenho de pedir que tenham um bocadinho de paciência comigo durante um momento ou dois. Já passou muito tempo desde que fui capaz de habitar um corpo e falar desta forma. Uma pessoa fica um pouco desabituada do corpo.”

Ficamos muito contentes por ouvi-lo.

“Muito obrigado. E estou certamente muito contente por estar aqui e por poder falar convosco durante um minuto ou dois. O meu bom amigo Marshall teve a grande bondade de me permitir vir. Conseguem ouvir-me?”

Sim, obrigada. Conseguimos ouvi-lo muito bem.

“Ótimo. Suponho que o procedimento habitual seja uma pessoa apresentar-se, uma vez que não é vista pelos destinatários da mensagem.”

Sim. Gostaríamos muito de saber.

“Bem, o meu nome provavelmente não vos dirá grande coisa. Podem tê-lo ouvido mencionado casualmente numa conversa; ou pode ser possível que tenham sido uma das pessoas muito desapontadas que saíram do teatro a resmungar sobre dinheiro deitado à rua, depois de terem visto uma — ou mais, talvez, se é que alguma vez voltaram uma segunda vez — das minhas peças. Aqui fala G.B.S.”

Ah, sim! Não me parece que tenhamos ficado desapontadas...

“Bem, talvez tenham achado a peça, ou peças, caso tenham visto mais do que uma, com interesse suficiente. Mas, não

obstante, a gente vai-se tornando cada vez mais consciente do facto, quando se está aqui há algum tempo, como eu estou, de que, por muito que o trabalho de uma pessoa possa ter significado quando estava na Terra, mesmo para aqueles que foram suficientemente afortunados, como eu, por fazerem algum dinheiro com isso; contudo, não se pode deixar de sentir que as peças eram muito pueris e muito fracas em comparação com aquilo que se pode alcançar, e que se alcançou, deste lado.

Apesar disso, estou de facto muito grato por muitas das compensações da existência terrena; mas não tenho qualquer desejo de regressar, caso isso fosse possível, isto é; regressar para viver tudo de novo e tornar-me, como creio que algumas pessoas dizem que acontece, noutra pessoa qualquer. O facto de ter sido George Bernard Shaw é suficiente para qualquer pessoa em qualquer altura."

Ah, o seu nome durará para sempre, julgo eu.

"Que pensamento medonho. De qualquer modo, ainda bem que o meu trabalho está pelo menos a dar trabalho a outros e que eles continuam a encontrar uma nova forma de apresentar articulações velhas."

O senhor era um velho maravilhoso, sabe. Viveu até a uma idade muito avançada.

"Não me importo com o 'maravilhoso'; oponho-me antes ao 'velho'. A idade é meramente uma questão de comparação."

Sim, isso é muito verdade. O senhor não acreditava nisto, pois não, quando estava na Terra? Como é que acha que é por aí?

“Bem, devo admitir que foi uma surpresa enorme. Acho que a surpresa de descobrir que ainda estava vivo e, contudo, estava morto, foi em si mesma um grande desapontamento para mim.”

Porquê? Queria simplesmente acabar, era isso?

“Bem, não conseguia ver sentido em continuar. Contas feitas, não conseguia ver sentido numa vida após a morte. Acho que uma existência terrena como a que eu vivenciei era suficiente para qualquer homem; e se Deus fosse um Deus de amor, certamente não permitiria outra continuação disso. No entanto, mudei um pouco desde então.”

Sim; bem, a continuação é muito mais agradável do que tem sido na Terra, não é?

“Parece saber mais sobre o assunto do que eu! Seja-me permitido dizer, minha senhora, uma vez que ainda não chegou aqui, com que direito me pode dizer que isto aqui é melhor?”

Bem, na verdade tenho sido bem ensinada por aqueles daí... a tal ponto que quase sinto que já aí estou.

“Bem, certamente não parece estar aqui. É demasiado sólida para isso. Mas, falando a sério, devo dizer que a minha vinda para aqui foi de facto uma revelação para mim. Porque eu tinha ideias fixas bastante fortes sobre esta questão do pós-morte. Para mim — eu pensava, bem, quando o corpo fosse entregue à Mãe Terra, esse seria o meu fim. Claro que agora percebo que o eu — ou o mim, se devesse falar no chamado inglês correto — que eu era mais do que o corpo. Da mesma forma que muita gente dizia que o prefácio das minhas peças era mais focado e mais importante do que a própria peça.”

Isso é muito verdade.

“Ah, concorda com isso, concorda?”

Ah, concordo. Acho os seus prefácios maravilhosos.

“Bem, é uma pena não poderem encenar o prefácio e deixar simplesmente a peça de fora...”

Bem, ainda recentemente nem sequer a peça conseguem fazer.

“O que quer dizer com “nem sequer conseguem fazer a peça”? Admito que uma ou duas das minhas peças, tal como as de Shakespeare, eram mais ou menos inencenáveis. Na verdade, há ainda uma ou duas peças minhas que nunca vi encenadas. Vi-as 'em cena'. Vi-as, por assim dizer, produzidas. E vi vários membros da profissão teatral (que Deus os proteja!) fazerem uma tentativa. Mas suponho que, no fim de contas, não se lhes podia apontar a culpa, porque, afinal, devo admitir agora que muitas das personagens que escrevi eram na verdade marionetas para as minhas próprias ideias e para os meus próprios pensamentos. Embora goste por vezes de me lisonjear pensando que criei algumas personagens que tinham vida real. E certamente tentei tirá-las da vida tal como a via e de pessoas que conhecia.”

O senhor tinha uma perspetiva maravilhosa sobre a vida...

“De qualquer modo, é agradável saber que estão a animar a coisa com um bocado de música, não é? Quais são as suas opiniões sobre o assunto?”

Agora nunca condeno nada. Costumava fazer bastante disso quando estava na Terra, mas aprendi melhor; que é um pecado condenar, e nunca fui terrivelmente dado a ser pecador. Na verdade, quando tentei ser pecador, nunca fui muito bem-

sucedido — para meu grande desapontamento. Quis pecar uma ou duas vezes com várias senhoras muito encantadoras, mas elas só queriam pecar por correspondência, o que não me trazia satisfação absolutamente nenhuma!

A sua correspondência com Ellen Terry, sabe... Li algumas dessas cartas...

“Bem, claro que, se a Ellen Terry tivesse tido algum juízo, teria destruído todas aquelas malditas cartas.”

Destruiu.

“Ah, destruiu?”

Teria destruído, mas...

“Mas, claro, eu também guardei algumas. Ainda assim, eu era um bocado velho e tolo sentimental, sabe, mas não deixava que as pessoas soubessem. Pelo menos, tentava evitar que elas se dessem conta disso. Costumava adotar uma atitude brusca, sabe, e tentar abanar a barba e assustá-las. Nem sempre o conseguia; saía-me muito melhor por postal. Agora que penso nisso, fui muito mais bem-sucedido com a minha pena do que alguma vez fui com a minha língua. De qualquer modo, por que razão estamos a falar no passado?”

Bem, eu adoraria saber, G.B.S. (sei bem que é o senhor, por aquilo que já disse)... Quando estava a fazer a travessia... Conte-nos algo sobre isso. Fico sempre muito interessada...

“Nunca conheci uma mulher tão ansiosa por saber sobre a morte! Por que não espera até vir?”

Ah, é interessante saber...

“Certamente, minha querida, é mais interessante saber algo sobre a vida do que sobre a morte.”

Sim, mas depois pode começar pela morte, está a ver, e à medida que for avançando gradualmente, ouviremos um pouco mais.

“Geralmente começa-se pelo nascimento e termina-se na morte. Mas agora tive de inverter o procedimento e começar pela morte.”

Bem, é na verdade um nascimento, não é?

“É, claro. Estou meramente a ser faceto.”

Sim, eu sei. Tal e qual como o senhor.

“Mas devo admitir que fiquei muito surpreendido, e muito perturbado... e ao mesmo tempo muito eufórico; se é que uma pessoa pode ter três emoções tão diferentes todas de uma vez. Fiquei eufórico porque percebi que não tinha perdido a oportunidade de fazer algo que sempre quisera fazer — e isso era escrever uma peça de sucesso. Porque sabe que, embora financeiramente as minhas peças tivessem sucesso, eu próprio nunca fiquei realmente satisfeito com elas.

Mas estou a contar-lhe isto como um segredo. Não pode contar a mais ninguém. Caso contrário, podiam pensar que eu não era tão bom quanto achavam que eu era! Onde é que íamos? A falar sobre a vida após a morte, e ser renascido num novo mundo e... bem, tanta coisa aconteceu de uma só vez. Claro que me encontrei, obviamente, com muitos queridos amigos meus. Por que razão eles continuaram a ser meus amigos, bem, nunca soube realmente, nem sequer no dia de hoje. Porque, sabe, quando penso

nisso, nem sempre tratei os meus amigos como eles me trataram a mim.

Mas isso é outra história; iremos a isso noutra altura, porque acredito que a confissão faz bem à alma, desde que não se seja católico romano! Onde é que tínhamos ficado? Estava a falar de pessoas que conheci. Bem, conheci os meus próprios pais, claro. Não posso dizer que tenha ficado exatamente eufórico com isso, mas eles pareciam estar muito mais entusiasmados com a situação do que eu. Mas conheci uma ou duas pessoas pelas quais me sentia muito, muito atraído, e de quem gostava muito. Uma delas foi, claro, a querida Pat; sabe a quem me refiro — Patrick Campbell. Outra foi a querida Ellen... Outra foi o Henry — não lhe vou chamar ‘Sir’, porque não há 'sirs' aqui. Outro por quem me senti extremamente atraído nos primeiros anos da minha vida, que... Por estranho que pareça, divergíamos; mas também descobri desde então que as pessoas de quem eu mais gostava eram frequentemente as pessoas de quem mais divergia.

Suponho que fosse devido ao facto de sermos opostos, e de eles me fazerem frente. E eu sempre admirei quem me fizesse frente. Nunca suportei aqueles tolos cobardes que me escreviam cartas tão longas e tinham medo de vir enfrentar o leão na sua toca. Sempre admirei o homem que tinha a coragem de subir o meu jardim da frente e bater à minha porta. Costumava pensar para comigo: Bem, este homem merece ser deixado entrar — não que eu o fizesse sempre, mas ainda assim...

As pessoas que costumavam escrever cartas longas: muitas vezes respondia-lhes com um postal, porque achava que essa era a melhor forma de resolver a questão. Onde é que estávamos? Ah, estava a falar do Oscar. Claro que sabe que ele era um tolo, mas, por outro lado, a maior parte das melhores pessoas são-no! A maior parte das pessoas mais intelectuais e brilhantes, no que diz

respeito ao mundo, são consideradas tolas; portanto, talvez haja esperança para si!”

Ah, o senhor era um grande amigo do Oscar, era?

“Nos primeiros anos dele: nos meus primeiros anos. Nem sempre concordava com ele.”

Tenho uma grande admiração por ele.

“Sim, eu sei. Ele foi muito vilipendiado, mas, claro, era um jovem tolo apesar de tudo. Depois havia aquele amigo dele, o Bossey (Boysie).”

Ele era tolo como o mundo vê as coisas. É verdade?

“Bem, quando se está no mundo, pode-se ser tolo até certo ponto, mas nunca se deve deixar que o mundo saiba demasiado. Na verdade, mantenha-se sempre o mundo em dúvida. Eles passam a ter muito melhor consideração por uma pessoa. De qualquer modo, estamos a afastar-nos bastante de Ayot St. Lawrence e de outros locais ligados a mim.”

Alguma vez visita esses sítios?

“Ah, esse sítio! Agora não. Costumava fazê-lo, mas parece-me mais uma casca vazia. Na verdade, às vezes tenho-me rido a valer de alguns dos tolos tontos que lá vão. Respeito-os, atente bem: não me interprete mal. Mas, sabe, que alguém queira transformar a minha casa num museu e que alguém espere sentir, ou ter, qualquer reação emocional a meu respeito, parece-me bastante divertido; porque eu não era o tipo de pessoa, creio eu, para suscitar tanto, digamos assim, afeto.”

“Na verdade, as únicas pessoas, creio eu, que tinham realmente algum afeto por mim eram as crianças, que nunca tinham verdadeiramente medo de mim como os adultos. Acho que as crianças são muito mais confiantes; têm muito mais fé nos seres humanos. Enquanto que, à medida que uma pessoa envelhece, se vai tornando desconfiada; e as crianças raramente são desconfiadas, especialmente de homens velhos, porque acho que percebem que os homens velhos podem ser o Pai Natal disfarçado e trazer-lhes uma prenda bonita no Natal se elas os tratarem bem.”

“De qualquer modo, acho que muitas crianças de lá pensavam que eu era provavelmente o Pai Natal vestido como um homem velho normal durante todo o verão, e que no inverno vestia um casaco e um chapéu vermelhos e andava por aí num trenó. Provavelmente teria preenchido o papel muito bem, agora que penso nisso. Na verdade, acho que teria dado um Pai Natal muito melhor do que dramaturgo!”

Ah, não me parece...

“Bem, talvez não. Estou só a brincar; porque percebo que estão numa posição bastante ingrata, pobrezinhos, sentados aqui neste quarto no escuro, a ouvir uma voz vinda do vazio e sem saberem bem quem, o quê ou como. Afinal de contas, eu digo que sou G.B.S. Vocês não têm a menor ideia. Podia ser Jesus Cristo, por aquilo que sabem. Mas aí está; isso é uma questão de opinião.”

Ah, mas nós sabemos que é o G.B.S. pelo que diz.

“Mas sabe, quando se pensa nisso, as pessoas aceitam as coisas em demasia pelo seu valor facial. Percebo, obviamente, que nem sempre é possível para as pessoas deste lado convencerem as do vosso lado, especialmente se forem como o

pobre Tomé, que era duvidoso e não ficava satisfeito enquanto não metesse a mão no lado de Cristo."

"O ponto é que temos de dar convicção o melhor que podemos. Mas por vezes, sabe, não é assim tão fácil. Porque muitos de nós que gostariam de dizer certas coisas como prova acham isso muito embaraçoso, porque, para o fazer, poderíamos ter de envolver ou afetar outras pessoas que talvez não gostassem de ser associadas a nós, pobres espíritos. E é muito difícil, também, quando se consideram todas as barreiras da religião. A maior parte dos meus amigos, ou deveria dizer um certo número dos meus conhecimentos mais próximos, estavam todos tão obcecados com o Papa que nunca se conseguiam separar os dois, sabe."

O senhor não era católico romano, pois não?

"Não, não, não. Eu não era nada. Na minha infância estive ligado à Igreja Católica; mas assim que fui capaz de pensar um pouco, comecei a quebrar suavemente as correntes. Mas isso não quer dizer que não tenha toda a simpatia pelos católicos romanos se eles forem sinceros. Mas a forma como eles acompanham todos estes santos deixa-me bastante perplexo. E não sei bem como é que todos os santos acompanham os católicos romanos. Mas provavelmente têm algum método secreto do qual ainda não descobri a forma como é feito."

G.B.S., vocês têm teatro por aí?

"Ah, sim. E continuo a escrever, e acho que estou a melhorar. Acho que estou definitivamente a melhorar. E espero eventualmente conseguir transmitir uma ou duas peças que acho que poderiam ser de alguma utilidade no vosso pobre teatro emaciado de hoje."

Não é medonho?

“Bem, o pouco que vi aqui e ali é bastante aterrador.”

Fica bastante satisfeito por estar onde está!

“Bem, não lamento, mas também não posso dizer que esteja completamente feliz. Isso pode soar a uma certa contradição. Estou feliz por estar morto e estou muito feliz por estar vivo. Ao mesmo tempo, agora que sei o que sei, gostava de estar na Terra para poder escrever umas quantas peças realmente boas que fizessem as pessoas erguerem-se e prestarem verdadeira atenção.”

Ah, G.B.S., gostava tanto que escrevesse uma peça...

“Bem, quem sabe? Provavelmente irei escrever, minha senhora. Provavelmente, quando fizerem as vossas sessões espíritas ou reuniões, poderá ser-me permitido passar de vez em quando e, quem sabe, talvez juntos escrevamos uma peça.”

Ah, isso seria maravilhoso...

“E sei que o Oscar está muito interessado; e quanto àquele vosso amigo rapaz, o Chopin, ele está a reunir-nos a todos.”

Ele não é uma alma maravilhosa, G.B.S.?

“É um rapaz muito bom, de facto; mas sabe que há coisas como deixar os mortos descansar! E, se o conheço bem, ele não vai deixar ninguém descansar!”

Ah, fale-me um pouco sobre ele, G.B.S.

“Claro, a senhora é uma veneradora de ídolos, não é? Daquilo a que chamam no sentido moderno. Porque a senhora é como nos velhos tempos dos Wallerites. Provavelmente era uma das Kows.”

Era!

“Não sei o que o teatro faria sem veneradores de heróis e fãs.”

Pergunto-me se sabe o que vai acontecer ao teatro. Parecem estar todos a ser demolidos e receio que o cinema vá tomar o seu lugar — o cinema, a televisão e por aí fora. Porque isso seria uma grande pena, G.B.S., não seria?

“Não acho que o teatro vá morrer completamente, mas devo dizer que precisa de facto de ser revitalizado.”

É verdade! Hoje não há verdadeiros atores e atrizes. Acho que não existem artistas do calibre dos velhos tempos. Penso que isso se deve em parte ao facto de já não haver grandes atores-gestores; acho que é porque nos velhos tempos eles costumavam, como sabe, fazer digressões pelas províncias; aprendiam o seu ofício da forma mais difícil.

Quero dizer, eram treinados; conheciam todos os aspetos da sua arte. Não eram festejados nem cortejados pela sociedade como são hoje. Hoje em dia a profissão teatral parece mais interessada no registo social do que propriamente interessada na ‘palco’, o que acho uma pena. Uma pessoa não se pode dividir. Há exceções, claro.

Nos últimos anos de Irving, ele era muito cortejado e festejado; mas mantinha sempre a sua distância, mais ou menos, do público em geral. Mas por outro lado, acho que ele tinha o teatro no coração; queria torná-lo respeitável porque, como sabe,

nos meus primeiros anos o teatro não era exatamente um lugar respeitável. Não, era o tipo de lugar onde se ia para ter entretenimento e onde se admiravam os atores da época.

Iria-se para ver tipos especiais de peças e tipos especiais de teatros; e o fosso da orquestra foi ali colocado para separar o público dos vagabundos. Essa foi a única razão para alguma vez terem um fosso da orquestra, porque não eram propriamente os músicos que importavam, visto que eram ali postos apenas com os seus instrumentos para manter os dois lados afastados. Normalmente alguém soprava numa trombeta para dar a saber às pessoas que havia uma diferença entre os anjos e os diabos.

De qualquer modo, mais tarde, claro, tornou-se mais respeitável, mais aceite, e a sociedade misturava-se educadamente com as luvas Calçadas. Sabe, claro, que não tiravam as luvas; quero dizer, isso nunca serviria. No meu tempo, sabe, o cavalheiro usava as suas luvas brancas e a senhora usava as suas luvas brancas até ao cotovelo. Era uma sociedade muito educada. Na verdade, se quisesse assoar o nariz, voltava as costas e tateava, se pudesse, em busca de um lenço. Se não conseguisse, limpava discretamente o nariz nas costas da luva, esperando que ninguém percebesse. Esses eram os tempos em que a sociedade era a Alta Sociedade, no tempo de Eduardo e Vitória.

Houve pouco mais na comunicação. Passados dois ou três minutos, a sessão espírita terminou assim:—

Não posso ficar indefinidamente. E de qualquer forma já recebi o aviso.

G.B.S., está fora ou dentro do corpo enquanto fala?

Que pergunta peculiar! Estou dentro do corpo, tanto quanto sei. Embora na verdade não possa dizer honestamente. De

qualquer modo tenho de ir e devo desejar-vos boa noite; e virei falar convosco novamente quando for possível.

Na verdade, houve outra comunicação de Shaw através de Leslie Flint, mas havia pouco de interesse particular nela.

O 'aviso' que é mencionado perto do fim da gravação refere-se provavelmente à falha da energia que permite à caixa vocal funcionar.

É duvidoso que seja percetível qualquer entoação irlandesa na comunicação. Se isto é de facto aquilo que pretende ser, a razão para a falta de um sotaque apropriado pode ser o método artificial de produção da voz, como foi sugerido anteriormente. Além disso, lembro-me do que um dos amigos de Shaw me disse, nomeadamente que o sotaque irlandês era simulado quando ele falava em ocasiões públicas.

Há uma pergunta em particular que me é feita frequentemente por quem ouviu a gravação em fita magnética. Porquê, perguntam eles, a Sra. Creet não pediu a G.B.S. detalhes sobre o tipo de vida que ele estava a vivenciar, como eles próprios teriam feito?

Para mim, a resposta é óbvia. Embora a Sra. Creet estivesse muito interessada nas experiências daqueles que tinham acabado de morrer, devido ao grande número de sessões que tinha tido com Leslie Flint, a sua curiosidade sobre a natureza geral da vida após a morte tinha-se esgotado. De qualquer modo, Shaw parecia menos preocupado em fornecer um relato da sua existência presente do que em recordar a sua vida anterior.

SETE
A Natureza da Vida Após a Morte

Deve ser enfatizado que a vida pós-morte que é descrita através de canais psíquicos é apenas a primeira etapa da existência futura. Parece que, quando há uma progressão para 'esferas mais elevadas', são encontradas experiências tão diferentes das da Terra que estão além de qualquer tentativa de as descrever. Mas, mesmo na primeira etapa, as indicações da sua natureza que são dadas na comunicação de Shaw não devem ser tomadas como típicas.

Bernard Shaw era um homem muito notável, e uma das suas caraterísticas era o uso hábil de um humor travesso para dar relevo a problemas profundos. A gravação em fita magnética pode dar a impressão de que Shaw estava a achar a sua nova vida uma espécie de brincadeira; mas tenho a certeza de que essa impressão seria falsa. É apenas o tratamento shawiano de um assunto de enorme importância.

É uma crítica comum à vida do além retratada através de comunicações mediúnicas que a nossa existência futura pareceria ser um assunto muito mundano — apenas uma extensão aborrecida da nossa vida terrena — e claro que não é apenas a fita de G.B.S. que pode parecer apoiar esta visão. Muitas comunicações psíquicas, particularmente na perspetiva de pessoas religiosas, exibem uma imagem extremamente materialista do 'outro lado'. Em parte, isto pode dever-se ao tipo de perguntas que a maioria dos participantes faz aos seus amigos e parentes desencarnados. A sua principal preocupação é que estes últimos ainda estejam vivos e felizes. Não costumam fazer perguntas 'religiosas', provavelmente porque a grande maioria daqueles que

vão a sessões espíritas não está muito preocupada com questões teológicas.

A primeira etapa da vida além da morte parece material, no sentido de que são descritas condições que se aproximam das circunstâncias terrenas, embora se diga que este tipo de experiência é temporário e dura apenas até que um estado espiritual mais elevado seja atingido. Mas mesmo durante esta primeira fase há evidências, se forem feitas as perguntas certas, de que a experiência religiosa está longe de escassear.

Por vezes, aqueles que falam nas sessões de Leslie Flint expressam fortes opiniões religiosas. Shaw mencionou um Dr. Charles Marshall que o ajudou a falar. O próprio Dr. Marshall falava frequentemente nas sessões e, pelo menos duas vezes em que estive presente, com alguma extensão. A segunda ocasião esteve relacionada com assuntos médicos, mas a primeira foi inteiramente dedicada à religião. Aqui ficam alguns extratos do que foi dito, em resposta inicial a uma pergunta que fiz:

A.B. Na sua nova vida, tem algum conhecimento maior de Deus do que tinha antes?

C.M. Quando me pergunta se tenho um conhecimento maior, suponho que num sentido devesse dizer Não, e contudo há uma resposta que poderia ser dada quando digo Sim. Digamos que se tem uma melhor consciência de Deus, uma maior realização de Deus. O ponto fulcral é que é uma questão de sentimento emocional... Deus é para nós uma força poderosa de poder, da qual estamos muito mais conscientes do que qualquer um de vós pode possivelmente esperar estar enquanto estiver na Terra. Certamente conhecemos Deus; não no sentido físico, mas num sentido mental e espiritual.

O Dr. Marshall era crítico em relação à Igreja. Mais adiante na nossa conversa disse:—

Parece-me que a Igreja perdeu o caminho, pela simples razão de que falhou em seguir o Príncipe da Paz, o homem que não tinha onde reclinar a cabeça. A Igreja está muito mais preocupada com o poder — muito mais preocupada com coisas materiais do que com coisas espirituais. Com isto não quero dizer que não haja pessoas sinceras na Igreja, pessoas que são membros da Igreja — há muitas —, mas receio que a Igreja como corpo seja uma coisa muito materialista em comparação com o homem simples que foi Jesus.

Quando mencionei a ênfase que a Igreja coloca no culto comunitário, foi feito o seguinte comentário:—

Embora possa ser muito agradável e muito bonito reunirmo-nos para prestar culto — e certamente é uma coisa boa se for sincero —, não posso deixar de sentir que a religião é algo que deve ser vivido. Em outras palavras, deve manifestar o amor e a vontade de Deus através da sua vida. Para mim essa é a coisa que importa. Para mim isso é religião; é a religião — manifestar Cristo, manifestar a vontade e o amor de Deus através do serviço, através de si próprio.

Conheço muitas e muitas pessoas — pelo menos conheci na Terra, e ainda conheço deste lado — muitas pessoas que nunca entraram numa igreja desde o tempo em que frequentavam a Escola Dominical ou algo do género e que, acredite em mim, eram muito, infinitamente melhores cristãos, e mais dignos de ser chamados cristãos, do que muitas pessoas que se erguem num púlpito. Àqueles que sentem essa necessidade, digo: “Vão à igreja”.

Mas suponho que também se deva lembrar de que eu era médico e, quando se é médico, vê-se tanto, talvez mais do que muitos. Vai-se ao encontro de muitos que estão em grande necessidade — não apenas física, acredite em mim, mas espiritual. E quando se viu muitas pessoas passarem do vosso mundo para este, e se tentou aliviar o sofrimento como se faz enquanto médico, veem-se muitos aspetos e ângulos, e percebe-se que as pessoas estão no vosso mundo a clamar pela verdade; estão a clamar por conforto na hora da necessidade. A Igreja deveria pregar o que nós estamos a esforçar-nos por vos dar. A Igreja falhou redondamente nisto. Na verdade a Igreja, tal como a vejo, é um fracasso miserável. Por que razão vem aqui? Por que é que a sua Igreja, por exemplo, não lhe ensinou isto — não lhe deu a convicção que procura?

O que há de errado com a sua Igreja para que tenha de procurar esta verdade fora dela? Algo falta lamentavelmente. Cristo demonstrou-o; os primeiros discípulos demonstraram-no. Os primeiros cristãos durante muitos, muitos anos demonstraram estas coisas. É por isso que tinham o fervor da sua convicção. Não se importavam se tivessem de ir para a arena. Digo que não se importavam. Num sentido físico importavam-se; ainda eram humanos. Mas tinham aquele forte fervor religioso de que este Reino de Deus estava próximo: de que quando o corpo físico tivesse passado, seriam libertados dele e estariam no Reino de Deus.

Tinham uma fé tão maravilhosa. Tal como a vejo, a Igreja já não dá essa fé. Certamente não a demonstra. Se esta verdade fosse trazida para a Igreja num sentido verdadeiro, iria revolucioná-la. As igrejas estariam cheias em todo o mundo. A Igreja oferece uma pedra àqueles que choram a sua dor. É por isso que estou um pouco impaciente com a Igreja: não cumpre o seu dever.

Quando o Dr. Marshall diz que tentar seguir o exemplo de Cristo é de maior importância do que a frequência dos serviços religiosos na igreja, está apenas a afirmar o óbvio, como o clero de todas as igrejas concordaria, embora pudessem destacar que ser membro da comunidade de culto local é uma parte necessária da vida religiosa.

Mas a razão principal para a censura do Dr. Marshall à Igreja é que esta não enfatiza a entrada numa nova vida após a morte e não fornece provas disso. Não consigo partilhar do seu otimismo de que, se isso fosse feito, as igrejas em todo o mundo estariam cheias; mas acho que é verdade que a Igreja negligencia a sua doutrina de escatologia — o ensinamento sobre a morte e o que se lhe segue.

Estes não são temas religiosos populares hoje em dia. É bastante natural que nós, seres humanos, embora conscientes da nossa mortalidade, pensemos nisso o menos possível. Até tempos comparativamente recentes, a maioria das pessoas era confrontada com não pouca frequência com a visão do processo de morrer. Hoje em dia, quando a maioria das mortes ocorre num hospital e não na família, o assunto não é trazido à atenção de tantas pessoas como acontecia em gerações anteriores. Tudo o que tem a ver com a morte é banido do pensamento na medida do possível. E isto não acontece simplesmente por o assunto ser desagradável: é também porque, para tantas pessoas, não há convicção de que exista algo do outro lado.

Mesmo aqueles que ainda mantêm uma forte convicção de que há uma vida além da morte podem ter opiniões menos definidas do que tinham anteriormente sobre Deus rever a sua existência terrena anterior e decretar finalmente o castigo ou a recompensa. A maioria das pessoas religiosas hoje em dia pensa em Deus como um Deus de misericórdia e não de julgamento. Desde Freud, a ideia de punição severa por más ações tornou-se

fora de moda, e a maioria dos cristãos concordaria que a conceção de Deus a lançar um pecador no tormento eterno é completamente inaceitável.

Mas uma minoria daqueles que professam a fé cristã ainda ensina que os ímpios serão lançados no inferno. Esta visão tende a ser mantida por aqueles nos extremos opostos do espectro teológico. Certamente há aqueles das seitas fundamentalistas extremas que acreditam que os 'não salvos' enfrentam uma eternidade de sofrimento. E os católicos romanos, tão distantes dessas seitas na sua teologia, são popularmente tidos como tendo uma crença semelhante.

Tenho dúvidas consideráveis de que isto reflita a posição da maioria dos católicos romanos. Há alguns anos, um dos seus teólogos, um padre bastante conhecido porque fazia programas de rádio com frequência, foi o orador numa reunião em que participei. Ele era um representante invulgar da sua igreja na medida em que acreditava que o seu falecido pai comunicava com ele — diretamente, devia acrescentar: não através de um médium.

Quando chegou a altura das perguntas e houve uma discussão sobre a vida após a morte, perguntei ao orador o que aconteceria se alguém morresse em pecado mortal. Sem um momento de hesitação, ele disse: "Iria para o inferno." Depois acrescentou, com um sorriso suave: "Mas, tanto quanto sabemos, ainda ninguém foi para lá!"

O que têm as provas psíquicas a dizer sobre este assunto? Acho que apoiam uma visão intermédia. Sugerem que pode muito bem haver sofrimento após a morte, dependendo da natureza da vida terrena anterior, mas que esse sofrimento é apenas temporário, embora por vezes prolongado.

Uma atividade em que muitos espiritualistas estão envolvidos é a participação nas atividades daquilo a que se chama popularmente ‘Círculos de Resgate’. Estes consistem habitualmente em apenas um pequeno número de pessoas — digamos meia dúzia ou pouco mais —, uma das quais é um médium de transe.

A teoria subjacente ao trabalho destes grupos é que o médium em transe se torna o veículo de comunicação entre aqueles que morreram e os membros do círculo. Mas as comunicações não são de natureza geral; têm um propósito específico. O seu objetivo é ajudar aqueles que se encontram em dificuldades de um tipo ou de outro na sua nova vida pós-morte — ‘resgatá-los’ das condições infelizes em que se encontram.

Não são apenas aqueles em apuros que falam através do médium. Há também o ‘guia’ desencarnado que está a cargo dos trabalhos, e outros espíritos esclarecidos cuja responsabilidade é trazer aqueles a ser resgatados para falar, por intermédio do médium, com aqueles que estão à espera para os ajudar. Esta ajuda consiste em explicar aos seus comunicadores as razões da infelicidade e confusão que estão a vivenciar, e em mostrar-lhes um caminho de fuga da sua desgraça.

Se se há de acreditar nas provas, a maioria, talvez, daquele que são trazidos para falar com o círculo nem sequer tem consciência de que morreu. Isto, em si mesmo, é uma causa de confusão e aflição, e uma simples clarificação do seu estado pode resolver a sua dificuldade. Quando ficam convencidos de que estão mortos — mas vivos numa outra existência —, tudo o que podem precisar é de conselhos sobre como, no seu novo mundo, podem encontrar aqueles que os ajudarão a fazer progressos para um estado de ser mais feliz.

Se se fizer a pergunta: Por que razão não podem estes ajudantes desencarnados dar-se a conhecer àqueles que precisam da sua ajuda sem os esforços do círculo de resgate?, a resposta dada é que os espíritos confusos e aflitos estão mais próximos da Terra, por assim dizer, do que do mundo seguinte, e não conseguem ver nem ouvir aqueles que nele vivem, até que lhes seja explicado pelos membros do círculo como a nova visão e audição necessárias podem ser alcançadas.

Mas o estado confuso pode não ser solitário. Pode haver outros presentes que também morreram. Pode haver frutos da imaginação — pessoas e lugares, agradáveis ou não — que parecem ser completamente reais e substanciais. É, de facto, esta aparente realidade e o carácter 'terreno' dos arredores que faz com que aquele que morreu não suspeite da sua condição. Além disso, descobre-se habitualmente que ele vivenciou uma morte súbita e inesperada. Alguém que tenha morrido após uma longa doença provavelmente não será tão enganado.

Aqueles em etapas bastante diferentes de progresso moral podem encontrar-se neste estado pós-morte de confusão, mas, como seria de esperar, o destino do homem ou mulher comparativamente bom é diferente do do comparativamente mau.

OITO
Norman Hunt e o seu Círculo de Resgate

Quando alguém, através da ajuda do círculo de resgate, é levado à perceção do seu estado, pode não ser possível para essa pessoa fazer progressos em direção a circunstâncias mais felizes até que, para usar linguagem religiosa, se arrependa; até que, isto é, encare o mal que fez na sua vida anterior e sinta um remorso sincero sobre isso. Este pode ser um processo extremamente doloroso e, na medida em que nenhum homem ou mulher é de modo algum completamente bom, todos, quando morrem, devem, em alguma etapa, chegar a um acordo com as suas más ações terrenas.

Uma ilustração disto é fornecida pelo caso de Alf Higgins, um soldado que, com alguns companheiros, foi morto por uma granada durante a Primeira Guerra Mundial. Ele foi ajudado pelo círculo de resgate cujo líder era Norman Hunt. Um extrato de uma gravação em fita magnética de uma visita de Alf ao círculo — depois de ter encontrado a felicidade na sua nova vida — é fornecido abaixo: mas primeiro deixe-me dizer algo sobre Norman Hunt e o seu grupo.

Durante cerca de onze anos, este grupo reuniu-se regularmente todas as semanas e gravou cuidadosamente os trabalhos em fita magnética. O Sr. Hunt disse-me que resultaram cerca de vinte e cinco milhas de fita e que cem ou mais pessoas do ‘outro lado’ tinham conversado com eles. O círculo dissolveu-se há cerca de vinte anos, quando o médium, Walter Rickard, deixou Tunbridge Wells, onde as reuniões eram realizadas, para ir viver para outra parte de Inglaterra. Devo mencionar que Rickard não era um médium profissional e não esteve envolvido dinheiro na série de reuniões.

Tanto o Sr. Hunt como o Sr. Rickard estão agora mortos, e a maioria das fitas não está disponível, pois a senhora a quem foram confiadas — uma membro do círculo — não permite que sejam inspecionadas. No entanto, o Sr. Hunt fez cópias para mim dos

casos de resgate mais interessantes e, entre estes, está o caso de Alf. Não é possível reproduzir na imprensa o sotaque *Cockney* que é tão evidente na gravação e que soa tão convincente para alguém como eu, que cresceu em Londres após a guerra de 1914-1918. O médium não era um *Cockney*, e um dos aspetos fascinantes do trabalho deste círculo de resgate é a multiplicidade de sotaques e dialetos com que os seus comunicadores falavam.

Lembro-me de passar uma parte da comunicação de Alf a Jack Pizzey, o apresentador de televisão, no seu escritório há muitos anos. Ele ficou tão intrigado com a gravação que, ali mesmo, telefonou à sua esposa, Erin Pizzey (que é reconhecida pelo seu trabalho com mulheres vítimas de maus-tratos), e, colocando o meu gravador perto do telefone, deixou-a ouvir parte da história.

O 'Sr. Abu' de quem Alf fala é o guia que era o impulsionador principal de todas as atividades do círculo. A gravação começa com Alf a descrever o que aconteceu quando ele e os outros soldados foram mortos. Dois membros do grupo, Norman Hunt e John, faziam comentários ocasionais.

Alf — *Tem alguma pergunta para mim, patrão? O senhor ia tentar arranjar uma pergunta. Se não tiver perguntas...*

N.H. — Sei de uma, Alf.

Alf — *Sabe, patrão? Uma que eu pudesse tratar, eh?*

N.H. — Sim, acho que sim.

Alf — *Ótimo.*

N.H. — Vou fazê-la já, para não...

Alf — *Agradeço-lhe. Não quero perder tempo nenhum esta noite.*

N.H. — Está bem. O que lhe ia perguntar, Alf, era isto. Estava a falar connosco, lembra-se, sobre as pessoas que 'tinham de pensar'.

Alf — "Sim, patrão; era sobre isso que lhe estava a falar."

N.H. — Sim. Bem, consegue lembrar-se, a partir da sua própria experiência, talvez, ou do que viu, o que é que desperta primeiro essa sensação de que agora tem de pensar? Porque, como vê, até determinado ponto não o está a fazer. O que é que o faz sentir: "Tenho de pensar. Tenho de pensar"? Consegue dar-me alguma ideia sobre isso?

Alf — "Não é nada do que o senhor conhece que desperta isso, patrão. Se haverá ou não algum tipo de influência... Porque desde que estou aqui para cima, sei, como o senhor sabe e todos sabemos, que há muita influência a acontecer da qual não sabemos nada..."

N.H. — Isso é verdade, claro.

Alf — "Por isso, se foi porque havia algum tipo de influência a acontecer da qual eu nunca soube nada, ou se foi apenas porque aconteceu assim, não saberia dizer, agora não. Mas depois, como lhe disse, estava tudo bem. Estávamos fora daquela confusão toda e dos problemas todos e disso — bastante felizes, bastante tranquilos —, à procura de um botequim... Um deles diz: "Olhem! Veem aquela luz ali?" Lembra-se? Como lhe disse."

N.H. — Sim, lembro-me.

Alf — “Ora aí, patrão, estava uma reunião. Essa era uma reunião como aquela de que lhe estava a falar da última vez, quando os rapazes novos estavam aqui.”

N.H. — Sim, eu sei.

Alf — “Essa é que era a reunião, patrão. Aquela luz ali era das grandes, percebe? O que eu nunca soube na altura. Eu tirei os meus olhos dela, patrão: eu não quis ir — não com este gajo aqui que foi. Por isso eu podia ter sido recebido; percebe, patrão? Porque a gente tem a sua escolha. Se não quiser ser recebido, não tem de ser. Pode mandá-los embora.”

N.H. — Sim.

Alf — “Pode mandá-los embora... E eu fi-lo, e os outros que estavam comigo fizeram-no também. “Luz? Não consigo ver luz nenhuma. Devem estar malucos — sabe como é. Deixem-no ir.” Tudo bem! Ora, esse foi o que foi recebido, e nós podíamos ter sido todos recebidos, da mesma forma, percebe?”

N.H. — Sim, compreendo-o.

Alf — “E podia dizer-se ajudados a ser compostos antes de sermos compostos, de certa forma. Bem, andámos por aí à deriva — a falar de mim agora —, andámos por aí à deriva, a fazer isto, aquilo e o outro. A descobrir que as coisas eram um bocado estranhas. A instalarmo-nos neste novo tipo de lugar, e a perguntarmo-nos sobre quando haveria licença; e quando é que iríamos para casa, para a pátria; e o que seria da patroa. Porque eram tudo pensamentos terrenos, percebe, patrão? Nenhum de nós, exceto este aqui que viu a luz e que tinha uma pequena ideia. Nenhum do resto de nós tinha ideia nenhuma. Por isso estávamos perdidos, podia dizer-se, de certa forma. Porque não havia nenhum Oficial de Companhia a quem dar cavaco.

Não havia nenhum Sargento-Mór. Bem, isso era agradável às vezes, sabe! Ha ha! Ninguém nos dava ordens; podíamos fazer o que quiséssemos, percebe? E nós fizemo-lo, percebe? Muito parecido com a vida real, podia dizer-se. Digo-lhe, procurámos um botequim. Bem, tudo bem, encontramos um botequim. Bebemos um copo; fumamos um cigarro. Aconteceu assim. Continua assim durante um bom pedaço.

Sem ocasião para pensar; apenas sobre a estranheza, podia dizer-se, deste novo lugar. Quanto tempo, não sei dizer; já lhe disse antes, não sei dizer. Simplesmente não consigo pensar em tempo, de maneira nenhuma. Mas calculo que deve ter sido um bom pedaço de tempo; e dependeria de quão cedo se começa a fazer este tal pensamento, quanto tempo se fica onde se está."

"Mas a primeira coisa que me começou a acontecer, patrão, foi eu começar a questionar-me. Não era um pensar como o tipo de pensamento de que lhe falei. Era apenas um começar a questionar-me. Um coçar a cabeça, por assim dizer, e pensar: "Engraçado isto aqui." Um bocado engraçado, sabe. Porque este gajo aqui que foi para a luz de que ele falou, percebe: ele disse: "Eu sei o que se passa connosco. Estamos mortos, e eu vou ver o que é esta luz." Claro, nós rimo-nos todos dele e dissemos: "Mortos? Tu podes estar morto; nós não estamos!" Bem, eu comecei a questionar-me.

Penso para mim mesmo: "É engraçado, seja como for. Não posso estar morto, porque isto não é estar morto. Por outro lado, onde está o Sargento-Mór e essa malta toda?" Percebe? "E a multidão. O que é que aconteceu?" O que é que tinha acontecido? Não sabia. Oxalá apanhasse alguém que me soubesse dizer. Foi assim que começou. Quem é que eu podia apanhar que me soubesse dizer, percebe? Penso para mim mesmo: Bem, não sei. Supondo que estávamos mortos; supondo que estávamos, quem

seria o gajo a quem perguntar sobre isso? O padre, suponho eu. O padre supõe-se que sabe tudo sobre isso.

Claro que eu não sabia nada nesses tempos. Não sei, penso para mim mesmo, vou ter de pôr isto em pratos limpos. Porque, afinal de contas, anda-se de um lado para o outro — para nada, sabe. Não se encontra ninguém que se conheça, apenas a multidão que anda por ali à deriva, e eles não significam nada para a gente. E depois tem-se uma pausa, sabe. Gostava-se de encontrar alguns dos velhos companheiros. E depois começa-se a questionar como eu fiz. Olhe que não digo que aconteça com toda a gente da mesma maneira. Calculo que seja diferente com pessoas diferentes, mas foi assim que aconteceu comigo. Se agora, patrão, eu tivesse tido uma pequena ideia — não tanto como o senhor tem, mas apenas uma pequena ideia; o que o senhor disse às pessoas que vieram aqui e falaram através de outras senhoras; falaram através do meu gajo para si e tudo.

Se eu tivesse tido uma pequena ideia como a que o senhor lhes deu, quando eles andavam a questionar-se e a fazer os seus pensamentos, o senhor disse-lhes: Olhem, quando saírem daqui — porque eu ouvi-o; estou interessado nisso —, Quando saírem daqui, o senhor disse: Gritem por alguém; e dão-lhes um nome, talvez. Tudo bem, patrão. Agora, se eu tivesse tido essa pequena ideia, ou se tivesse tido a sorte, podia dizer-se, de ir parar a um destes encontros com pessoas que têm juízo como o senhor tem, que me tivessem dito aquilo, eu tê-lo-ia feito; porque o que é que eu queria, patrão, quando estava sozinho, a questionar-me e a pensar e a apoquentar-me; porque nunca soube como é que havia de sair de onde estava, percebe?

Nunca soube como. Teria então soltado este tal grito, por assim dizer, com o Donald, sabe, e como com o outro, o Harold, ele; a soltar um grito. E teria tido ajuda, porque tinha virado os

meus olhos para aquele lado, como o senhor lhes disse para fazerem, e soltado um grito. Eu nunca soube. Eu nunca soube.”

“Tive de esperar, patrão, e esperei mesmo. Não estava infeliz, mas não estava a chegar a lado nenhum. E não estava devidamente feliz: não podia estar. Estava a meio caminho, patrão. Não estava no Céu e não estava no Inferno, e não estava na Terra. Não estava em lado nenhum, percebe o que quero dizer? E era isso que não era satisfatório. Não era satisfatório. Por isso tive de esperar, patrão, até que um dos gajos com quem andava à deriva, que tinha estado a fazer o seu próprio pedaço de pensamento — e esse era o nosso velho amigo, o Frenchie —, ele solta um grito.

Ele consegue que alguém venha cá abaixo, sabe quem, para lhe dar uma mãozinha. Ele sobe com ela. Eu decido ir com eles. Foi assim que aconteceu. Depois vim cá para cima. Depois o senhor diz-me que foram quarenta e cinco anos. Bem, tudo bem, não importa; não importa. Não importa. Não é só aqui que não importa. Olhe para trás para a sua própria vida na Terra. Quando é que aquilo aconteceu, pensa o senhor para si próprio. Isso foi há quinze anos, foi. Não importa, pois não, patrão?”

N.H. — Nem um bocado.

Alf — “Bem, é exatamente o mesmo; é exatamente o mesmo. A condição, sim, a condição; é isso que tenho dito sempre que tenho tido oportunidade de falar sobre este tipo de coisas. Sim, a condição, mas não o tempo.”

N.H. — Não. Com certeza.

Alf — “Eu disse; já me esqueci a quem foi; disse, acho que foi à outra senhora: “Não tenha pena deles pelo tempo. Tenha pena deles pela condição.” Porque enquanto a condição lá está,

patrão, é todo o tempo que existe. Não vai haver outro tempo, percebe. E não se pode dizer: Eu estive lá quarenta e cinco anos; estive infeliz três vezes mais tempo do que o gajo que esteve lá apenas dez anos. Não é assim. Não consigo explicar; é a condição.

Bem, foi assim que aconteceu, patrão. Olhe que eu não era — sei-o agora —, eu não era dos maus, sabe. Não, não era, patrão. Não podia ter sido, senão não teria estado onde estava. Mas não gostaria de ter estado, agora que sei um bocado mais. Porque onde eu não estava infeliz, há quem esteja. E esses são mais difíceis de tirar de lá, a não ser que possam ser trazidos a pessoas como o senhor."

N.H. — E mesmo assim é difícil às vezes.

Alf — "Mesmo assim, patrão, é difícil às vezes. Sim; mas foi assim que funcionou. E sobre o lado do pensamento de que o senhor estava a falar; foi assim que começou comigo. Em que é que pensei? Bem, tinha imenso tempo. E a gente guarda a memória, patrão. A gente segura bem a memória; não se perde nada quando se vem para aqui. Por outro lado, fica um bocado mais clara. E quando se tem o tempo todo, e não há mais nada que se tenha de fazer, e não há mais nada que chegue até à gente; não importa quanto tempo se demora a pensar nas coisas em que se tem de pensar. E tem-se de pensar noutras coisas."

John — Não se tem mais nada para fazer, na verdade.

Alf — "Claro que não se tem, rapaz John; é a isso que se resume. É a isso que se resume. Na altura em que acabei de andar a vaguear, a gostar de não estar na lama; a gostar de não ter Sargento-Mor, e isso tudo: na altura em que isso acabou, não havia mais nada; nada para fazer."

John — Todas estas pessoas que nos foram trazidas tinham essa coisa em comum. Como dizes, não necessariamente infelizes, mas estão insatisfeitas.

Alf — “Sim, é isso mesmo, rapaz John. É isso mesmo, rapaz John. É isso que nos faz começar na coisa.”

John — Elas nem sempre o admitem...

Alf — “Ah, nota-se; nota-se na cara delas. Eu disse ao patrão; nota-se na cara delas o que passaram: claro que se nota. Bem, elas pensam, tal como eu penso, se há alguma coisa no fundo da mente, por assim dizer, e pensa-se: “Bem, não sei; acho que não vou pensar nessa aí; não é agradável pensar nisso.” Sabe, pode ser algo desagradável, percebe? Não se tem de pensar; tudo bem, mas fica-se onde se está até se pensar. E tem-se o tempo todo, o tempo todo, e ali se fica até se pensar. E põe-se a coisa em pratos limpos consigo próprio; consigo próprio. Não consigo dar outra explicação. Nunca tive de ir a igreja nenhuma. Nunca tive de fazer nada.

Nunca tive de dizer que estava arrependido, a ninguém... só a mim próprio. É aí que entram esses remorsos; percebe, patrão? Queima-se aquilo tudo, assim mesmo. E se se tem muito para queimar, bem, anda-se para a frente com isso, tem de se fazer: tem de se fazer. Só que, como eu, a maioria simplesmente não sabe, patrão. Não sabem. Nem sequer têm a ideia. É por isso que fico contente por poder ajudar o Senhor Abu — e o senhor — um bocadinho, fazendo a minha pequena parte do nosso trabalho.”

N.H. — Sem dúvida que sim.

Alf — “Assim mesmo. Há pessoas aqui, centenas e milhares delas, que não estão interessadas. Passaram pelo mesmo que eu passei, e pior, centenas e centenas e centenas delas. Estão

contentes, estão satisfeitas, estão felizes com a vida que encontram agora — a que mereceram; porque não se vem para aqui a não ser que seja correto. Limparam a sua pequena parte: percebe o que quero dizer, patrão? Fizeram o seu pensamento, e isso trouxe-as para aqui. Isso trouxe-as para aqui. Tudo bem, estão satisfeitas. Não sentem qualquer impulso, podia dizer-se, de voltar aqui à Terra e falar com as pessoas. Está tudo bem; não importa, não se tem de voltar, não se tem de voltar. Mas eu não conseguia ultrapassar isso, patrão; não conseguia ultrapassar isso quando falei com a minha rapariga Eileen, que me trouxe cá para cima, em segunda mão, podia dizer-se: não foi especial para mim — e tanto melhor por isso.

Falei sobre isso com ela: sabia que ela andava por ali perto da Terra, e ela disse-me porquê. Digo para mim mesmo: "Bem, agora olha lá, minha rapariga" — porque lhe chamo minha rapariga tal como chamo à minha rapariga aqui, percebe. "Agora olha lá, minha rapariga", digo eu, "Isto significa que há muita gente a vir para cá, como eu vim, que não sabe nada sobre isto: e vão ficar na mesma velha confusão em que eu estou, a não ser que possamos fazer alguma coisa para lhes dizer. Agora, como é que lhes podemos dizer, percebe?" Bem, claro, aqui está a resposta, patrão.

A minha rapariga diz: "Se te sentes assim, Alf, há uma oportunidade para um pequeno trabalho. Há um trabalho à tua espera, percebes?" Foi isso que me fez começar aqui, patrão. Olhe que as ordens podiam ter vindo de mais acima. Não sei. Mas foi assim que passou para mim. Foi assim que passou para mim. É só agora, a falar convosco, e a ouvir o que o Senhor Abu tem para dizer, e isso tudo, que percebi que há ordens que vêm lá de cima. E esta coisa do pensamento muito provavelmente começou com uma influência de alguém de quem eu nunca soube nada. Pode ser: pode ser. Calculo que sim, agora que sei mais. Bem, foi assim que funcionou."

N.H. — Bem, obrigado por essa conversinha, Alf. Acho isso muito interessante. Muito.

Alf — “Agora posso pensar, aqui onde estou. E limpei todo o lado mais escuro da coisa, patrão, e pus tudo em pratos limpos comigo mesmo. Passei pelos meus pedacinhos de remorso e isso... Se não tivesse passado, não estaria aqui onde estou. E agora posso pensar — e posso pensar no lado mais feliz. Em vez de pensar no miúdo a quem dei uma chapada na orelha, posso pensar naquele a quem dei um tostão. E dá um pequeno sentimento caloroso, patrão, percebe?

Patrão, não quero armar-me em sentimental, mas quando se chega aqui, patrão, e se descobre que se pode pensar daquela maneira, e não se tem de pensar da outra maneira porque já se fez o pensamento sobre essa parte — isto consolida este amor, patrão, é o que faz. Porque este Deus — não sei nada sobre Ele —, Deus o abençoe, não sei nada sobre Ele. Ele é Deus para mim, e é suficientemente bom. O Senhor Abu sabe tudo sobre Ele, talvez.”

N.H. — Não; acho que não!

Alf — “Bem, muito, patrão, porque ele fala-lhe muito sobre Deus, e sobre Deus ser amor e isso. Não pretendo saber sobre as palavras e isso tudo... não importa. Mas este Deus, patrão, disse-me; e disse a toda a gente que chegou aqui; e dirá a toda a gente que ainda não chegou aqui, mas chegará: e dirá a vocês se se encontrarem na mesma posição. Ele vai dar-lhe uma festinha na cabeça, patrão, e vai dizer: “Está tudo bem. Puseste tudo em pratos limpos. Agora anda lá, continua. Se tens um pequeno trabalho para fazer, boa sorte; continua. Podes ser feliz agora. Resolveste isto por ti próprio.

Resolveste isto por ti próprio, com uma pequena ajuda, sim; mas fizeste-o tu próprio." Tem de se fazer por si próprio. Mais ninguém pode pensar por nós. E isto consolida este amor de Deus, patrão, como mais nada consegue. Porque, percebe, estamos a viver nele. Não como o Senhor Abu, talvez. Calculo que ele seja mais feliz do que eu sei ser: mas não importa, sou suficientemente feliz. E estamos a viver nele."

Consigo imaginar muitos daqueles que lerem o relato de Alf sobre as suas experiências pós-morte a expressarem dúvidas consideráveis sobre a possível veracidade do mesmo; e certamente para um membro de uma igreja cristã pode parecer não só ridículo, mas também teologicamente não ortodoxo. Lembraria a essa pessoa o que foi dito sobre Gordon Burdick pelo Cónego Pearce-Higgins. Não devemos esperar demasiado em termos de conhecimentos teológicos daqueles que morreram. Eles podem não saber mais depois da morte do que sabiam antes, embora seja de esperar que o esclarecimento venha a ser obtido a seu tempo.

Alf não reivindicava conhecimento de Deus. Obviamente não se teria chamado a si próprio cristão, exceto, talvez, no sentido mais nominal. Ele teria pouca compreensão sobre a Expiação, por exemplo, e não teria tido dificuldade em aceitar a teoria de que cada ser humano tinha de construir a sua própria salvação.

Acredito, eu próprio, que há muito mau entendimento sobre o significado da doutrina da Expiação e que ela não absolve o pecador arrependido dos resultados das suas más ações. O que ela faz, na minha interpretação, é restaurar o pecador a uma relação adequada com Deus. Isto é, trata-se de uma 'reconciliação'.

O mal feito na Terra causará sofrimento ao infrator, aqui ou no além, embora o sofrimento possa ser apenas o do verdadeiro remorso; mas o resultado será a realização do amor de Deus e

uma relação correta com Ele. E foi isso que Alf parecia vivenciar, por muito não ortodoxa que a sua descrição da experiência possa parecer.

Se eu estiver certo quanto a isto, Alf pode já ter alcançado um grau considerável de iluminação.

NOVE
Que Ensinou Jesus?

Antes de prosseguir para dar novos exemplos das fitas do Sr. Hunt, gostaria de dedicar algumas páginas à consideração do que é ensinado aos cristãos sobre a sua religião e se isso reflete o que Jesus ensinou.

Suponhamos que na Índia um homem instruído, mas sem conhecimento da fé cristã, encontra uma cópia do mais antigo dos Evangelhos, São Marcos, impressa numa língua que ele conhece.

Que tipo de impressão sobre Jesus e o seu ensinamento faria o conteúdo do Evangelho de São Marcos a alguém completamente ignorante do Cristianismo, que o lê pela primeira vez? A razão pela qual dei este Evangelho como exemplo é o facto de São Marcos ser considerado pelos estudiosos como o Evangelho que mais claramente reflete o que Jesus ensinou. Estes estudiosos não acreditam, obviamente, que cada palavra deste Evangelho seja verdadeira.

Não houve ninguém entre os discípulos de Jesus que tivesse escrito as palavras que ele proferiu. O que encontramos nos Evangelhos chegou aos seus autores a partir do que os discípulos ou outros se lembravam sobre Jesus, ou do que lhes tinha sido contado sobre ele; e (a menos que se acredite numa inspiração verbal literal) estas memórias nem sempre seriam corretas palavra

por palavra. Além disso, aqueles que editaram os Evangelhos por vezes podem ter cometido erros, ou feito deliberadamente alterações, omissões ou adições. Também aqueles que fizeram cópias dos Evangelhos sem dúvida cometeram eles próprios um certo número de erros.

Não obstante, o Evangelho de São Marcos dá-nos provavelmente a melhor imagem que podemos obter do ensinamento de Jesus e de como ele era. Não é um relato cronológico da sua vida — não é uma biografia no sentido moderno. Tal como as 'vidas' dos santos, é uma coleção de histórias de diferentes fontes sobre uma figura venerada.

Leia São Marcos, tentando esquecer tudo o que sabe sobre a fé cristã. Tente colocar-se no lugar do homem que mencionei. Se ele se sentar para o ler, que tipo de impressão sobre Jesus e a sua mensagem obterá?

Uma coisa é certa. Não compreenderia uma grande parte do Evangelho. Não compreenderia totalmente, por exemplo, a razão da hostilidade que as autoridades religiosas judaicas mostravam para com Jesus, e a reação dele a essa hostilidade. Algum conhecimento da história judaica é necessário para isso. Não compreenderia muitas das parábolas de Jesus. Não compreenderia que a maioria dos cristãos equipara Jesus a Deus. De facto, à primeira vista, seria difícil ver o que de importante ele aprenderia com São Marcos, o qual deve ser lembrado que foi escrito para os primeiros cristãos judeus de modo a preservar o conhecimento da vida terrena de Jesus, a quem desde a ressurreição vinham a aclamar como o Messias.

O nosso leitor hipotético de São Marcos notaria que aqueles que ouviam Jesus ficavam extremamente impressionados com o seu ensinamento porque, ao contrário dos peritos da lei religiosa judaica, “ele ensinava-os como quem tem autoridade”. Era óbvio

que ele tinha uma grande perceção espiritual, e parecia que conhecia a mente de Deus de uma forma que os líderes religiosos contemporâneos não conheciam.

Ele nunca afirmou ser igual a Deus, mas chamava-Lhe 'Pai'.

Por vezes é referido como o Filho de Deus ou o Messias. O que o leitor não instruído faria destes termos é impossível dizer com certeza. O que é certo é que eles não sugeririam a Divindade.

Jesus, tal como é apresentado no Evangelho de São Marcos, é claramente subordinado ao seu Pai celestial. Por exemplo, no capítulo 9, versículo 37, é relatado como tendo dito: ‘‘Quem receber um destes meninos em meu nome, a mim recebe; e quem me receber, recebe, não a mim, mas Àquele que me enviou.” E esta ideia de Jesus ser enviado por Deus, seu Pai, ao mundo com uma missão ocorre vez após vez no Evangelho. Esta missão era proclamar o Reino de Deus.

Mas o que compreenderia o nosso leitor por este termo? Ao ler o Evangelho, penso que ele chegaria à perceção de que o Reino de Deus significava a vontade de Deus — que era amor — a operar no coração dos homens e das mulheres. Qual era a vontade de um Deus amoroso no que respeita à conduta humana, segundo São Marcos?

Pelo que Jesus disse, era claro que a vontade de Deus não operava na hierarquia judaica, a qual ignorava as leis divinas. As práticas e cerimónias exteriores tinham tomado o lugar das verdades espirituais, e à posição e riqueza terrenas era dado um lugar na religião que não mereciam. Acima de tudo, a autossatisfação e o orgulho eram endémicos entre os líderes religiosos.

Jesus disse que não tinha vindo para aqueles que, erroneamente, consideravam levar vidas exemplares, mas para aquelas pessoas espiritualmente sensíveis que sabiam que eram pecadoras; aquelas cujas vidas tinham nelas muito do qual se envergonhavam. A essas, ele disse: as vossas vidas serão mudadas para melhor — encontrareis nelas uma nova alegria — se viverdes de acordo com a vontade de Deus, meu Pai.

Isto envolvia amar a Deus e ao próximo; isto é, qualquer pessoa com quem se entrasse em contacto. A vida deveria ser simples; a grandeza deveria ser medida em termos de serviço aos outros. A oração, quando real, era muito poderosa, e o seu potencial era ilimitado.

A vida de Jesus, tal como a encontramos no Evangelho, estava em conformidade com o que ele ensinava. Ele praticava o que pregava. Pela forma da sua vida, ele mostrou ao homem como Deus era: o filho expressava a natureza do seu Pai, na medida em que a natureza humana era capaz disso. É dada tanta ênfase ao seu notável ministério de cura compassiva como ao seu ensinamento. Ele não tinha uma casa fixa. Com alguns seguidores, viajava pelo país, espalhando as 'boas-novas', ou o Evangelho. Ele previu o resultado do seu ensinamento. Os líderes religiosos opor-se-iam cada vez mais a ele e acabariam por mandá-lo executar. Mas ele iria 'ressuscitar três dias depois'.

Há algumas pessoas que afirmam que as suas vidas foram mudadas — que foram 'convertidas' — simplesmente pela leitura do Evangelho. Pode ser que o Evangelho atue como um gatilho, ou talvez um catalisador, para alguém que, inconscientemente, está preparado para essa mudança: alguém que está insatisfeito não só com a sua própria vida, mas também com a natureza tradicional e cerimonial da sua religião. Ou alguém que percebe o vazio de uma vida dedicada à ambição e desejos terrenos.

Também, claro, Jesus ensina que o homem é um ser espiritual e, como tal, tem um destino que se estende muito além desta vida; e que este destino é influenciado pela conduta aqui e agora. Estas são de facto 'boas-novas' para aqueles que acreditavam que a vida estava circunscrita ao seu curto período de existência neste mundo, e que o seu crescimento ético e espiritual seria interrompido pela morte.

Agora, suponhamos que um homem, ignorante do Cristianismo, que se convenceu da verdade do que Jesus ensinou após ler o Evangelho de São Marcos, é levado a Roma ou a Cantuária durante alguma grande ocasião religiosa numa dessas cidades. Ele poderia visitar a Basílica de São Pedro em Roma durante uma Missa especial celebrada pelo Papa, ou poderia estar presente na entronização de um novo Arcebispo de Cantuária.

Ele ficaria atónito com o que veria. Num edifício magnífico, ele testemunharia uma cerimónia complicada conduzida por padres extravagantemente vestidos que, se ele pudesse entender o que diziam, o convenceriam de que consideravam Jesus como Deus, o Salvador do mundo através do sacrifício de si mesmo na Cruz pela humanidade.

Todas as religiões, claro, mudam e desenvolvem-se durante o processo da história, mas o desenvolvimento de uma religião não é de modo algum sempre para melhor: antes pelo contrário, o mais provável é ser o caso. Os fundadores das grandes religiões do mundo, se regressassem à Terra hoje, raramente poderiam contemplar com satisfação o que os seus seguidores fizeram do seu ensinamento. A perceção de grandes almas é obscurecida e mal interpretada por homens menores, e o Cristianismo não pode esperar ser uma exceção.

Não estou a sugerir que a Cristandade — e em particular aquela parte que se intitula Católica — se tenha tornado corrupta

e degradada, ou que os papas e arcebispos não tenham tido homens bons e humildes entre eles; homens de vida simples, tentando fervorosamente seguir o exemplo que foi dado há quase dois mil anos. O que me estou a permitir sugerir é que houve uma transformação drástica do Evangelho original que os apóstolos e outros ouviram dos lábios de Jesus.

Alguma desta transformação foi provocada pela fraqueza da natureza humana; por boas intenções serem superadas pela componente mais animal da constituição do homem. Este é o tipo de mudança de que padece toda a religião, e a que me referi acima. Mas há razão para acreditar em algo de que a maioria dos cristãos é quase completamente ignorante; e isso é que a sua religião mudou radicalmente o seu rumo imediatamente após o seu início.

A teologia cristã, como algo distinto da religião cristã, poderia dizer-se que começa com São Paulo. Paulo não formulou, claro, um sistema completo de teologia, mas foi em grande parte sobre os seus escritos no Novo Testamento que os teólogos de gerações posteriores construíram as suas teorias sobre a natureza de Jesus, a sua relação com o Pai e o significado da sua morte. Estes e outros assuntos relacionados, incluindo a ideia de uma Santa Trindade, foram calorosamente debatidos entre os líderes da Igreja antes de as doutrinas ortodoxas, tal como as conhecemos, emergirem nos séculos IV e V.

Não é percebido, penso eu, pelos cristãos em geral como Paulo domina tanto do Novo Testamento. Para os cristãos, este é de longe o elemento mais importante da Bíblia, e pode ser dividido, no que diz respeito à extensão do texto, em duas partes aproximadamente iguais — os quatro Evangelhos e tudo o mais que vem depois deles. A segunda parte preocupa-se em grande parte com a vida de Paulo. Quase dois terços dos Atos dos Apóstolos são dedicados ao que ele disse e fez, e a grande maioria

das Epístolas é-lhe atribuída. É provável que os próprios Evangelhos não tenham escapado à sua influência, uma vez que São Lucas era o seu médico fiel e companheiro no esforço missionário.

Aquilo em que uma pessoa acredita depende, em maior ou menor grau, do tipo de pessoa que ela é; e assim o carácter de Paulo é de alguma importância. Pelo que lemos sobre ele no Novo Testamento, é evidente que ele era dominantemente masculino de uma forma que a maioria dos homens modernos não é. Isto devia-se, sem dúvida, ao facto de ele ser judeu, e os judeus do seu período geralmente não tinham uma opinião elevada sobre as mulheres, que eram tidas como uma criação inferior em comparação com os homens.

Existem certas caraterísticas predominantemente masculinas — tanto boas como más — e outras predominantemente femininas, mas não são mutuamente exclusivas. Por exemplo, os homens são habitualmente mais agressivos do que as mulheres: as mulheres são mais suaves do que os homens. Mas o homem médio pode ser suave em certas ocasiões, e a maioria das mulheres pode por vezes ser agressiva. É uma questão de grau. Paulo parece ter sido invulgarmente deficiente na virtude distintivamente feminina da compaixão, que era tão vistosa na vida de Jesus, no qual as virtudes masculinas e femininas parecem encontrar um equilíbrio perfeito.

O capítulo treze da I Epístola aos Coríntios é uma dissertação maravilhosa sobre o amor no seu sentido cristão, e descreve esta virtude de uma forma que raramente terá sido superada. Mas esta virtude não se expressava perfeitamente na própria vida de Paulo — nem tal poderia ser razoavelmente esperado. Ele nunca afirmou viver completamente de acordo com o que ensinava. Paulo nunca afirmou ter levado uma vida perfeita: ele tinha falhas humanas como todos os restantes de nós, mas não há dúvida de

que tinha os atributos necessários para levar a sua nova religião para o mundo dos Gentios.

Ninguém contestaria o papel vital que Paulo desempenhou no crescimento e expansão da Igreja primitiva, mas a pergunta deve ser feita: ele pregou o Evangelho tal como Jesus o tinha ensinado?

Como mencionei acima, o seu carácter deve ter tido alguma influência sobre a sua interpretação da Fé; e, apesar de I Coríntios 13, observa-se uma certa dureza — uma falta de compaixão — em alguns dos seus discursos e sermões.

Mas de muito maior importância, teologicamente falando, é a origem do seu conhecimento sobre Jesus e o seu ensinamento. Paulo insistia que tinha recebido este conhecimento, não, como outros convertidos contemporâneos, daqueles que tinham conhecido Jesus, ou aliás de qualquer fonte terrena, mas do próprio Jesus após a conclusão da sua vida terrena. Em outras palavras, ele acreditava que, por vezes, estava em comunicação direta com o Senhor ressuscitado, que o instruía em matérias de fé e conduta.

A sinceridade de Paulo nesta crença não está em causa, mas terá esta comunicação — supondo que teve lugar — sido influenciada por certos conteúdos da sua mente inconsciente? Há provas na investigação psíquica de que isto pode acontecer no caso de comunicações de natureza psíquica — na telepatia, por exemplo —, e embora possa haver relutância em aplicar o termo ‘psíquico’ no caso de Paulo, há pouca dúvida de que ele teve certas experiências a que poderíamos chamar psíquicas. Em II Coríntios, 12, por exemplo, ele escreve: ‘‘Passarei às visões e revelações concedidas pelo Senhor.”

Se o ensinamento de Paulo sobre Jesus, tal como o encontramos em Atos e nas Epístolas, correspondesse ao de Pedro

e do resto dos apóstolos que formavam em Jerusalém a primeira comunidade cristã, esta pergunta sobre a fiabilidade das visões seria de pouca importância. Mas o facto é que o ensinamento de Paulo parece diferir em certos aspetos do da Igreja cristã mais primitiva.

No dia de Pentecostes, segundo Atos 2, após a receção do Espírito Santo, Pedro, apoiado pelo resto dos Onze, dirigiu-se à multidão de pessoas que tinha estado a ouvir com espanto os apóstolos a falar 'em línguas'. Neste primeiro sermão cristão, como pode ser descrito, Pedro refere-se a Jesus como 'um homem destacado por Deus e tornado conhecido de vós através de milagres, prodígios e sinais'. Ele refere-se à 'ressurreição do Messias' que tinha sido prevista no Antigo Testamento.

Pedro ensinava que aqueles que aceitassem Jesus como o Messias deveriam arrepender-se e ser batizados em seu nome para a remissão dos pecados; que receberiam então o Espírito Santo e seriam capacitados para emendar as suas vidas. Além da morte haveria vida pessoal após o julgamento de Deus. Não havia nada no ensinamento inicial dos apóstolos sobre a divindade de Jesus, ou que a crença nele resultaria na salvação — '"a salvação do homem do poder e da pena do pecado," como o dicionário coloca.

Mas Paulo, no seu ensinamento, forneceu a base para uma nova ideia, a doutrina da Expiação Vicária: que Jesus era Deus e tomou sobre si o fardo do pecado do homem quando morreu na cruz. Ele também deu origem à ideia da justificação pela fé. Isto foi mais tarde interpretado como significando que, se um homem de má vida experimentasse no seu leito de morte uma conversão sincera à fé em Cristo, todos os seus pecados anteriores seriam remetidos: ele não sofreria qualquer pena por causa deles depois de morrer. Não há tal ensinamento pelo Jesus dos Evangelhos.

Acima de tudo, Paulo concebe Jesus como o grande Mediador entre o homem e Deus, ao passo que nos Evangelhos Jesus apontava sempre os seus seguidores diretamente para o Pai. Ele nunca sugeriu que devia colocar-se entre eles e Deus.

Para resumir, o ensinamento de Paulo sobre a religião de Cristo não estava, em alguns aspetos importantes, de acordo com as provas dos Evangelhos e o ensinamento dos doze apóstolos. Qual é a explicação para isto?

Eu sugeriria que foi o conhecimento de Paulo das 'religiões de mistério' contemporâneas que inconscientemente coloriu as visões e revelações que ele afirmava ter vivenciado. Esta não é uma ideia nova. Foi apresentada por uma série de estudiosos da Bíblia, e foi negada por outros.

Paulo, como sabemos, era natural de Tarso, que era um centro do Mitraísmo, considerado como sendo talvez o principal rival da Igreja Cristã nos seus primeiros tempos. O Mitraísmo, embora tenha tido origem na Pérsia, tinha ligações próximas com outras antigas religiões de mistério na Babilónia, no Egito e na Grécia.

O deus Mitra tornou-se conhecido como ''um salvador, um redentor, eternamente jovem, Filho do Altíssimo e preservador da humanidade contra o Maligno. Em resumo, ele é um Cristo pagão." (C. W. King, "The Gnostics and their Remains", 1887.) O seu aniversário era a 25 de dezembro. Ele ascendeu ao céu numa carruagem, tendo participado numa refeição cerimonial com os seus principais seguidores — uma refeição de comunhão que se tornou um dos ritos mais importantes dos Mitraístas. O Juízo Final era presidido por Mitra, que conduzia os fiéis às esferas celestiais.

Além da atividade redentora do deus, havia o seu aspeto guerreiro. Ele tinha um apreço especial pelas virtudes militares da disciplina e da coragem. O sangue e o sacrifício figuravam grandemente na sua religião, a qual incluía o "Taurobolium", um banho regenerador no sangue de um touro recém-morto.

Paulo era um judeu ortodoxo, mas devia estar ciente de muito do ensinamento do Mitraísmo, e provavelmente sentia-se atraído por certas das suas caraterísticas. Havia muito de soldado na sua constituição.

As suas capacidades de resistência e determinação eram virtudes militares que ajudaram a fazer dele o grande missionário pioneiro que foi. Também, como disse, parece ter havido uma dureza ou falta de sensibilidade nele, o que era certamente comum entre os soldados.

É óbvio que Paulo nunca poderia ter aceite a religião de Mitra. Primeiro ele era um judeu de todo o coração, e após a sua conversão um cristão de todo o coração até à sua morte. Mas não é possível que a sua conceção de 'cristão' incluísse elementos mitraicos que inconscientemente o atraíam, e que tornariam a nova religião que ele estava a tentar espalhar entre os pagãos mais aceitável para estes? Eles estavam habituados à ideia de um deus-redentor e ao conceito do seu sacrifício no ato de redenção. Mitra era identificado com o touro sacrificial no "Taurobolium".

Basicamente, aquilo em que acreditamos sobre o Cristianismo depende do que pensamos sobre uma pessoa. Nas palavras do Evangelho, 'Que pensais vós de Cristo?'

A erudição bíblica moderna, embora tenha mostrado que alguns dos conteúdos do Novo Testamento são de autenticidade duvidosa, revela, contudo, Jesus como uma figura única na história. Não mostrou que ele tenha afimado ser o igual do autor

do universo e que era ‘Deus verdadeiro’, como o Credo de Nicéia coloca. Por outro lado, é difícil ver nele um homem que possamos comparar com qualquer outro que nos seja conhecido. Ele não era como nenhum santo cristão.

Ele falava com grande autoridade sobre Deus, seu Pai, e a Sua vontade para a humanidade, o que implicava uma intimidade de relação com Deus que os santos não reivindicavam. Ele não exibia nenhuma da humildade que é uma caraterística tão atraente de todos os verdadeiros santos, mas que não seria apropriada para uma alma que tinha encontrado a resposta completa para o problema da tentação do pecado.

A definição de Jesus sobre a qual os Padres da Igreja finalmente concordaram foi uma fórmula que as principais partes teológicas opostas podiam aceitar. Jesus era verdadeiramente Deus, e ao mesmo tempo era verdadeiramente homem: ele tinha duas naturezas. Mas isto era, de facto, uma contradição nos termos. Como um dos autores de “The Myth of God Incarnate” colocou, é como dizer que um triângulo é ao mesmo tempo um quadrado. A verdade, segundo parece, é que a relação entre Jesus e o seu Pai celestial é um mistério que não pode ser totalmente compreendido por teólogos humanos.

Pode ser de interesse notar o que alegadas comunicações do ‘outro lado’ têm a dizer sobre Jesus. Algumas delas descrevem Jesus simplesmente como um homem muito bom cujo ensinamento ético nunca foi superado; cuja crucificação foi um supremo exemplo de amor e nada mais, e cuja ressurreição foi uma materialização tal como muitas vezes tem tido lugar durante os últimos cem anos sensivelmente.

Mas há outras comunicações que acho de maior interesse. Falam de Jesus como uma alma que tinha viajado longe entre as ‘muitas moradas’ de Deus, mas que encarnou para fundar o Reino

de Deus no coração dos homens e das mulheres, para os capacitar a encontrar a ‘reconciliação’ com Deus. Aqueles que tentassem sinceramente seguir o ensinamento de Jesus seriam ajudados pelo ‘Espírito de Cristo’. Eles não se tornariam perfeitos neste mundo, e o mal que fizeram durante as suas vidas terrenas teria de ser enfrentado mais tarde. Não obstante, o seu laço com Deus nunca seria quebrado, e eventualmente seriam unidos a Ele. A expiação era de significado cósmico, mas além da nossa compreensão atual.

A ideia de reencarnação é frequentemente introduzida. Não é geralmente sabido, talvez, que existiam cristãos dos primeiros séculos que tinham uma crença na reencarnação: certamente há versículos nos Evangelhos que sugerem que Jesus não desencorajava tal crença. A Igreja demorou mais de quinhentos anos a decidir que isso era uma heresia.

Hoje, apesar desta proibição do século VI, eu acharia que há mais cristãos, mesmo no mundo ocidental, que aceitam a ideia da reencarnação do que a maioria das pessoas supõe; mas indubitavelmente é nas antigas religiões do Oriente que se encontra uma convicção generalizada da sua realidade. Na verdade, à escala mundial, entre os fiéis de todas as fés, há pouca dúvida de que a grande maioria acredita na reencarnação.

Considerar este assunto está além do alcance deste livro. Uma certa quantidade de investigação tem sido feita nas últimas décadas; mas, tal como com a investigação relativa à sobrevivência da morte, diferentes interpretações das provas são sempre possíveis. A prova, no sentido habitual da palavra, não é de esperar.

Uma coisa eu diria: se a reencarnação é um facto, ajuda a fazer sentido de muitos dos problemas que nos confrontam quando tentamos compreender o significado da vida.

O livro que achei mais útil quando comecei a estudar a teoria do renascimento foi “The Country Beyond”, de Jane Sherwood, publicado pela primeira vez em 1944 e republicado por Neville Spearman em 1969.

DEZ
Tommy Porter & Abu — ‘Sir Rupert Benton’

A sessão de gravação seguinte apresenta personagens muito diferentes de Alf Higgins. Alf provavelmente tinha pouco em termos de instrução, mas tinha aquela agudeza de mente que é tradicionalmente atribuída aos “Cockneys”. Tommy Porter, o primeiro orador na fita seguinte, é uma alma simples, e era possivelmente o que costumava chamar-se o idiota da aldeia. Os maus-tratos de que foi vítima e que descreve sugerem que a sua vida terrena foi há pelo menos duas ou três gerações. Evidentemente era conhecido como ‘Soppy Tommy’ [Tommy Tontinho], e foi assim que se apresentou ao grupo de resgate.

A fita, da qual uma transcrição parcial é dada abaixo, foi feita por ocasião da segunda visita de Tommy. Já lhe tinha sido dito que tinha morrido, e ele estava agora a chegar a um acordo com as suas novas condições. O velho que ele menciona é Abu, o guia; e é Abu quem faz os seus comentários sobre o caso quando Tommy se vai embora. [Na verdade houve aqui uma transposição. Os comentários de Abu foram feitos após a primeira aparição de Tommy, mas foi considerado apropriado pelo Sr. Hunt colocar a gravação na sua posição atual.] ‘Abu’, segundo parece pelo que foi dito em outras ocasiões, é um nome genérico que significa ‘Pai’.

Pode achar-se estranho que Tommy ainda se sinta coxo. A explicação sugerida é que as incapacidades nesta vida podem ao início ser vivenciadas na seguinte, mas desaparecerão quando a

mente se tiver habituado à ideia de que a enfermidade corporal não tem lugar no novo mundo.

Há, claro, a questão maior de por que razão haveria corpos de aspeto terreno num estado pós-morte. A resposta dada é que, nesta primeira etapa da jornada da alma após deixar a Terra, há uma aparência de condições terrestres para suavizar o choque da mudança através da morte.

N.H. é Norman Hunt; S. outro membro do círculo.

N.H. — Tommy Porter!

T. — "Soppy Tommy! Posso falar convosco agora, não posso? Já não me importo. Estou muito mais feliz do que estava. As pessoas vão ensinar-me coisas agora. Sim, vão! Quero aprender agora. Eu não gostava que as pessoas falassem comigo antes, mas agora não me importo, porque são muito bondosas para mim. Por isso vou começar a aprender agora, e ver o que posso fazer. Um dia virei falar convosco, e já não serei o Soppy Tommy, pois não?"

S. — Tu já não és o Soppy Tommy agora!

T. — "Eu sou um bocado, ainda sou, não sou? Eu sei disso; mas agora não me importo. Sim, claro que sei. Eu costumava ser bastante tontinho, não era?"

N.H. — Bem, tu não eras um Soppy Tommy muito feliz...

T. — "Agora sou um Soppy Tommy feliz, e não me importo. Mas eles vão ensinar-me todo o tipo de coisas, e depois saberei devidamente onde estou, não saberei? O senhor disse-me que eu estava morto, não disse? Eu não estou morto, pois não? Adeus. Virei falar convosco outra vez. Aquele homem velho acabou de

estar aqui. Ele parece muito feliz. Sim, parece! Vi-o antes de ele se ir embora. Ele apertou-me a mão — sim, apertou! Ele foi-se embora. Não sei para onde foi, mas não vivo com ele. Tenho uma senhora que me vai tratar de mim. Sim, tenho! Ela é um bocado como a minha mãe era — um bocado. São todos muito bondosos; por isso vou-me embora agora, mas vou voltar."

"Tive de ser ajudado para vir para aqui, tal como costumava ter de ser ajudado, porque não conseguia andar muito direito, não conseguia. Costumava ir de um lado para o outro. Quando tinha alguém comigo, tinham de me segurar direito. Eu batia contra as coisas, sabe. Tiveram de me ajudar a vir falar convosco. É uma tontice, não é? Mas não vou ter de ser ajudado em breve. Vou fazê-lo sozinho em breve, vou sim."

"Acho que vocês também são todos pessoas muito bondosas, não são? Têm sido muito bondosos para mim, têm sim. Nunca me chamaram nomes feios, nem me atiraram nada, pois não? Muita gente costumava fazer isso, mas agora já não fazem. Vai correr tudo bem. Vou ser muito feliz onde estou a começar a viver. Vou-me embora agora. É bom ver-vos a vocês também, porque agora posso ser feliz. Vou-me embora..."

A. — "Eu sou o Abu."

S. — Boa noite, Abu.

A. — "Em pleno acordo com o meu filho. É, de facto, uma coisa maravilhosa assistir e observar ao desabrochar do espírito quando este é transplantado para circunstâncias que não inibem o seu crescimento natural. A alegria e a descontração que emanam daquele que acabou de vos falar são uma lição objetiva para tantos aqui do lado do espírito; e sê-lo-iam para muitos na Terra se pudessem apenas testemunhar o que eu próprio sou capaz de ver. Há ali um espírito natural — um espírito não corrompido

pelos seus contactos, que foram infelizes e desditosos no mundo terreno; e que contudo desabrocha como uma criança, desenvolvendo-se suave e naturalmente com amor no seu coração, e com uma alegria que não é muito habitual entre os habitantes da Terra. E, no entanto, dir-se-ia, revendo a sua vida na Terra e o seu falecimento infeliz e desdito, que foi uma tragédia. E perguntar-se-ia por que razão deveria um Deus amoroso permitir que uma coisa tão medonha ocorresse.

Aqui agora, cinco minutos após a sua passagem da Terra para o espírito, ele é, como digo, uma criança natural do nosso Pai, desabrochando e desenvolvendo-se tão belamente que é uma alegria observar. E contudo, as pessoas na Terra, com a sua visão tão limitada, continuarão a perguntar como pode ser um Deus amoroso quando vemos isto e aquilo de ambos os lados."

"É compreensível, pois a vossa visão é limitada. Mas para quem possa ter os olhos um pouco abertos — talvez seja um ato de fé; não sei, pois eu consigo ver. Mas vós sabereis, meus filhos, pelo que tentei dizer-vos, e pelo que tantos outros se esforçaram por vos trazer; que a duração da vida terrena é, por comparação, tão curta; tão virtualmente insignificante por comparação, novamente, que nenhuma dúvida sobre a bondade amorosa de Deus poderá surgir na vossa mente um pouco mais tarde."

"Pois na casa do meu Pai há muitas moradas, e o alcance é ilimitado para toda e qualquer uma das Suas crianças. Apenas pelas suas próprias mentes e pelos seus próprios corações podem elas ser circunscritas e mantidas prisioneiras, e mergulhadas na escuridão e em condições infelizes."

"Esta lição objetiva de um pequenino, cuja vida na Terra foi uma tragédia... e observá-lo agora! É pena que a educação e a erudição tantas vezes retirem pelo ensino a natureza infantil do homem, a qual este manteve. Sede como criancinhas na medida

em que puderdes, meus queridos, muito queridos. Os vossos olhos devem, claro, estar voltados para as coisas terrenas. Tendes assuntos e matérias que devem ser atendidos, devem ser tratados.”

“Mas acho que não preciso de vos pedir ou aconselhar a manter um canto do vosso coração intocado por tais coisas; com o conhecimento, a certeza, de que somos todos filhos do mesmo Pai, e que na medida em que pudermos manter a nossa atitude infantil, assim nos desenvolveremos mais fácil e prontamente quando entrarmos na nossa posição natural, que é a vida do espírito.

Pois é mais fácil, muito mais fácil, para alguém assim do que para o homem de coração frio e contudo, de mente ativa e astuta que voltou a sua atenção todo o tempo para as realizações terrenas — mentais ou materiais, não importa quais. Sede então como criancinhas, na medida em que puderdes, meus filhos; pois dos tais é o reino dos céus.”

Abu pode soar bastante pomposo, ou pelo menos pedante. Só posso dizer o que sublinhei antes: que a palavra impressa é um fraco substituto para a comunicação falada. Quase todos os que ouviram Abu ficaram impressionados com o que ouviram. Ele não mostrava aquela condescendência altiva que é caraterística de certos guias auto-intitulados; e por vezes exibia um agradável sentido de humor.

A voz e os maneirismos de Tommy Porter eram extremamente interessantes. Passei a fita acima a um vigário vizinho (que é agora bispo) e à sua esposa, que costumava trabalhar profissionalmente entre pessoas com deficiência mental. Lembro-me de ela ter ficado particularmente impressionada porque sentiu que Tommy soava exatamente como os seus antigos pacientes, ao ponto de ele ter de ser quem afirmava ser. Qualquer tipo de impostura parecia-lhe uma impossibilidade.

A fita seguinte inclui a revelação feita pelo Sr. Hunt ao comunicador do facto de este estar morto. Outro ponto de interesse é que ‘Sir Rupert Benton’ afirma ter morrido durante o reinado de Guilherme IV. Mas mesmo que este comunicador tenha de facto vivido na primeira parte do século passado, certamente não era Sir Rupert Benton.

Ele admitiu isto numa sessão subsequente, quando reconheceu que na sua primeira aparição tinha apresentado uma fachada que não tinha relação com a realidade. Parecia profundamente infeliz e arrependido, mas não simplesmente por causa da sua pretensão anterior.

Uma vez, durante uma visita ao Sr. Hunt, foi-me permitido ouvir outra fita, que continha uma comunicação posterior do falso Sir Rupert. Ouvir simplesmente esta gravação foi uma experiência dolorosa: uma alteração tão lastimável tinha sido feita no carácter do homem. Em lugar da natureza confiante e condescendente da primeira comunicação, havia um grito desesperado de alguém a fugir de dois espíritos que ele acreditava estarem a tentar destruí-lo.

Ele tinha confessado a Norman Hunt que na sua vida terrena, entre outras más ações, tinha seduzido e arruinado uma rapariga; e estava convencido de que os irmãos dela, que tinham morrido, estavam a tentar vingar o mal que ele lhe tinha feito. O Sr. Hunt tentou assegurar-lhe que, longe de ser esse o caso, os dois espíritos em questão estavam apenas a tentar ajudá-lo a escapar das condições miseráveis a que o modo da sua vida anterior o tinha levado.

O resultado deste caso foi que um ‘Sir Rupert’ muito mudado deu os primeiros passos em direção a um estado de ser mais tolerável.

No extrato seguinte da gravação ele está a descrever os prazeres da sua vida anterior.

R.B. — "...O pároco ficava encantado por jantar comigo. Sir George dava-me o prazer da sua companhia de tempos a tempos. Lady Clarice... muitas vezes fomos... fomos àquela que era a cidade alegre naqueles dias. Percebe, claro, que isto foi há muitos, muitos anos."

N.H. — Bem, agora, é a isto que eu quero chegar...

R.B. — "Compreende com certeza..."

N.H. — O que tem acontecido entretanto?

R.B. — "Bem..."

N.H. — Parece muito tempo, não parece?

R.B. — "Sim, um grande, um grande e longo tempo, e o senhor fala-me de muitas mudanças."

N.H. — Ah, sim, enormes.

R.B. — "Eu próprio tenho estado a perguntar-me, sabe... para lhe dizer a verdade, e isto em segredo, a rotina diária torna-se um pouco cansativa."

N.H. — Tenho a certeza de que sim.

R.B. — "Outrora éramos sempre capazes de nos entreter, como um cavalheiro faria — e deveria, de facto. Pois há sempre a fidalguia e a gente baixa; e não se reconhece a gente baixa,

compreende. Ou, devia eu dizer, não se reconhecia no meu tempo.”

N.H. — Sim, bem, é melhor colocar as coisas dessa forma, penso eu, porque tem havido muitas mudanças. Concordámos nisso, não foi?

S. — Posso perguntar se esteve associado a assuntos parlamentares?

R.B. — “De modo algum. Eu teria considerado tais coisas abaixo de qualquer desprezo.”

S. — A sério?

R.B. — “A Corte; sim, com certeza; mas... mas... não sou um homem vaidoso, não tenho orgulho; apenas na periferia; apenas na periferia: um mero equestre, um camareiro ou dois, uma dama de companhia, sim, sim, sim: mas aspirar ao trono, exceto na mais profunda humildade, isso não Sir Rupert; de facto não, não Sir Rupert; eu sabia o meu lugar. Confio que o tenha mantido dignamente.”

N.H. — Sim. Mas, como diz, olhando para trás, todas essas coisas começam a parecer um pouco insustentáveis.

R.B. — “Pelo contrário, meu amigo; pelo contrário, se me permite interrompê-lo, sem indelicadeza intencional, compreende. Longe de mim tal desejo ou intenção, particularmente na presença de senhoras; pois sempre admirei e respeitei o belo sexo. Mas, pelo contrário, naqueles dias a que se refere, e a que eu me tenho vindo a referir, achei a vida perfeitamente suportável, inteiramente suportável. É desde essa altura que algo parece ter acontecido.

A rotina diária, que outrora preenchia a minha mente e preenchia os meus requisitos, agora já não o faz. Além disso, há pessoas comuns, pessoas bastante ordinárias, sabe, e têm a impertinência de se roçarem contra a gente. E embora se possa afastar isso, há sempre o contacto — ah! Mas estas pessoas, não têm berço, não têm maneiras, não têm dignidade, e não compreendem que um cavalheiro de fidalguia deseja manter-se nessa posição."

N.H. — Bem, veja, receio que vá ser bastante direto. Atrevo-me a dizer que me perdoará; pelo menos confio que sim. Digo-lhe que a coisa que realmente aconteceu, veja bem, é que nenhum ser humano pode viver indefinidamente; e chega-se a uma altura em que se tem de seguir em frente — para algum lado.

R.B. — "Ora, sim; ora sim, claro."

N.H. — Bem, veja que essa altura pode acontecer — isto é muito estranho —, mas pode acontecer sem que a pessoa se dê conta disso.

R.B. — "Não, de facto! O senhor espanta-me. Pode dizer-me mais?"

N.H. — Bem, veja, nós aqui por acaso sabemos que essa é exatamente a mudança pela qual passou sem sequer ter sido capaz de a perceber.

R.B. — "Maneira extravagante! Bastante extravagante!"

N.H. — Sim; mas é verdade.

R.B. — "Em palavras claras então, meu amigo, o senhor está a sugerir que eu estou morto!"

N.H. — Bem, obviamente, não está morto no sentido habitual. É uma pessoa muito viva.

R.B. — “Isso, pelo menos, deveria ser óbvio.”

N.H. — É tudo o que importa, veja.

R.B. — “Não é assim? Deveria ser óbvio para todos os envolvidos, incluindo eu próprio!”

N.H. — Mas houve uma mudança, veja.

R.B. — “Uma grande mudança; uma grande mudança. Uma mudança repreensível. Não gosto disto, sabe.”

N.H. — Quanto a isso, esperamos e acreditamos que mudará de opinião. Temos muitos conhecimentos que fizemos e que passaram por essa mudança a que acabou de se referir como morrer, da qual na verdade não fazemos grande caso, sabe.

R.B. — “Então, de facto, se passei pela mudança a que chamou morte — e claro que se está bem ciente de que deve haver uma mudança material em tais circunstâncias — e nem sequer notei; então claro que se deve chegar à fase em que não se faz grande caso disso... É bastante extravagante, na verdade! Acho um pouco difícil absorver a ideia, sabe. E a noção está realmente além de qualquer aceitação no momento.”

N.H. — Mas, veja bem, não se pode evitar. Não se pode escapar.

S. — Veja as datas...

R.B. — “Minha senhora, perdoar-me-á, mas não estou ciente de qual pensa que seja a data.”

N.H. — Bem, a nossa data é mil novecentos e cinquenta...

R.B. — “Oh! Meu caro senhor, meu caro senhor! Centenas e centenas de anos com que está a lidar.”

N.H. — Duzentos anos. Um pensamento terrível de certa forma.

R.B. — “O marinheiro William já não estará lá.”

N.H. — Lá? Onde quer dizer? Ele está onde o senhor está, veja.

R.B. — “De facto não está. De facto não está. Acredite em mim, há monarcas completamente diferentes que, por uma razão ou outra, mantêm os seus tronos onde me encontro agora — aparentemente à força —, pois não tenho qualquer desejo ou vontade de transferir a minha morada; mas parece ter-se abatido sobre mim quer queira quer não, quer queira quer não. E agora, veja, encontro-me no seu salão. Presumo que seja onde estamos; e na companhia de pessoas que certamente não conheço. Ah!”

N.H. — Isso tem de ser explicado de alguma forma, não tem?

R.B. — “Exatamente assim. Exatamente assim. E se se há de conceder a proposição bastante extravagante de que eu — até eu, Sir Rupert — de facto morri...”

N.H. — Sim, Sir Rupert; e contudo veja que estou a falar consigo.

R.B. — “É de presumir que devo estar preparado para aceitar outras proposições igualmente absurdas dos seus lábios.”

N.H. — Bem, são proposições muito agradáveis; posso assegurar-lhe isso. Quero dizer que a mudança é uma mudança para melhor, não para pior; embora possa parecer-lhe assim — perdeu tantas coisas a que estava habituado. Já não há exatamente os mesmos prazeres que havia. Mas há muitos mais e mais finos. Mas, claro, a pessoa tem de se adaptar."

R.B. — "Ah! Ah! Essa, sinto com certeza, é uma palavra de poder — adaptar-se! Pareceria ser não apenas uma coisa desejável, mas necessária. Sim, sim, penso que sim. Tenho permissão das senhoras, e do senhor, Sir Norman, para me retirar? Sinto que isto precisa de uma reflexão considerável."

N.H. — Fará apenas uma promessa? E o senhor é um homem de palavra, tenho a certeza. Irá embora e pensará sobre este assunto tão estranho que estive a tentar contar-lhe? Descobrirá que resiste ao teste. É verdade, de facto, segundo a minha crença. Bem, nós sabemos que é verdade. Mas promete voltar, e ter outra conversinha connosco se conseguir suportar a nossa companhia?"

R.B. — "É extremamente bondoso da sua parte convidar-me novamente, e eu ficaria extremamente feliz em aceder à sua gentil sugestão — desde que, claro, consiga encontrar o meu caminho até aqui."

N.H. — Bem, alguém esteve a dar uma mãozinha, sem ser visto, sabe. Eles fazem essas coisas, sabe, neste novo tipo de vida em que está a viver.

R.B. — "E tem alguma ideia sobre a forma como posso encontrar-me novamente entre vós?"

N.H. — Se na sua mente pedir por Sir Norman, como foi tão gentil em chamar-me, e por estas senhoras...

R.B. — “Posso referir-me ao meu amigo, Sir Norman?”

N.H. — Se assim o desejar, ficarei muito feliz. Isso garantirá — dou-lhe a minha palavra sobre isto — que se encontrará na mesma situação em que está agora, e poderá falar connosco.

R.B. — “Um elo ténue, e contudo, pareceria ser tudo o que há; e por isso devemos tentar.”

N.H. — Ténue como uma pulseira, mas forte.

R.B. — “Muito obrigado, senhor; muito obrigado. Foi muito bondoso. Às senhoras, os meus respeitos. Não sem confiança esperarei encontrar-me na vossa encantadora companhia. As senhoras, já agora, Sir Norman, tendem hoje em dia, pareceria, a falar um pouco mais livremente do que no meu tempo.”

N.H. — Ah, sim, de facto. Essa é uma das mudanças, veja. A cerimónia e as coisas que faziam parte da sua vida, e muito naturalmente que sim; suavizaram-se, sem, sentimos nós, qualquer perda real de verdadeira dignidade, sabe, e verdadeira sinceridade e assim por diante.

R.B. — “Se vos contar um pequeno segredo — as senhoras podem tapar os ouvidos por um momento. No meu tempo, se alguém tivesse sido capaz de alcançar esta impossibilidade — de falar com alguém que, se as suas afirmações forem verdadeiras, acaba de se erguer dos mortos —, as senhoras teriam indubitavelmente sucumbido aos vapores! Elas parecem ser de uma moldura mais forte neste tempo e era presentes.”

N.H. — Aprenderam muitas coisas, abençoadas sejam.

R.B. — “Agradeço-lhe. Muitíssimo obrigado. Como disse, quando me encontrei pela primeira vez no seu salão, é um assunto

terrivelmente estranho. Mas não vos acho uma companhia desagradável.”

N.H. — Bem, isso é muito bondoso da sua parte.

R.B. — “Aproveitarei o seu convite muito gentil assim que puder ser arranjado. Mas, muito evidentemente, muita reflexão primeiro.”

N.H. — De facto, e podem ser feitas perguntas a — encontrará pessoas que estão muito, muito ansiosas e dispostas a apenas...

R.B. — “Não, meu amigo, não às ordens inferiores, se faz favor. Eu posso falar com um cavalheiro, compreende.”

N.H. — Por que não? Por que não? Eles estão lá, sabe. Necessariamente, necessariamente estão lá.

R.B. — “Muito bem. Farei alguma investigação. Manterei o elo que me ofereceu e, no devido tempo, sinto-me razoavelmente seguro de que serei capaz de me arrastar de volta à vossa presença. Por momentos então; perdoar-me-ão — pareço não ter chapéu que possa tirar...”

N.H. (e outros) — Boa noite. Boa noite.

ONZE

William Thompson

O último exemplo de um caso de círculo de resgate consiste em extratos de três sessões durante as quais um mineiro, que deu o nome de William Thompson, falou através do médium.

Um espasmo violento de tosse anunciou a sua chegada. Em breve se tornou aparente que ele tinha ficado preso num acidente de mineração e, embora acreditasse que ainda lá estava e vivo, na verdade tinha morrido. O grupo não tentou convencê-lo disso. Tentaram simplesmente consolá-lo e encorajá-lo na sua situação difícil.

Na segunda ocasião há uma mudança completa de cenário. William Thompson encontra-se numa cama de hospital, após ter sido resgatado, assim pensa ele, do seu acidente. Para ele, os membros do grupo parecem ser visitantes do hospital. Ele fica contente por os ver, mas de certo modo intrigado, pois eles não são seus conhecidos.

Eles ainda não lhe dizem o que realmente aconteceu, pois sentem que o choque poderia ser prejudicial. Sugerem-lhe, contudo, que pense em certos velhos amigos seus que o tinham ido visitar e, se houvesse algo de estranho neles, que questionasse o grupo sobre o assunto.

A terceira sessão forneceu o desfecho da história. William Thompson seguiu a sugestão do grupo e percebeu que os velhos amigos que o tinham visitado tinham todos morrido. Isto, claro, torna-o finalmente ciente de que ele próprio está morto — embora esteja muito vivo no seu novo estado.

O dialeto “Geordie” é pronunciado e impossível de reproduzir numa transcrição da fita. Foi feita uma tentativa de

rastrear o acidente na mina que envolveu o mineiro, mas não teve sucesso.

O círculo de resgate era composto por várias pessoas, mas não as especifiquei.

W.T. — “(sons de tosse) Isto está bonito.”

Participante — “Soa como se tivesse um belo peito.”

W.T. — “Ah, está a vir para cima de mim — bem para cima de mim. Ah, não me consigo mexer; não me consigo mexer.”

Participante — “Não há nada em cima de si.”

W.T. — “Ah, mulher nova, tu não sabes; tu não sabes.”

Participante — “Estava num acidente, velho amigo?”

W.T. — “Quem pode ser? Quem pode ser a falar comigo?”

Participante — “Novos amigos; mas amigos, sabe.”

W.T. — “Estou no fundo da mina. Quem pode você ser a falar comigo?”

Participante — “Não se preocupe com isso. Somos amigos.”

W.T. — “Conhece Yorkshire de todo?”

Participante — “Sim. Nasci lá.”

W.T. — “Conhece Brighouse Main?”

Participante — “Sim. Sim.”

W.T. — “Eu sou um Geordie, não sou um homem de Yorkshire. Estou a trabalhar aqui em baixo em Brighouse Main, e as galerias desabaram.”

Participante — “Está tudo bem agora, velho amigo. Já passou por isso agora, percebe.”

W.T. — “Eles nunca me vão encontrar.”

Participante — “Ah, sim, vão encontrá-lo. Nós encontrámo-lo. Nós encontrámo-lo. O senhor encontrou-nos. Encontrou outra pessoa. Sabe, veio ter connosco porque nós podemos ajudá-lo.”

W.T. — “Não é normal. Não é normal.”

Participante — “Não; bem, há muitas coisas que a gente não compreende. Não se apoquente com isso. Fale só um bocado connosco, como vê.”

W.T. — “As malditas traves da mina...”

Participante — “Pois; elas às vezes partem-se, não é, velho amigo?”

W.T. — “Não consigo suportar isto. Não consigo suportar isto de todo.”

Participante — “Consegue suportar. Não vá para longe. Estava algum dos seus companheiros consigo? Algum companheiro consigo? Está sozinho?”

“Silêncio”

Participante — “Boa noite, rapaz.”

W.T. — “É muito bom e bondoso da vossa parte virem visitar-me a todos. É dia de visita no hospital.”

Participante — “Sim. Como se está a sentir agora?”

W.T. — “Estou bem agora. Não achava que me pudessem encontrar a tempo, mas encontraram. Tiraram-me daquilo tudo. Estou muito confortável agora no hospital.”

Participante — “Tem uma enfermeira simpática a cuidar de si, Bill?”

W.T. — “É uma rapariga bonita...”

Participante — “Em breve estará bom outra vez.”

W.T. — “Vou ficar bem. É muito bom e bondoso da vossa parte virem ver-me a todos. Eu não vos conhecia, eh?”

Participante — “Não, bem, em breve vai conhecer. Novos amigos em breve são velhos amigos, não são?”

W.T. — “Sim... Foi por um fio. Foi por um fio. Estava quase a ir desta para melhor, e eles vieram e tiraram-me. Puseram-me na cama, e estou muito bem, muito bem. Eles deixam as pessoas vir ao hospital assim?”

Participante — “Viu algum dos seus velhos amigos?”

W.T. — “Bastantes velhos amigos têm aparecido.”

Participante — “E notou alguma coisa em particular sobre esses amigos?”

W.T. — “(a tossir) Ainda me sinto um bocado mal do peito, sabe. Mas estou bem agora. Vou andar por aí a sair, e no fundo da mina outra vez.”

Participante — “Bem, pode não ter de ir para o fundo da mina outra vez, Bill. Pode arranjar outro trabalho, sabe.”

W.T. — “Sim; eles dizem-me que vou ficar bem outra vez.”

Participante — “Pode não querer ir para o fundo da mina. Pode arranjar outro trabalho.”

Participante — “Ao apanhar sol; é bom para os seus pulmões.”

Participante — “Quer trabalhar no fundo da mina outra vez?”

W.T. — “Acho que gostaria de trabalhar cá em cima na superfície.”

Participante — “Gostaria? Bem, acho que pode, Bill, se quiser.”

W.T. — “Não há muitos trabalhos desse tipo por aí.”

Participante — “Ah, sim; mas vamos ver o que se pode fazer. Acho que pode arranjar um trabalho na superfície... ao apanhar sol.”

W.T. — “Eles dizem-me que vou ficar bem, sabe. Vou ficar bem quando sair daqui.”

Participante — “E quanto a esses amigos que o vieram ver, Bill? Notou alguma coisa em particular sobre eles? Eram amigos que não via há anos?”

W.T. — “Alguns deles eram rapazes jovens de quem quase me tinha esquecido.”

Participante — “Já pensou no que lhes aconteceu?”

W.T. — “Eles vieram ver-me; todos muito simpáticos, a desejar-me as melhoras. Não lhes foi permitido ficar muito tempo. Ainda não estou muito forte, sabe.”

Participante — “Bem, pense nesses amigos, quer, Bill? E pense só em quando os viu pela última vez, e no que lhes aconteceu, quer?”

W.T. — “Sim, vou pensar um bocado.”

Participante — “E depois venha contar-nos sobre isso da próxima vez.”

W.T. — “Espero ver mais alguns deles.”

Participante — “Sim, bem, pode achar que algo lhe vem à mente que o vai deixar intrigado.”

W.T. — “Estou um bocado intrigado de qualquer forma com muitas coisas. Não compreendo como acontece... vocês são um monte de estranhos. Fico contente por vos ver, mas são estranhos para mim, para vir visitar à minha beira da cama no hospital.”

Participante — “Bem, isto faz parte do nosso trabalho, Bill, e gostamos de o fazer, desde que goste que a gente venha.”

W.T. — “Sim, há muitos deles que dizem isso. Eles vinham aí dar-me uma mãozinha, para ver se tudo corria bem.”

Participante — “Tente só ficar bom outra vez em breve, e pense nesses amigos que o vêm ver — não em nós, mas nos outros que não vê há anos. E se alguma coisa o deixar intrigado, venha perguntar-nos da próxima vez, e tentaremos esclarecer-lhe a questão.”

W.T. — “Estas enfermeiras; são raparigas ótimas. Dizem que não posso ficar muito tempo porque ainda não estou forte, sabe; não muito forte. Mas estou a sentir-me muito melhor do que esperava.”

Participante — “Está muito melhor do que estava da última vez, de qualquer forma!”

W.T. — “Não achava que ia passar por isto. Não sabia que me tinham encontrado. Não sabia... devo ter ficado inconsciente, sabe. Mas devem ter-me encontrado, suponho eu. Sabiam que eu estava lá, e uns bons rapazes passaram e encontraram-me e tiraram-me, e estou bem agora...”

(Risos)

Participante — “É o Bill?”

W.T. — “Nunca vão acreditar... Nunca vão acreditar!”

Participante — “Acreditamos, sabe! No que é que não vamos acreditar?”

W.T. — “Estou morto! (Risos)”

Participante — “Nós perguntávamo-nos se o senhor sabia.”

W.T. — “Disseram-me para pensar e ver o que conseguia achar de um bocado peculiar sobre estes meus amigos — e veio-

me à mente que estavam todos mortos! Vocês sabiam o tempo todo?”

Participante — “Nós sabíamos, mas não queríamos dizer demasiado, veja, Bill; porque não sabíamos quais eram as suas ideias sobre estar morto, veja; e podia tê-lo assustado um bocadinho. Mas agora que sabe, e todos os seus amigos estão lá; bem, não acho que vá achar que estar morto é assim tão mau, pois não?”

W.T. — “Estou satisfeito! Tiraram-me de uma alhada que não acho que mais ninguém tivesse conseguido fazer. E puseram-me num lugar muito agradável, e estou a sair-me bem; já lhe disse. É muito confortável... E há uma piada ainda maior. Vão integrar-me na Comissão.”

Participante — “Vão mesmo? Que Comissão, Bill?”

W.T. — “Têm uma comissão para receber estes rapazes que vêm para cá como eu, porque alguns deles têm dificuldade em compreender e aceitar.”

Participante — “Vai gostar desse trabalho, Bill.”

W.T. — “Sempre fui um bom homem do sindicato. Gosto de fazer o que posso. E pediram-me para atuar assim que sair deste hospital — o que não vai demorar muito! Já estou fora da minha cama... Ainda não compreendo bem isto tudo...”

Os casos de resgate que citei serão provavelmente considerados por alguns leitores simplesmente como fantasias originadas na imaginação do médium, e não há forma de contradizer positivamente esta visão. Mas há certamente muitas pessoas que, tendo em consideração todo o corpo de provas de natureza psíquica relativas à vida após a morte, sentem que as

alegadas experiências de Alf e dos outros têm um cunho de verdade.

DOZE
Investigação Psíquica e Algumas Experiências Pessoais

Para aqueles que têm um interesse sério no estudo psíquico, o ano de 1882 foi um momento marcante, pois testemunhou o nascimento da "Society for Psychical Research", habitualmente conhecida como S.P.R. Há quase tanto tempo quanto temos registos escritos da atividade humana, existem relatos de acontecimentos aos quais hoje daríamos o rótulo de psíquicos; mas até à formação da S.P.R. não tinha havido qualquer tentativa científica de os explorar e explicar.

Certos acontecimentos estranhos em Hydesville, E.U.A., em meados do século XIX, tinham desencadeado um intenso interesse na comunicação, por meios psíquicos, com aqueles que tinham morrido. Este interesse desenvolveu-se num movimento que atravessou o Atlântico até Inglaterra e a que se chamou Espiritualismo. Mas nenhuma investigação real foi feita nesta altura, e a credulidade era desenfreada; embora houvesse alguma desculpa para isso se os fenómenos notáveis que foram relatados durante este período tivessem de facto tido lugar.

A abordagem da S.P.R. foi inteiramente diferente. As suas investigações mostraram um sentido adequado de cautela e foram levadas a cabo utilizando os métodos científicos aceitáveis da época. Os fundadores da S.P.R., tal como os Espiritualistas, estavam vitalmente preocupados com as provas da sobrevivência da morte; mas percebiam, muito melhor do que a grande maioria dos Espiritualistas, as complexidades e dificuldades envolvidas na investigação psíquica.

À medida que os anos passavam e a investigação progredia, tornou-se claro que muitas vezes o que parecia ser uma comunicação com um mundo do além podia ser explicado de forma mais plausível de outras maneiras, e a maioria dos investigadores chegou à conclusão de que a ciência nunca daria o seu selo de aprovação à teoria da sobrevivência.

Durante mais de metade do presente século, a atenção dos investigadores voltou-se cada vez mais para a investigação de fenómenos como a telepatia, a clarividência e a precognição. Estes eram suficientemente extraordinários, se de facto ocorressem, e a investigação sobre eles — e sobre outros fenómenos psíquicos descobertos mais recentemente — continua e expande-se, mas durante a última geração tem havido um ressurgimento gradual do interesse na questão da sobrevivência, e uma grande quantidade de investigação está a ser feita neste domínio.

Há ainda alguns, tenho a certeza, que não sabem a diferença entre a S.P.R. e o Espiritualismo. Conheci alguns deles. Brevemente, ilustraria esta diferença dizendo que o Espiritualista médio não só acredita implicitamente em todos os vários tipos de fenómenos psíquicos que são relatados, mas em particular tem a certeza de que a sobrevivência da morte tem 'provas de ferro', como pode ser demonstrado por qualquer médium competente.

Enquanto, por outro lado, o membro médio da S.P.R., embora possa estar convencido da realidade de alguns fenómenos psíquicos, sabe que a certeza relativa a matérias como a vida após a morte não deve ser procurada através de investigação que mereça a descrição de científica. Ele sabe que, quaisquer que sejam as provas que possa haver neste domínio a favor da vida além da morte, explicações mais mundanas são possíveis, por muito improváveis que algumas delas possam parecer.

As várias denominações eclesiásticas não fizeram qualquer investigação própria, no sentido de experimentação, embora ocasionalmente se tenham realizado investigações em segunda mão por comissões. Há alguns clérigos que se intitulariam Espiritualistas, e cerca de duas dezenas que são membros da S.P.R. Incidentalmente, muitos dos membros da S.P.R. têm várias qualificações científicas, e há um número considerável de médicos. A lista de antigos Presidentes da Sociedade é impressionante e inclui nove membros da "Royal Society".

Mas, para voltar ao clero: acho que um número crescente deles tem interesse por fenómenos psíquicos, percebendo, talvez, as implicações que estes podem ter para a religião. Alguns destes clérigos, que não são nem Espiritualistas nem membros da S.P.R., pertencem a outra organização, uma na qual as implicações religiosas são plenamente apreciadas. Chama-se "The Churches' Fellowship for Psychical and Spiritual Studies".

Embora, em geral, as igrejas tenham tentado ignorar os fenómenos psíquicos, e tenham dito o menos possível sobre eles, tem havido ocasiões em que foram feitas declarações importantes. O Relatório Maioritário da Comissão do Arcebispo Lang, como notei anteriormente, não falou com uma voz tão confiante quanto se poderia desejar; e isto não é de admirar, considerando as dificuldades do assunto. Mas, cerca de vinte anos antes, uma declaração mais positiva e otimista em nome da Igreja de Inglaterra foi feita por uma comissão da Conferência de Lambeth em 1920.

Eis o que dizia:—

''É possível que estejamos no limiar de uma nova ciência, que irá, por outro método de abordagem, confirmar-nos na garantia de um mundo por trás e além do mundo que vemos, e de algo dentro de nós pelo qual estamos em contacto com ele. Nunca

nos atreveríamos a impor um limite aos meios que Deus pode usar para trazer os homens à realização da vida espiritual."

Isto poderia ser interpretado como encorajando os cristãos a envolverem-se no estudo das conclusões da investigação psíquica, ou até a realizarem eles próprios investigações.

Quando a primeira esposa do Tenente-Coronel Reginald Lester morreu, ele não tinha, penso eu, ouvido falar do Relatório Maioritário, cuja publicação tinha sido suprimida. Mas, embora fosse um membro da igreja anglicana e mais tarde se tenha tornado um leitor leigo, não hesitou em fazer um esforço sustentado e sério para descobrir se a sua esposa muito amada ainda estava viva, embora noutro estado de ser. A sua investigação, que incluiu muitas sessões com médiuns, durou quatro anos; e no final desse período ele estava convencido de que existiam provas impressionantes, mas pouco conhecidas, da vida além da morte e da comunicação com aqueles nessa vida.

Ele escreveu um livro, "In Search of the Hereafter" (George Harrap & Co., 1952), e este despertou grande interesse entre muitas pessoas, particularmente aquelas que eram cristãs assumidas. O resultado disto foi a formação de uma sociedade interdenominacional, à qual foi dado o título de "The Churches' Fellowship for Psychical Study". A adição da palavra "Spiritual" foi feita mais tarde. A maioria dos seus membros eram leigos, mas desde o início da "Fellowship" tem havido sempre membros do clero de diferentes denominações.

A maioria dos membros da "Fellowship" eram anglicanos, e era notável quantos bispos tinha havido entre eles. O seu número aumentou continuamente durante os primeiros anos da C.F.P.S., em grande parte devido, penso eu, aos esforços do Col. Lester.

Deve ter sido há cerca de quinze anos que, ao fazer uma conta simples, descobri que quase metade da população de Inglaterra vivia em dioceses cujos bispos eram membros da "Fellowship". Alguns destes bispos não tinham um interesse ativo no estudo psíquico — os bispos são homens muito mais ocupados do que por vezes se supõe —, contudo o mero facto de serem membros da C.F.P.S. era significativo no sentido em que percebiam a importância do assunto, e o crescente interesse nele por parte das pessoas das suas dioceses.

Na Introdução do Col. Lester ao seu segundo livro, "Towards the Hereafter", que era, pelo menos em parte, sobre o mesmo assunto, ele escreve sobre a reação que tinha havido ao seu primeiro livro. Depois de escrever sobre a sobrevivência da morte, e de como a convicção disto tinha ajudado muitos dos seus leitores, ele continua assim:—

''Acima de tudo, ensinou-lhes como levar vidas mais saudáveis, úteis e altruístas, e o verdadeiro significado do amor fraterno.

''O que me impressionou muito fortemente foi esta mudança de perspetiva das pessoas assim que obtiveram a convicção da verdade de uma vida pós-morte. Recebi mais de mil cartas de leitores do meu livro anterior, e tem sido interessante descobrir que cerca de oitenta por cento das cartas vieram daqueles para quem este assunto era inteiramente novo, e que tinham estado seriamente ansiosos por obter informações mais completas. Muita desta correspondência tem sido de uma natureza muito ponderada vinda de uma boa amostra do público em geral; e mostra o quanto o homem e a mulher médios hoje querem realmente saber o que lhes acontece após a chamada morte."

Por vezes o Col. Lester, em relação com as provas da sobrevivência da morte, usava a palavra 'prova', e nisto, claro, eu

não podia concordar com ele. Prefiro de longe 'convicção', o termo que ele usou no extrato acima.

A escolha da formulação num crachá para a “Fellowship” foi, em minha opinião, feliz: “À Fé Adiciona Conhecimento”.

Os Espiritualistas falam muito pouco de fé, e a razão é óbvia. O seu conhecimento de matérias psíquicas, sejam terrenas ou de outro mundo, é para eles tão factual quanto a Terra a girar em redor do Sol. Eles não têm dúvidas, e na ausência de dúvida a fé é supérflua.

Há outros, no extremo oposto do espectro religioso — ou antes, completamente além dele —, que também sentem que não precisam de fé. São os ateus, mas estão numa minoria muito pequena. A maioria das pessoas sente que há verdade nas afirmações gerais da religião: que há um Deus que é responsável por toda a vida, e que os homens e as mulheres não devem ser pensados simplesmente como animais superiores, como os psicólogos modernos costumam sugerir.

Mas, para muitos, e entre eles os membros de igrejas, a sua fé é fraca, minada por aquilo que é um mau entendimento das conclusões da ciência. Eles cresceram de tal modo sob a influência de um mundo científico materialista que as suas mentes estão quase fechadas a possibilidades de um tipo não material. Para eles, o estudo psíquico pode ser um primeiro passo inestimável em direção à obtenção de uma convicção de que o homem é um ser espiritual num universo governado por um Deus bom.

E mesmo para aqueles que não têm dúvidas religiosas, o conhecimento que podem alcançar através do estudo psíquico pode ajudá-los a chegar a uma melhor compreensão da sua Fé. A dificuldade é que este conhecimento deve ser sentido como fiável.

Mas se a 'prova' é, como acredito, impossível, pelo menos o peso cumulativo das provas é muito considerável, e convenceu um grande número de homens e mulheres inteligentes e de modo algum ingénuos de que a imagem geral da vida pós-morte que é traçada através de informações de tipo psíquico é a verdadeira.

Isto não os torna Espiritualistas. Eles não aceitam tudo o que ouvem ou leem sem questionar a sua verdade na medida em que a podem julgar — e, para ser justo, isto também poderia dizer-se de alguns daqueles que se intitulam Espiritualistas. Eles tentam abordar as provas com uma mente aberta, contudo crítica.

Mas, claro, ninguém está isento de preconceitos. Toda a gente é mais propensa a aceitar como verdadeiro o que é a favor das suas próprias opiniões particulares do que aquilo que não é. Isto deve ser tido em consideração por aqueles envolvidos em estudos de tipo psíquico, tal como o é por aqueles envolvidos em investigações de natureza menos invulgar.

O resultado de tudo isto é que a verdade do lema da "Fellowship" parece ter sido vindicada. À fé, o conhecimento foi adicionado, se por 'conhecimento' aqui se entender a convicção da verdade. Para muitas pessoas religiosas a sua fé em si mesma traz esta convicção, mas para outras as provas de natureza psíquica podem ser inestimáveis e esclarecedoras.

Pouco depois de me ter juntado à C.F.P.S. (o que não foi muito tempo depois de ter sido fundada), fiquei interessado na investigação psíquica de tipo ativo, além do estudo do que já tinha sido feito neste domínio. Tornei-me Secretário da Comissão de Fenómenos Psíquicos, e em 1974 fui nomeado Presidente, aquando da reforma desse cargo pelo Cónego Pearce-Higgins.

De tempos a tempos a Comissão sugeria experiências que podiam ser levadas a cabo com a cooperação daqueles membros

da “Fellowship” que estavam interessados em tomar parte na investigação. Estas experiências não estavam necessariamente diretamente ligadas ao problema da sobrevivência, mas sabíamos que o conhecimento crescente de quase qualquer fenómeno psíquico poderia ter impacto sobre ele. Uma curta descrição de uma dessas experiências pode ser de interesse.

O objetivo desta experiência era encontrar provas, se pudéssemos, de que a emoção desempenha um papel importante no processo de telepatia ou clarividência, como tinha sido sugerido por outros investigadores. Desde então, uma grande quantidade de trabalho tem sido feita nesta direção, mas, quando discutimos o projeto, o estudo da emoção em ligação com fenómenos psíquicos estava na sua infância — no Ocidente, de qualquer modo.

Na “Quarterly Review” da C.F.P.S., escrevi que num determinado dia colocaria duas imagens, uma do lado esquerdo e outra do lado direito da mesa do meu gabinete, às 9h00. No dia seguinte, à mesma hora, trocá-las-ia por outras duas imagens, e este processo continuaria durante uma semana. Pedi àqueles que estivessem interessados que se sentassem em silêncio a qualquer hora do dia ou da noite em cada um dos sete dias; que pensassem nas imagens e desenhassem ou descrevessem o que viam. A cada um dos que participaram na experiência enviei uma fotografia da mesa do meu gabinete — com duas folhas de papel em branco em cima dela —, para que houvesse algum tipo de elo entre nós: por coincidência, eu não conhecia pessoalmente nenhum deles.

Após a conclusão do período estabelecido, recebi de cerca de quarenta membros os resultados dos seus esforços. Infelizmente tive de descartar cerca de metade, pois não tinham perseverado durante toda a semana e os seus registos não eram adequados para análise estatística.

Devo mencionar que, caso a experiência se revelasse bem-sucedida, tanto a telepatia como a clarividência poderiam estar envolvidas. No caso da telepatia, a informação seria recebida a partir da minha mente. Se a clarividência estivesse a operar, a informação seria recolhida a partir das próprias imagens, sem envolvimento da minha mente. Como, naturalmente, eu pensava nas imagens de tempos a tempos — e de qualquer forma o conhecimento delas estava presente na minha mente —, seria impossível decidir se foi a telepatia ou a clarividência que atuou, caso a experiência se revelasse bem-sucedida.

Na verdade, revelou-se. O que eu não tinha dito a nenhum dos experimentadores era que do lado esquerdo da mesa colocaria um desenho de uma forma geométrica ou símbolo aritmético, enquanto do lado direito colocaria uma imagem que a Comissão tinha sentido que poderia ter um apelo emocional — como um bebé ou o pináculo de uma igreja. Nem sequer tinha dito aos experimentadores qual era o objetivo da experiência.

Após ter sido feita uma avaliação, descobriu-se que havia provas de que a telepatia ou a clarividência — ou ambas — tinham estado operativas. O que foi mais interessante foi que a perceção extrassensorial — P.E.S. — pareceu ser muito mais ativa no caso das imagens ‘emocionais’ em comparação com as outras.

A P.E.S. parecia ajudar os experimentadores a obter uma ideia das imagens de conteúdo emocional mais do que os ajudava a ver as formas e símbolos. E quando conseguiam ter alguma ideia destes últimos, havia provas de que as suas mentes inconscientes a transformavam em algo de maior interesse. Por exemplo, um triângulo poderia aparecer nas suas mentes conscientes como um cacho de uvas.

É óbvio que a avaliação do material experimental era de grande importância. Mal preciso de dizer que não tomei parte nesse processo. Quatro pessoas que não tinham interesse na experiência, e que não percebiam o significado do resultado da sua pontuação, foram chamadas para ajudar. O método usado na avaliação das provas é demasiado complicado para detalhar aqui, mas mais tarde, quando descrevi a experiência a Sir George Joy, que era na altura o Secretário da S.P.R., ele expressou a sua aprovação pela forma como tinha sido feita e encorajou-nos a continuar com a nossa investigação.

Há sempre aqueles que encolhem os ombros e dizem: "Coincidência". Uma senhora que tinha tomado parte na nossa experiência revelou-se extraordinariamente bem-sucedida nos resultados que obteve. Fiquei tão impressionado que fui visitá-la; ela morava a cerca de quarenta milhas de distância. Disse-me que uma série de anos antes tinha tomado parte numa experiência conduzida por investigadores da S.P.R. — uma experiência que envolvia telepatia ou clarividência. Só mais tarde vim a saber que não só tinha tomado parte nela, como se tinha revelado a estrela principal!

Bastantes anos mais tarde, a "Fellowship" adicionou a palavra "Spiritual" [Espiritual] ao seu título, que passou a ser "The Churches' Fellowship for Psychical and Spiritual Studies". Isto foi em parte para enfatizar que o psíquico não deve tomar um lugar demasiado importante na vida, por muito interessante que alguns membros pudessem achar os seus fenómenos. O psíquico está num nível inferior ao espiritual, quando esta última palavra é definida num sentido religioso. Um dos resultados foi que o misticismo passou a tomar uma parte mais proeminente nas atividades da "Fellowship" do que tinha acontecido até então.

Em 1975 houve um novo desenvolvimento. Alguns dos membros da Comissão de Fenómenos Psíquicos produziram uma

pequena revista trimestral à qual foi dado o nome de “The Christian Parapsychologist”. O seu editor era Leslie Price, que, embora fosse um homem jovem, tinha um conhecimento considerável no domínio da investigação psíquica (foi cooptado para o Conselho da S.P.R. em 1976). O primeiro número desta pequena revista foi publicado em setembro de 1975, em nome da Comissão.

A tiragem era pequena e, embora durante o ano seguinte sensivelmente tivesse aumentado de forma contínua, era óbvio que sem apoio oficial a revista nunca se tornaria financeiramente viável. Portanto, procurámos torná-la uma publicação oficial da “Fellowship”.

Após muita discussão, isto foi aceite e a revista prosperou. Tem agora quase o triplo do número de páginas que tinha quando começou e mais do triplo da matéria de leitura. O editor é agora o Venerável Michael Perry, Arquidiácono de Durham, e entre os colaboradores do número atual, no momento em que escrevo, contam-se um bispo anglicano, um padre jesuíta e o editor do “Journal of the Society for Psychical Research”. Como o seu nome sugere, a “The Christian Parapsychologist” preocupa-se com aqueles fenómenos psíquicos que possam ter impacto sobre a religião cristã. Isto está de acordo com a definição da “Fellowship” sobre a razão da sua existência — “o estudo dos alcances mais amplos do paranormal e da perceção extrassensorial na sua relação com a fé cristã”.

Descobri que, de modo geral, os médiuns tendem a lisonjear os seus participantes. Antes de conhecer o meu primeiro médium já tinha lido que assim era, e quando ele me disse que nalgum momento no futuro eu iria dirigir-me a um grande número de pessoas sobre assuntos psíquicos, senti que aqui estava um bom exemplo. Embora nessa altura já fosse padre há quase vinte anos, tinha um desapreço definitivo por falar em público. Entre todos os

deveres que estão envolvidos na vida de um vigário, aquele de que eu realmente não gostava era a pregação de sermões.

Tinha-me juntado recentemente à “Fellowship” e fora persuadido pelo seu primeiro Secretário, o Rev. Maurice Elliott, a formar um grupo de estudo da C.F.P.S. Estava disposto a fazê-lo, pois estes grupos raramente contavam com mais de vinte pessoas e, de qualquer modo, eu costumava organizar para que viesse um orador dirigir-se a nós.

Mas, de uma forma ou de outra, à medida que me tornei mais conhecido na “Fellowship”, pediram-me para ir falar a outros grupos e até para dar palestras em reuniões públicas. Para minha surpresa, não encontrei dificuldade nisso. Sentia que estava a fornecer informações sobre um assunto de grande importância, sobre o qual muito poucas pessoas — e quase nenhum elemento do clero — tinham o menor conhecimento.

Mais tarde pediram-me para me tornar o Organizador Regional da C.F.P.S. para as West Midlands. Isto significava falar bastante mais em público, e descobri que quase todo o meu público reagia em relação ao que eu lhes dizia com considerável interesse. Isto não acontecia por eu ser um bom orador, mas por causa do fascínio do tema.

Havia algo, no entanto, com o qual fiquei desapontado. A maioria das pessoas com quem falava eram de meia-idade ou idosas. Havia habitualmente uma pequena percentagem de pessoas mais jovens, mas era raro estar presente alguém com menos de vinte anos.

Em 1968, o Conselho da Região das West Midlands decidiu tentar fazer algo quanto a isto, e organizámos um Encontro de Jovens em Birmingham. Foram feitas preparações cuidadosas e houve publicidade adequada, mas o encontro, numericamente

pelo menos, foi um fracasso. Pouco mais do que um punhado de jovens compareceu.

Pensei sobre isto e cheguei à conclusão de que, se a juventude não vinha até nós, tínhamos de ir até ela; assim, criei o que veio a chamar-se o Painel de Oradores para Colégios e Escolas da "Fellowship". A resposta foi extremamente encorajadora. Durante os anos seguintes os nossos oradores deram palestras a muitos milhares de jovens — a maioria deles alunos do décimo ou décimo primeiro anos em vários tipos de escolas; mas também a um certo número de estudantes universitários e licenciados.

Passados três anos consegui incluir na carta que enviei aos diretores e diretoras de escolas a seguinte declaração do Bispo de Crediton, um dos Vice-Presidentes da C.F.P.S.:—

''O trabalho do Painel de Oradores para Colégios e Escolas desta "Fellowship" já revelou que perguntas sérias sobre a vida e o seu significado estão a ser feitas por muitos jovens hoje em dia. Eles parecem estar à procura de um propósito para a vida, e acredito que os oradores fornecidos por esta "Fellowship" estão a dar informações de valor considerável, que se estão a revelar úteis no fornecimento de algumas das respostas às perguntas levantadas por alunos do décimo e décimo primeiro anos."

No final da minha carta escrevi: ''A lista seguinte dá uma ideia do terreno que cobrimos no nosso estudo, e poderia fornecer títulos para as palestras que podemos oferecer:— Perceção extrassensorial; Aparições e fantasmas; Os perigos da experimentação psíquica; O problema da sobrevivência da morte; A realidade da ressurreição de Cristo; Parapsicologia e a natureza do homem; A evolução exclui o propósito divino? A investigação psíquica pode apoiar a crença religiosa? Cura divina."

Durante as cem ou mais palestras que eu próprio dei, tive algumas experiências invulgares, mas na sua maioria as minhas visitas seguiam um padrão comum. Eu dava uma palestra de cerca de uma hora, seguida de perguntas. Uma hora é muito tempo para uma palestra numa escola, mas a partir de um período de ensino na Índia eu conseguia perceber com alguma precisão quando os meus ouvintes se estavam a aborrecer — e simplesmente isso não acontecia. Os rapazes e raparigas ficavam tão absorvidos nos assuntos com que eu e os nossos outros oradores lidávamos que quase não se ouvia um som, exceto, com sorte, quando eu tentava fazer uma piada.

Para os nossos oradores, naturalmente, o momento das perguntas era de maior interesse do que a palestra anterior. Nunca faltavam perguntas, o que era muito bom. O que também era bom era a raridade da hostilidade que se poderia esperar daqueles com certas visões religiosas extremas. Apenas uma vez fui acusado de ser um emissário do diabo! Um ceticismo adequado era por vezes expresso, e isso era de saudar. A credulidade é muito mais perigosa, e eu tinha sempre o cuidado de enfatizar isso.

A maioria das visitas que fiz foram a escolas secundárias públicas ou “grammar schools”. Mas quando tinha uma experiência estranha, era habitualmente numa escola privada ou num colégio; não sei realmente porquê.

Houve uma noite memorável numa das escolas privadas mais conhecidas. Acho que, talvez, seja melhor não mencionar o seu nome. Ficava muito longe de onde eu morava, por isso fui convidado a passar a noite com o diretor depois de ter dado a minha palestra às turmas do décimo primeiro ano. Depois de ter dado a palestra aos cem rapazes sensivelmente, fomos jantar. Foi uma ocasião bastante formal para a qual tinham sido convidados vários membros do corpo docente. Por causa da palestra, o jantar foi tardio e passavam quase das dez horas quando terminou.

Fomos para a sala de estar tomar café, e pensei que a noite terminaria em breve; mas estava apenas a começar.

Eu tinha passado uma parte da gravação de Bernard Shaw aos rapazes. Agora pediram-me para passar extratos de outras fitas, o que fiz. Depois tentámos algumas experiências simples de P.E.S. e, após eu ter feito uma curta demonstração de radiestesia, vários dos outros tentaram a sua sorte. Passava quase da uma da manhã quando fui para a cama!

A radiestesia, já agora, parece estar a tornar-se mais aceitável em certos círculos ortodoxos do que costumava ser. Fui uma vez dar uma palestra a uma escola superior de agronomia nas Midlands. Lidei principalmente com os meus assuntos psíquicos habituais, mas, bastante casualmente, mencionei a radiestesia, que tem um elemento psíquico. O meu presidente da mesa era o Vice-Diretor da escola e quando, em nome dos estudantes, me agradeceu após a palestra, disse que ele próprio era radiestesista e que a radiestesia estava incluída no plano de estudos da escola.

Noutra ocasião, quando dei uma palestra numa escola privada de menor dimensão, fiz um aviso contra o uso de tabuleiros "ouija", algo que era predominante nas escolas na altura, por vezes com resultados desastrosos. Imagino que o aviso fosse particularmente necessário nessa escola, pois quando o professor encarregado me acompanhou ao meu carro apontou para um pequeno edifício e disse: "É ali que os rapazes fazem as suas sessões espíritas!"

O perigo do tabuleiro "ouija" é principalmente de ordem mental ou espiritual, mas ocasionalmente há efeitos físicos. Quando estava a falar com o corpo docente de uma escola superior de formação de professores sobre o tabuleiro "ouija", um deles interrompeu-me para dizer que no verão anterior alguns dos estudantes do sexo masculino tinham estado a experimentar um

tabuleiro quando duas das janelas da divisão se estilhaçaram — e isto tinha desencorajado instantaneamente a sua curiosidade.

Em 1969 fui convidado a dar uma palestra em Westcott House, o colégio de Cambridge onde são treinados os candidatos anglicanos à ordenação com licenciatura. Aconteceu que na paróquia vizinha da minha o vigário era o Diretor Diocesano de Formação para Candidatos à Ordenação, e mencionei-lhe a minha iminente visita a Cambridge. Ele ficou extremamente perturbado — por mim — e avisou-me para ter extremo cuidado com o que dizia lá sobre assuntos psíquicos, senão teria sérios problemas.

Não dei atenção à sua preocupação amável e dei o meu tipo habitual de palestra. Não houve qualquer reação desfavorável. Na verdade, o momento das perguntas não deu qualquer indicação de que alguém presente tivesse graves dúvidas teológicas sobre o que eu tinha dito, ou sobre a fita de G.B.S., de que tinha passado uma parte.

Eu tinha esperado pelo menos alguma expressão de ofensa teológica, mas não houve sinal disso. Não consigo acreditar que uma grande reunião de licenciados de Cambridge tivesse receio de expor as suas opiniões, ou fosse demasiado educada para arriscar embaraçar um palestrante. Talvez a maioria deles tenha ficado emudecida por algumas das ideias não ortodoxas, ou pelo menos invulgares, que eu tinha exposto!

Um amigo americano organizou uma digressão de palestras para mim nos Estados Unidos em 1972. À exceção de alguns anos na Índia, a Janet e eu tínhamos tido várias férias no estrangeiro numa variedade de países, mas nunca tínhamos tido qualquer desejo de visitar os E.U.A. Tínhamos provavelmente sido influenciados pela imagem que a televisão dá desse grande país. A imagem não era atraente e, embora estivéssemos ansiosos pela digressão, tínhamos certas reservas.

Estas revelaram-se inteiramente infundadas. As pessoas que conhecemos eram encantadoras, simpáticas e extremamente hospitaleiras. Tivemos um tempo maravilhoso e regressámos para outra digressão no ano seguinte. O único senão foi a pressão que os palestrantes visitantes tendem a vivenciar na América. Eu tinha ouvido falar disso, e revelou-se demasiado verdadeiro.

Aterrámos em Nova Iorque à meia-noite, hora local. Havia uma viagem de carro de uma hora até à casa dos nossos anfitriões; e, depois de algo para comer e uma conversa, fomos para a cama por volta das duas e meia. Não tínhamos dormido no avião e levantámo-nos a não nos sentirmos lá muito bem. No entanto, a minha primeira palestra tinha sido agendada para a mesma tarde. A reunião durou mais de três horas, ao fim das quais eu tinha dificuldade em manter os olhos abertos. Fomos convidados para jantar fora, mas em vez disso tivemos de ir para a cama.

Durante os vinte dias da nossa estadia nos Estados Unidos fizemos doze viagens de avião separadas, além de longas viagens de comboio e de carro. Isto não é nada de novo para a América. O seu povo parece cheio de energia e virtualmente incansável. A maioria daqueles que conhecemos tinha um entusiasmo pela vida que raramente se vê em Inglaterra, e um otimismo geral que era muito revigorante.

Fomos afortunados por ficar em casas particulares durante a nossa digressão, e isto deu-nos alguma perceção sobre o modo de vida americano, cujos certos aspetos eram diferentes do que se poderia ter esperado.

Darei apenas um exemplo. Tínhamos percebido que o crime florescia na América bastante mais do que no nosso próprio país, e que as pessoas lá tinham muita mentalidade de segurança no que respeita a guardar as suas casas e bens. No entanto, os nossos

primeiros anfitriões, que tinham uma casa encantadora cheia de mobiliário antigo e aparelhos eletrónicos caros, disseram-nos que nunca trancavam a casa, nem mesmo quando iam fora de férias. Acho que eles sentiam que, se um ladrão estivesse determinado a entrar, acabaria por ter sucesso, houvesse portas trancadas ou não.

Além das palestras, tive muitas conversas privadas com pessoas, fui entrevistado pela imprensa e tive uma entrevista de televisão. Esta foi uma experiência nova para mim e fiquei agradavelmente surpreendido ao descobrir quão descontraído todo o processo era. Tinha um programa de trinta minutos só para mim e sentei-me entre dois entrevistadores que tinha conhecido apenas dez minutos antes, mas que rapidamente me deixaram à vontade. Estávamos no que parecia ser uma pequena divisão comum, sem sinal de câmaras, luzes especiais ou outro equipamento.

A entrevista baseava-se no pequeno livro que eu tinha escrito e que tinha tido a aprovação do meu bispo. Incluía relatos do caso de Grace Rosher e mediunidade de voz direta, e contudo, os entrevistadores não deram qualquer indicação da atitude habitualmente encontrada em programas psíquicos semelhantes na televisão britânica, onde a pessoa entrevistada é levada a sentir-se uma excêntrica e possivelmente uma charlatã. Os meus entrevistadores foram corteses e simpáticos, não expressaram nem crença nem descrença no que eu disse, e trataram-me como um tipo de pessoa razoavelmente normal, o que espero ser.

Os nossos últimos anfitriões viviam em Virginia Beach, e uma das nossas memórias finais desta primeira digressão na América é a pergunta que uma mulher negra idosa, que vinha limpar a casa, nos fez. “Podem dizer-me,” disse ela (não consigo representar o seu sotaque do Sul), “O nosso Presidente é o vosso Presidente também?” Evidentemente ela tinha a ideia de que a Grã-Bretanha bem poderia ser um dos Estados dos E.U.A.

Em dezembro de 1973 começámos a nossa segunda digressão, desta vez uma jornada muito mais pausada que durou cinco semanas e não envolveu tantas palestras ou tantas viagens. A Janet começou a dar palestras também, não sobre assuntos psíquicos, mas sobre a Inglaterra de Shakespeare. Ela tinha vivido a maior parte da sua vida não muito longe de Stratford-upon-Avon, e revelou-se um tema popular.

Os nossos anfitriões com quem ficámos durante a maior parte do nosso tempo na América eram pessoas excecionalmente bondosas e simpáticas. Nunca os tínhamos conhecido antes, contudo tornamo-nos verdadeiros amigos, e tenho uma memória feliz de Anna, no final da nossa longa estadia, quando nos estávamos a despedir, a dizer-me que me considerava como um irmão.

Eles viviam em Pasadena, a algumas milhas de Los Angeles, a qual, além do mais, é famosa pelo seu "smog". Diz-se que quando é feita uma autópsia a alguém em Los Angeles, uma estimativa bastante precisa do número de anos que essa pessoa tinha vivido nessa cidade pode ser feita a partir da condição dos seus pulmões. A Janet sentia-se sempre doente só de conduzir por lá.

Depois de darmos algumas palestras locais, voámos para São Francisco para visitar um casal a quem eu tinha casado em Inglaterra vinte e cinco anos antes. Nunca os tínhamos visto desde então, mas eles mostraram-nos aquela hospitalidade que é tão tipicamente americana.

Foi durante a nossa estadia com eles que fui ver um professor que era um distinto físico numa das principais universidades, e a principal autoridade do Ocidente num fenómeno no qual eu estava nessa altura particularmente interessado. Depois de terminarmos a nossa discussão sobre isto, perguntei-lhe se me poderia dar

alguma informação sobre Uri Geller, cujas proezas de dobrar metal estavam a fazer manchetes nessa altura em particular.

Disse-me que alguns dos seus colegas tinham feito uma investigação de certas das atividades de Uri, mas ele não tinha tomado parte nisso. No entanto, havia algo que ele me podia dizer. Um dos investigadores tinha-lhe mostrado um anel de metal que tinham dado a Uri, e que tinha sido fraturado na presença deles. Pediram-lhe para o examinar ao microscópio eletrónico e, quando o fez, descobriu que a estrutura molecular do metal tinha sido distorcida de tal forma que devia ter sido usada uma força que estava fora de qualquer proporção em relação a qualquer uma que Uri pudesse ter exercido. Perguntei-lhe o que pensava sobre Uri Geller, e ele disse que, na sua opinião, em certas ocasiões pelo menos, os fenómenos eram genuínos.

Depois de termos regressado a Pasadena, e antes de voltarmos para casa para Inglaterra, fizemos outra viagem, desta vez a Tucson, no Arizona, onde o nosso amigo, o Coronel Frank Adams, vivia. Primeiro fomos levados para San Diego, perto da fronteira mexicana, onde eu devia dar uma palestra. No dia anterior a esta fiz dois programas de rádio com chamadas do público, e dificilmente poderiam ter sido mais diferentes. O primeiro teve lugar à tarde numa divisão pequenina tipo escritório, sem atritos e apenas com um homem, o apresentador do programa, presente.

À noite fomos para um hotel enorme e muito moderno, e tivemos a experiência invulgar de subir até ao topo do edifício alto num elevador feito de vidro, que subia pela parte exterior do hotel e nos dava uma vista maravilhosa das luzes da cidade lá em baixo. Eu tinha esperado ser encaminhado para algum tipo de estúdio mas, em vez disso, fomos levados para um bar grande, muito penumbroso e cheio de pessoas a beber e a conversar. Fui percebendo gradualmente que devia ser ali que o programa de

chamadas iria ter lugar, à medida que na penumbra me dei conta de um homem a falar para um microfone.

Após uma espera algo longa, fui chamado para me sentar em frente a este homem, que me apresentou aos meus ouvintes invisíveis, bem como aos consumidores ali perto. A minha prestação durou uma hora, interrompida claro pelos inevitáveis anúncios comerciais. Respondi às perguntas feitas por telefone o melhor que pude, e devo ter satisfeito o apresentador, pois ele convidou-me a voltar em qualquer altura em que estivesse em San Diego.

Fiquei lisonjeado com isto, mas não pude deixar de me perguntar se o seu convite era provocado por uma dificuldade em encontrar pessoas para participar nos seus programas, porque esta foi a única ocasião em que achei que faltou a hospitalidade americana. Eu não estava à espera de ser pago pelos meus esforços, mas pelo menos poderiam ter-nos dado uma bebida! Na situação em que ficámos, tivemos de pagar pelas nossas a um preço inflacionado.

De San Diego fomos de autocarro Greyhound para Tucson, a quinhentas milhas de distância, grande parte das quais através do deserto do Arizona. Demorou cerca de doze horas e foi uma viagem bastante confortável; embora tenhamos ficado surpreendidos com o aspeto decadente das paragens, habitualmente nas zonas mais pobres de uma cidade. Foi a única vez, penso eu, em que vimos algo que não correspondia à nossa imagem de uma América abastada.

Tivemos uma estadia extremamente agradável com os Adams em Tucson, onde dei mais um par de palestras. Antes destas, o Frank levou-nos a conhecer a Susy Smith, a líder do grupo para o qual eu iria falar. Nos Estados Unidos ela é bem conhecida como a escritora mais prolífica de livros sobre assuntos psíquicos — por

essa altura o seu número tinha atingido os vinte e três — e ela própria tem dotes psíquicos. Alguns dos seus livros encontram-se em bibliotecas em Inglaterra. Ela tinha sido conhecida de costa a costa como colunista de jornal, mas em 1955 tinha subitamente abandonado todas as suas outras atividades para se concentrar na investigação psíquica.

Dámo-nos muito bem e, passado algum tempo, ela mostrou-me um exemplar do seu livro mais recente, The Book of James (Berkley Publishing Corporation, 1974), e apontou para a página que precedia o livro propriamente dito. Ao olhar para o parágrafo único que ocupava a página, vi o meu próprio nome e depois percebi que o que estava impresso era um extrato de um livro para o qual eu tinha contribuído, e que tinha sido publicado recentemente. Trata-se de Life, Death and Psychical Research (Rider & Co., Londres, 1973). Era um livro que tinha sido produzido pela Comissão de Fenómenos Psíquicos da C.F.P.S.S., e o extrato foi retirado do meu capítulo sobre a natureza da vida após a morte.

O parágrafo citado dizia o seguinte:—

"Não consigo conceber maior serviço ao homem do que fornecer-lhe uma imagem credível de uma vida além da morte; que faça sentido do seu esforço e sofrimento na Terra; que aponte o amor como o princípio do universo e que mostre uma progressão em direção à união final com esse amor que é Deus."

Prossegui, nesse livro, sugerindo que a investigação psíquica pode fazer isto; e essa é a razão principal pela qual escrevi este livro.

Mas, claro, seria errado passar por esta vida com os olhos constantemente fixos na vida que se lhe vai seguir. O valor da nossa experiência terrena reside principalmente nas relações

humanas aqui e agora. Deveria haver satisfação e alegria em cada vida, mas em cada vida haverá com certeza problemas de um tipo ou de outro, quer sejam do corpo, da mente ou do espírito. É significativo, penso eu, que um grande número daqueles que estão mais convencidos sobre a verdade da imagem da vida aqui e no além que as provas psíquicas sugerem, tenham uma preocupação especial com o sofrimento dos outros e, em consequência, tenham um interesse ativo na cura; particularmente naquilo a que se chama vulgarmente 'cura espiritual'. Gostaria de dizer algo sobre isto no próximo e último capítulo.

TREZE
Cura Não Médica

Fiquei interessado pela primeira vez na cura não médica em 1956. Eu era nessa altura o vigário de três pequenas paróquias nos arredores de Rugby. Numa dessas paróquias havia uma menina de três anos que tinha nascido com uma deficiência na visão em relação à qual os médicos nada podiam fazer. Era tão grave que quando ela corria pela casa batia contra mesas e cadeiras que não tinha conseguido ver.

A sua mãe viu num jornal o anúncio de um serviço religioso de cura a realizar numa igreja de Coventry, conduzido por um pastor metodista. Levou a sua filhinha ao serviço religioso e ela foi imediata e completamente curada. Eu conhecia esta criança antes e depois da cura, e não havia dúvida na minha mente de que uma cura inexplicável tinha tido lugar.

Eu tinha percebido antes da cura que os médicos tinham dito à mãe que alguma parte essencial do mecanismo ótico era

imperfeita e que isto tornava qualquer melhoria impossível; por isso, quando vi a menina a correr em segurança e a olhar com prazer para livros de imagens, o que ela era inteiramente incapaz de fazer dias antes, fui forçado a perceber que algo de notável tinha acontecido.

Vim a saber mais tarde que o pastor metodista tinha sido encorajado no seu ministério de cura por Harry Edwards, o curador espiritual mais conhecido no mundo nessa altura. Escrevi ao Sr. Edwards a perguntar-lhe se poderia visitar o seu centro de cura em Shere, perto de Guildford, para o ver a trabalhar. Com a sua resposta ele enviou-me um 'bilhete de observador', o que me permitiu sentar-me a escassos pés do curador enquanto ele tratava os seus pacientes.

A sessão durou cerca de duas horas e meia, e estavam ali cerca de vinte pessoas com esperança de ajuda, acompanhadas por parentes ou amigos. Fiquei imediatamente impressionado com a abordagem psicológica de Harry Edwards aos seus pacientes — a sua 'postura à beira da cama', por assim dizer. Mais impressionante era o que parecia ser o seu conhecimento intuitivo de qualquer que fosse o problema e a localização exata do mesmo, sobre a qual ele colocava a sua mão. O cético poderia dizer que ele tinha sido informado de antemão dos detalhes médicos necessários, e eu não posso provar que não tenha sido esse o caso.

À medida que observava, cerca de metade dos pacientes relatou uma melhoria definitiva na sua condição, e quase todos pareciam mais felizes depois de o Sr. Edwards ter imposto as mãos sobre eles e expressado a sua confiança de que a cura viria em vários graus.

Tudo isto observei com interesse a partir do meu ponto de observação vantajoso perto do curador; mas cerca de metade da

sessão decorrida recebi uma espécie de choque. O Sr. Edwards, que eu não tinha conhecido anteriormente e que nem sequer me tinha dito “Boa tarde” quando entrou, voltou-se agora para mim e convidou-me a impor as mãos, juntamente com ele, no resto dos pacientes.

Um pouco nervoso, aceitei o seu convite e durante cerca de uma hora impusemos as mãos juntos sobre aqueles que procuravam a cura — com as minhas mãos colocadas por baixo das dele. Como antes, os resultados pareciam variar, mas houve um incidente de particular interesse. Aproximou-se a coxear uma senhora que tinha um tornozelo rígido e doloroso com, suponho eu, artrite. Parecia completamente bloqueado. Pouco depois de ter colocado as minhas mãos, por baixo das de Harry Edwards, sobre o tornozelo dela, senti o tornozelo a ficar bastante flexível; e em poucos minutos ela foi capaz de caminhar, sem qualquer dor, com toda a normalidade — algo que ela era incapaz de fazer há muito tempo.

Teria a sua aflição sido psicossomática? Sou incapaz de dizer, mas uma coisa parecia certa. Agora ela conseguia caminhar confortavelmente, completamente livre de dor, ao passo que anteriormente não conseguia. Se ao menos os médicos cooperassem com os curadores não médicos, grandes avanços poderiam ser feitos no processo de cura, tanto convencional como de outra natureza. Sei que é extremamente difícil para um médico cooperar com curadores sem qualificações médicas, mas a posição está a melhorar lentamente.

Quando os pacientes do Sr. Edwards saíram, ele pediu-me para ficar e informou-me então de que eu era um curador e deveria fazer algo quanto a isso. Devo admitir que fiquei impressionado com o que ele disse. A sua reputação era tal que os médicos (mais arrojados do que a maioria dos seus colegas) não só lhe enviavam pacientes, mas por vezes até vinham eles

próprios receber tratamento da parte dele. A sua opinião de que eu tinha um dom de cura tinha de receber atenção.

Por esta altura, na minha busca por conhecimento psíquico, eu tinha visitado uma série de médiuns, e quase todos eles me tinham dito que eu tinha um dom de cura — alguns deles parecendo acreditar que eu era médico. No entanto, a partir da minha leitura de uma grande quantidade de livros sobre assuntos psíquicos, eu sabia que era extremamente comum os médiuns creditarem os seus clientes com tal capacidade, por isso não tinha ficado particularmente impressionado. Mas à declaração de Harry Edwards tinha de ser dado mais peso.

Pensei sobre o assunto, mas cheguei à conclusão de que não era chamado para um ministério de cura. Sentia que o meu trabalho, além daquele como um simples padre paroquial, residia noutras direções.

Não obstante, ao longo dos anos, tive alguma experiência de cura não médica, embora pouca tenha sido mediada através de mim. Numa das minhas paróquias havia uma mulher idosa, a Sra. A., que sofria há anos de artrite. Tinha chegado ao ponto em que as suas mãos pareciam garras. Não conseguia andar ereta e os seus pés estavam tão afetados que não conseguia usar sapatos normais, mas andava a passo lento em chinelos. Era uma personagem excêntrica e não pertencia a nenhuma igreja, mas cheguei a conhecê-la razoavelmente bem. Falei-lhe sobre o que em linguagem religiosa é habitualmente chamado de cura divina e emprestei-lhe livros sobre o assunto.

Então, um dia, tive uma grande surpresa. Encontrei a Sra. A. e ela estava quase completamente curada. Contou-me o que tinha acontecido. Uns dias antes, tinha estado acordada com dores, já tarde na noite, e tinha ligado o rádio, com a esperança de que alguma música distraísse a sua atenção do seu desconforto. Em

vez da música que esperava, deu com uma palestra dada por um Cientista Cristão, que descrevia o que os doentes deveriam fazer para encontrar a cura. Ela seguiu as direções dele e foi instantaneamente curada.

Não podia haver dúvida quanto a isso. As suas mãos já não pareciam garras — estavam flexíveis e direitas — e ela conseguia manter-se ereta. Como seria natural ficou radiante, mas não estava completamente satisfeita. De uma forma ou de outra os seus pés não tinham partilhado da cura. Estavam ainda metidos nos velhos chinelos e ela ainda encontrava dificuldade em caminhar.

Pediu-me para organizar para ela um encontro com Dorothy Kerin, uma curadora muito bem conhecida, sobre quem eu lhe tinha emprestado um livro. Descobri que demoraria um tempo considerável para marcar tal consulta, e a Sra. A. estava ansiosa por que algo fosse feito em breve.

Aconteceu que nessa altura eu tinha reunido um pequeno grupo de amigos que se encontravam todas as semanas para rezar pelos doentes; e sugeri que devíamos realizar um serviço religioso especial na igreja paroquial para a Sra. A. numa manhã de um dia de semana. Eu dirigi o serviço religioso e outro vigário — um dos elementos do grupo — impôs as mãos sobre ela. Na manhã seguinte os seus pés tinham sido curados e pela primeira vez em anos ela foi capaz de calçar sapatos normais e caminhar normalmente. O médico dela ficou perplexo com tudo o que tinha acontecido e não conseguiu oferecer qualquer explicação. Não houve recaída — conheci-a durante vários anos mais tarde.

Nunca empreendi um estudo da cura não médica e, embora tenha lido uma boa quantidade de livros sobre o assunto, estou aqui apenas preocupado com o que eu próprio vivenciei. A partir dessa experiência limitada descobri que na cura deste tipo é a

artrite que está mais recetiva ao tratamento, se é esse o termo apropriado.

Organizei com o meu amigo, o vigário que tinha sido instrumental na cura da Sra. A., que serviços religiosos de cura fossem realizados em ambas as paróquias das quais eu era vigário nessa altura; não serviços religiosos privados, mas incorporados numa celebração da Santa Comunhão que de outro modo seria normal num fim de tarde de um dia de semana. A única diferença foi que usei leituras especiais e adicionei algumas orações especialmente compostas para a ocasião. O meu amigo falou de forma muito simples durante cerca de cinco minutos e depois impôs as mãos sobre aqueles que vinham para a cura.

A atmosfera durante os serviços religiosos era notável. Após o primeiro deles foi-me dito por membros da congregação que a experiência tinha sido única. Isto não acontecia simplesmente porque o serviço religioso tinha sido de um tipo no qual não tinham tomado parte antes, mas principalmente por causa de uma sensação invulgar de realidade e propósito.

Estes comentários dos paroquianos a que me refiro foram-me feitos imediatamente após os serviços religiosos. Só mais tarde vim a saber de quaisquer resultados físicos. Na manhã seguinte ao primeiro destes serviços religiosos de cura tive quatro chamadas telefónicas de pessoas que relataram a cura ou de si próprias ou dos seus parentes. E em cada caso tinha sido a artrite que tinha sido curada — instantaneamente, segundo parecia.

Pelo que sei do assunto, é apenas numa pequena minoria de casos que a cura deste tipo imediato tem lugar. Habitualmente parece ser uma questão de semanas ou meses. Infelizmente, a cura física completa de uma condição não psicossomática parece ser a exceção e não a regra, e ninguém sabe realmente a razão para isto, embora muitas teorias tenham sido apresentadas. Mas que a cura

ocorre e é medicamente inexplicável, e que tem lugar após uma ação — nem sempre religiosa num sentido convencional — dirigida a esse fim, é algo em que eu certamente acredito.

A cura instantânea é invulgar, mas não tão invulgar, talvez, como se pensa em geral. Havia uma senhora de meia-idade numa das minhas paróquias que quase nunca vinha à igreja e que era bastante reservada no seu modo de ser quando eu a visitava. A sua velha mãe, com quem vivia, teve uma doença prolongada durante a qual fui muitas vezes visitá-la, e foi durante este período que cheguei a conhecer bem a filha e consegui romper a sua reserva.

Um dia ela confidenciou-me algo que disse que me deveria ter contado antes. Tinha ido a um serviço religioso de cura na igreja paroquial e tinha sido imediata e completamente curada da artrite nos pés, algo de que sofria há muito tempo e sobre o qual o seu médico nada tinha conseguido fazer. Tinha estado em desespero com a sua condição, que era extremamente dolorosa, mas não tinha sido incomodada por ela de todo desde a noite em que tinha assistido ao serviço religioso. Ela contou-me isto vários anos após a cura ter tido lugar!

E este não foi o único caso de reticência prolongada sobre relatar a cura que vivenciei. A filha de outra paroquiana tinha sido completamente aliviada de um problema nas costas que tinha resistido às tentativas dos médicos para o atenuar. Aqui novamente, foi apenas depois de ter chegado a conhecer a mãe realmente bem que ela me contou sobre isto, embora tivesse acontecido uma série de anos antes. Algumas pessoas parecem tímidas sobre contar os resultados bem-sucedidos deste tipo de cura não médica. Eu acharia que deve haver um número considerável daqueles que praticam a cura divina que em consequência ficam injustificadamente desapontados pela aparente falta de cura num sentido físico, por muito convencidos que estejam dos benefícios espirituais recebidos.

Claro que a maioria dos médicos é extremamente duvidosa sobre a eficácia de qualquer método de tratamento não convencional, e é difícil culpá-los pela sua opinião. Tal tratamento é completamente oposto à sua compreensão do processo de cura. É provável que digam que a queixa tinha sido provavelmente de natureza psicossomática, ou que tinha havido uma cura espontânea tal como pode acontecer ocasionalmente sem razão aparente em muitas doenças. No entanto, o facto permanece que um grande número de pessoas diz que foi curado, e permaneceu curado, de queixas — por vezes orgânicas — para as quais tinha sido sem sucesso tratado medicamente; e que a sua cura se seguiu à ministração de um curador não médico, quer um clérigo quer outra pessoa qualquer.

Muitos casos de cura são relatados por pessoas que vão a curadores que não fazem qualquer afirmação de que Deus é o agente direto da sua cura. Em vez disso, podem afirmar que aqueles que morreram são os instrumentos de Deus no processo curativo. Este tipo de afirmação é fortemente oposto por certos porta-vozes das igrejas. Podem até sugerir que o diabo está por trás destas curas que têm lugar sem o benefício do clero. Mas a semelhança dos casos que são relatados de fontes eclesiásticas e de outros casos de fontes diferentes, frequentemente Espiritualistas, é tão impressionante que uma origem comum parece extremamente provável.

É sugerido por alguns que o diabo é tão astuto que imita 'a coisa real' para fins diabólicos próprios. Ele faz o bem para que o mal possa vir — para que aqueles que são curados fora da Igreja possam ser tentados a tornar-se Espiritualistas, que são seguidores de Satanás! Eu próprio ouvi um padre-curador, especialmente encarregado pelo seu bispo, expressar esta visão em termos nada incertos.

O caso mais estranho de cura que vivenciei teve lugar quando visitei uma cidade das Midlands para dar uma palestra numa reunião privada sobre estudo psíquico. Eu não tinha conhecido nem a senhora que me tinha convidado para almoçar antes de me dirigir à reunião, nem o seu marido médico. Quando começámos a refeição, o médico (que era um clínico geral) não tinha regressado da sua ronda. Quando chegou, uns minutos atrasado, surpreendeu-me ao descrever uma certa dor que tinha nas costas, causada, tanto quanto me lembro, pelo mau funcionamento dos seus rins.

Escutei com simpatia, mas fiquei bastante intrigado por um médico que eu não conhecia me falar como se eu fosse um colega médico. Ele sabia, claro, que eu era clérigo, um vigário anglicano, embora um pouco excêntrico, dado à investigação psíquica, um assunto no qual ele parecia não ter qualquer interesse.

Se eu tinha ficado surpreendido durante o almoço, fiquei inteiramente atónito quando, ao nos erguermos da mesa, o médico me pediu para lhe impor as mãos para a cura. Isto era algo que eu nunca tinha feito antes, exceto durante a minha visita a Harry Edwards, por isso certamente não tinha qualquer reputação como curador. Não obstante, senti que tinha de aceitar o desafio. Eu certamente acreditava na cura divina: agora parecia que tinha chegado a altura de pôr a crença em prática.

O médico levou-me para o seu consultório; depois ajoelhou-se diante de mim, e eu impus as minhas mãos sobre a sua cabeça, ao mesmo tempo que dizia orações para a cura. Ele levantou-se, agradeceu-me e foi-se embora para o seu trabalho. Não veio ouvir a minha palestra — como disse, não estava interessado no assunto. Mas quando nos encontrámos novamente para o chá, informou-me em privado de que a dor tinha ido embora.

Nunca mais o vi, e se o alívio foi permanente sou incapaz de dizer.

Desde então, particularmente durante visitas a hospitais, tenho em certas ocasiões tocado em pessoas doentes com uma intenção curativa, pois senti que isso era o que devia fazer, mas não expressei isto abertamente. Por vezes parece ter havido efeitos físicos, mas quando tomei parte em 'sessões preparadas', por assim dizer, deste tipo de cura, nunca me senti à vontade ou confiante no que estava a fazer, com exceção da minha experiência com Harry Edwards. Nos serviços religiosos de cura na igreja que organizei, embora tenha oficiado neles, nunca impus as mãos sobre os doentes.

Qualquer pessoa, acredito eu, pode ser usada como um canal para a cura, mas deve sentir-se em sintonia com os métodos que usa. E não há ninguém, penso eu, que não possa ser de valor num pequeno grupo que se encontra regularmente para rezar pelos doentes. Mencionei um grupo desses que organizei uma vez, e em ligação com este há um incidente que, talvez, valha a pena registar.

Uma senhora escreveu-nos — como soube da nossa existência não sei — e pediu-nos para rezar por ela. Disse que tinha um caroço num dos seios que lhe causava preocupação, pois temia que fosse maligno. Ela devia, claro, ter consultado o seu médico, mas aparentemente estava assustada de o fazer. Foi adicionada à nossa lista de oração e no prazo de três semanas escreveu a agradecer-nos e também a pedir-nos para não continuarmos com as nossas orações por ela, pois o caroço tinha ido embora. Um caso psicossomático? Quem pode saber? Isto é um exemplo da conveniência de os médicos cooperarem com curadores não convencionais. Mas quando tentam cooperar, os resultados nem sempre são o que se poderia esperar.

Deve ser há cerca de vinte anos que a Igreja de Inglaterra criou uma investigação sobre a cura não médica.

O resultado final poderia ser descrito como um veredicto de 'não provado'. Isto já era de esperar, se a pequena história seguinte fornecer um exemplo típico dos métodos que foram empregados na avaliação das provas.

Foi criada uma comissão, constituída por médicos e clérigos. Um destes últimos era meu amigo, e descreveu-me um caso de alegada cura que tinha sido considerado.

Fiquei a perceber que, alguns meses antes de a comissão se reunir, os curadores foram notificados do que ela pretendia fazer; e foram convidados a trazer o que considerassem ser casos convincentes de cura da sua própria experiência.

Harry Edwards foi um dos curadores que compareceram perante a comissão. Desde que ouvira falar da investigação pela primeira vez, andava à procura de casos que pensava poderem ser aceites até pelo mais cético como prova de cura. Um destes casos que ele apresentou foi-me descrito pelo meu amigo.

Um homem tinha ido ter com o Sr. Edwards a procurar ajuda urgentemente. Disse que tinha um tumor maligno no pescoço. O curador sentiu que este poderia ser um dos casos de que andava à procura, por isso pediu ao homem para ir a um patologista que realizaria uma biópsia para determinar definitivamente se o tecido canceroso estava presente ou não. Mais tarde, o homem regressou com o relatório do patologista, o qual confirmava que o tumor era de facto canceroso. Harry Edwards impôs-lhe as mãos e, pouco tempo depois, veio outro relatório do patologista, mas desta vez dizia que todos os vestígios de malignidade tinham desaparecido.

Aqui parecia estar um caso convincente, mas não, havia uma explicação alternativa convencional. Um médico levantou-se e disse que havia uma solução simples para o aparente milagre. Na biópsia, por um acaso feliz, o patologista tinha removido a totalidade do tecido canceroso! Parece que o pobre curador não pode vencer, pelo menos na opinião da ortodoxia.

Aposentei-me no final de 1973 e, quando nos mudámos de Solihull para viver em Cantuária cerca de um ano mais tarde, vim a conhecer bem o vigário da nossa paróquia, em parte porque, tal como eu, ele tinha interesse por assuntos psíquicos e a certa altura tinha sido membro da Society for Psychical Research.

Aconteceu que precisamente por esta altura o vigário tinha organizado o início de serviços religiosos de cura na sua igreja — os primeiros do seu género em Cantuária. Esta foi uma atitude corajosa de se tomar numa cidade como Cantuária, o centro de uma instituição tão tradicional como a Igreja Anglicana; mas o vigário, com sabedoria, tinha garantido o apoio do seu Conselho Paroquial e estava pronto para avançar com o seu plano.

Era necessário um padre com experiência em cura divina, e eu fui capaz de sugerir um, o meu velho amigo que tinha sido instrumental na cura da Sra. A. e de outros nas minhas paróquias anteriores. Um convite por parte do vigário foi enviado, e o meu amigo fez a longa viagem a partir do norte da Escócia para tomar parte no serviço religioso de cura inicial na paróquia. Desde essa altura, há cinco anos, tem havido serviços religiosos de cura mensais regulares na igreja, habitualmente com o próprio vigário a impor as mãos sobre aqueles que vêm para a cura.

Mas há alturas em que vem outra pessoa ajudar. Em 1977, enquanto a minha esposa e eu estávamos alojados com o seu primo em Jersey, foi-me pedido para ir ver uma das suas amigas que tinha começado recentemente um ministério de cura, e que

precisava de conselhos que pensava que eu poderia ser capaz de lhe dar. Esta dona de casa de meia-idade revelou-se uma das curadoras mais notáveis que conheci, e duvido que tenha sido capaz de lhe dar algum conselho de valor. Fui útil de uma forma, no entanto, pois no meu regresso a Cantuária contei ao meu vigário sobre ela, e ele convidou-a a visitar a nossa paróquia.

Ela veio e ficou durante uma semana. Durante esse curto período de tempo causou tal impressão que o vigário comentou que a paróquia nunca mais seria a mesma.

Tal como os médiuns, os curadores são frequentemente acusados de usar os seus dotes, reais ou fingidos, para orientação em proveito próprio, e não há dúvida de que isto por vezes acontece, embora não tão frequentemente, penso eu, como afirmam os seus críticos.

Esta acusação não poderia ser feita à Sra. W., a nossa curadora visitante. Ela foi convidada a ficar connosco ou na Casa Paroquial, mas pensou que seria melhor ir para um hotel, pois as pessoas poderiam querer ir vê-la em privado. Ela pagou o custo do hotel e todas as suas despesas de viagem a partir de Jersey; e não se colocava a questão de ela cobrar seja o que for por nada do que fizesse enquanto estivesse na paróquia.

A razão para isto era que o seu marido era um homem de considerável riqueza. [Menciono isto porque quase todos os curadores que conheci tiveram um pouco menos do que a sua quota-parte dos bens deste mundo.]

A Sra. W. nunca tinha falado em público antes, nem mesmo para um grupo pequeno. Eu levei-a do seu hotel para a igreja para o primeiro serviço religioso no qual ela iria falar e, enquanto estávamos sentados num banco ao fundo, à espera que as pessoas

chegassem, não pude deixar de notar que ela estava extremamente nervosa.

Mas quando subiu aos degraus do presbitério e começou a sua palestra, pareceu completamente confiante e prendeu a atenção da congregação de uma forma que raramente tinha visto antes. Em muitas ocasiões ouvi leigos falar na igreja, e o modo não convencional como falaram forneceu, a maior parte das vezes, um contraste agradável em relação ao tipo habitual de alocução clerical, mas a Sra. W. superou-os a todos.

Ela falou com uma informalidade e sinceridade que eram extremamente cativantes, e com uma total falta daquele tipo de piedade que pode ser repelente para tantas pessoas, contudo com uma óbvia convicção da bondade de Deus e do Seu poder para curar, quer no corpo, na mente ou no espírito.

Após a palestra não houve imposição de mãos: isso veio mais tarde, no domingo seguinte, no contexto de uma celebração da Santa Comunhão. Mas assim que a sua palestra acabou e o serviço religioso terminou, ela ficou cercada por pessoas que queriam falar com ela. Depois foi levada por algumas freiras para uma casa particular para ajudar uma pessoa doente que lá estava.

Durante toda a sua semana connosco, ela teve pouco tempo para si própria: esteve tão ocupada a ministrar àqueles que estavam doentes, e houve relatos convincentes de curas notáveis. Ela teve tempo para uma entrevista com um bispo — não o Arcebispo — na Casa Paroquial. Eu estava presente, e o desagrado dele e a suspeita relativamente às atividades dela eram óbvios. Ela não se enquadrava no padrão ortodoxo do comportamento eclesiástico, e os relatos de curas que tinham sido efetuadas através dela foram postos de parte.

O próprio vigário tinha certas reservas sobre o que a Sra. W. sentia relativamente à origem do processo de cura, embora não tivesse dúvidas sobre os resultados benéficos entre os seus paroquianos. A curadora tinha-nos dito que acreditava que um antepassado do seu marido pelo lado da mãe — Robert Wright, um cirurgião que tinha morrido há quase duzentos anos — a ajudava na sua cura. Nada disto, claro, tinha sido dito ao bispo: caso contrário a atitude dele, sem dúvida, teria sido ainda menos entusiástica do que foi.

O vigário achou a ideia desagradável e foi capaz de convencer a Sra. W. durante a sua visita de que a sua crença era falsa; que era perigoso ter algo a ver com aqueles que tinham morrido; e que, de qualquer modo, espíritos malignos poderiam bem ser responsáveis por essas alegadas comunicações. Ela tornou-se mais convencional na sua atitude em relação à cura — aceitando que esta vinha diretamente de Deus, ao passo que anteriormente tinha pensado em Deus a usar Robert Wright como uma espécie de intermediário no seu ministério.

A conversão da Sra. W. à ortodoxia durou algum tempo, e ela foi crismada para se tornar um membro de pleno direito da Igreja de Inglaterra. No entanto, cerca de dois anos mais tarde, disse-me que tinha revertido para a sua convicção anterior de que Robert a ajudava em tudo o que fazia para ajudar os outros — mas que ultimamente a cura vinha de Deus.

A teoria de que os médicos que morreram podem, por assim dizer, continuar com as suas carreiras anteriores não é de modo algum nova. Harry Edwards, por exemplo, acreditava que a cura vinha através dele desta forma, embora eu não tenha a certeza de que ele tivesse alguma prova pessoal e direta disto.

Mas há o caso de outro curador onde há provas de um tipo bastante notável. Enquanto eu falava em privado com um

visitante que tinha acabado de dar uma palestra a um grupo de estudo meu, ele contou-me sobre um antigo bombeiro de Aylesbury cuja carreira de cura ele tinha sido capaz de acompanhar desde o seu início. Nesta altura o curador, George Chapman, tinha começado a alcançar algo de uma reputação, mas nada como aquela que veio a ser a sua em anos posteriores.

Foi-me dito pelo meu informador que o Sr. Chapman entrava em transe depois do pequeno-almoço todos os dias — todos os dias de trabalho, presumo — e permanecia em transe durante várias horas, tempo durante o qual era visitado por aqueles que procuravam a cura. Isto em si já era suficientemente invulgar, mas havia muito mais para vir. Quando George Chapman estava em transe a sua personalidade sofria uma alteração impressionante. A nova pessoa chamava a si própria William Lang e estava convencida de que era um cirurgião com esse nome, um consultor de oftalmologia, que tinha morrido em 1937. Este não era um alegado caso de reencarnação, pois Chapman era já um adolescente quando o cirurgião morreu.

O que se afirmava era que William Lang todos os dias tomava conta do corpo de Chapman, por assim dizer, para continuar o seu trabalho de cura. Organizei uma consulta com George Chapman e passei algum tempo com ele quando ele estava em transe. Não fui como paciente, mas apenas para conhecer e falar com alguém sobre quem tinha uma curiosidade viva. Achei o encontro inteiramente fascinante.

Embora Chapman nessa altura estivesse apenas a aproximar-se da meia-idade, o homem com quem falei tinha o aspeto, a voz e os maneirismos de um médico idoso de uma geração anterior. Ele era obviamente um homem culto com um vocabulário extenso, ao passo que Chapman não podia verdadeiramente ser assim descrito quando estava no seu estado normal de consciência.

Mas não foi esta aparente mudança de personalidade em transe que tinha despertado a minha curiosidade. O que me tinha intrigado particularmente era que o homem que me tinha contado sobre Chapman, e que o conhecia bem, me tinha informado em confidência que uma série de antigos colegas de William Lang o reconheciam em George Chapman quando este último estava em transe, e encontravam-se com ele regularmente em Londres. Por vezes até levavam os seus pacientes para consulta e tratamento. [Não estou a quebrar nenhuma confidência ao escrever isto agora, pois é do conhecimento geral há uma série de anos.]

Há pouca semelhança entre este caso e o da Sra. W. Nenhuma mudança na personalidade dela é aparente quando a cura tem lugar. Ela não usa terminologia médica correta como faz 'William Lang'. Na presença dela não se é confrontado por um médico falecido, mas por uma mulher que simplesmente acredita que toda a cura vem de Deus, embora ajudantes invisíveis possam desempenhar o seu papel.

Cerca de cinco anos atrás formei em Cantuária um pequeno grupo, composto por quatro padres anglicanos e dois leigos, para discutir assuntos psíquicos nos quais estávamos todos interessados. Durante cerca de um ano considerámos vários fenómenos psíquicos, em particular aqueles que forneciam provas para a continuação da vida após a morte. Depois sugeri que poderíamos tentar interessar o maior número possível de clérigos na diocese de Cantuária naquilo que estávamos convencidos ser um assunto muito importante. Conversámos sobre este projeto e a opinião geral foi a de que a grande maioria do clero paroquial da diocese não teria a mente suficientemente aberta para considerar o que lhes iríamos dizer.

Sugeri, pois, uma alteração à minha ideia original, nomeadamente que devíamos começar com um projeto que teria uma melhor oportunidade de sucesso — a produção e publicação

de um panfleto sobre a cura divina, um assunto no qual todos tínhamos um interesse e uma certa dose de experiência.

A minha sugestão foi aceite e a questão então era como a declaração necessária sobre a cura devia ser preparada. Embora todos soubéssemos algo sobre a cura divina, nenhum de nós tinha experiência extensa sobre o assunto, mas aconteceu que, não muito tempo antes, eu tinha entrado em contacto com o vigário de uma paróquia não muito longe de Cantuária, que tinha tido trinta anos de experiência deste tipo. Eu tinha-o conhecido pela primeira vez quando ele me tinha pedido conselho sobre um problema psíquico na sua paróquia.

Com a aprovação do grupo, perguntei-lhe se ele nos ajudaria. Disse que ficaria muito feliz por o fazer e em breve recebemos dele uma declaração dos seus pensamentos sobre o assunto, ilustrada por algumas das suas experiências. Ele tinha concordado que poderíamos fazer as alterações ou omissões que sentíssemos ser necessárias — as quais mais tarde lhe seria pedido para aprovar — e deitámo-nos ao trabalho.

O texto dele era demasiado longo para o nosso propósito, e também certas mudanças pareciam ser desejáveis. Durante um ano encontrámo-nos regularmente, repassando o documento palavra por palavra, para produzir o tipo de panfleto que tínhamos pretendido, e finalmente completámos a nossa tarefa.

Durante este tempo outro membro do grupo tinha feito a sugestão de que seria extremamente útil se o Arcebispo de Cantuária escrevesse uma introdução para o panfleto. Duvidei muito que ele fizesse isto, e tive receio de que os nossos esforços nesta direção envolvessem um adiamento prolongado da data de publicação, devido à burocracia eclesiástica.

Afortunadamente, no entanto, fui vencido e o Arcebispo revelou-se demasiado disposto a fazer o que pedimos. Houve algumas dificuldades e atrasos — de modo algum por culpa do Arcebispo, mas devido à doença do seu capelão e à perda de uma carta importante pelos Correios —, mas finalmente tivemos o panfleto, The Churches' Ministry of Healing, impresso e enviado a todos os sacerdotes da diocese, reforçado pelo apoio do Arcebispo, Donald Coggan, ele próprio detentor de um interesse muito real pela cura divina.

O clero que estava interessado foi encorajado a escrever-nos, e a nossa esperança era a de que desta forma algum tipo de organização diocesana pudesse ser formada. Revelou-se que vários elementos do clero na diocese já praticavam a cura divina e um certo número de outros queria saber mais sobre o assunto. Em 1979 uma organização Diocesana oficial foi formada e em março de 1980 a sua primeira conferência foi realizada.

Anteriormente neste capítulo mencionei que, embora seja difícil para os médicos cooperarem com curadores espirituais, a posição está a melhorar. Um passo importante em frente foi dado em 1978. Isto é descrito em Notes for the Guidance of Healers, publicado pela British Alliance of Healing Associations.

Na secção intitulada "Relação com a Profissão Médica", encontra-se a seguinte passagem:—

''A cooperação acrescida com os médicos foi facilitada pela declaração do Sub-Registo do General Medical Council em 6 de março de 1978, de que o Presidente do G.M.C. 'não consegue ver qualquer razão pela qual um médico não deva, se considerar que seria útil para um dos seus pacientes, quer sugerir quer concordar com um paciente procurar assistência junto de um membro da British Alliance of Healing Associations, desde que o próprio

médico continue a dar, e a permanecer responsável por, qualquer tratamento médico que considere necessário para o paciente.'

''Os curadores devem esforçar-se sempre por boas relações e, se possível, cooperação com os médicos. Um fator vital na construção e manutenção de relações satisfatórias é que os curadores devem reconhecer e respeitar os respetivos papéis de médico e curador. Os curadores são essencialmente canais para o fluxo de forças espirituais: não estão qualificados para dar conselhos médicos ou intervir de qualquer forma entre o médico e o paciente. A cura não é em sentido algum uma alternativa ao tratamento médico ortodoxo; é complementar a este."

Pode não ser do conhecimento geral que há vários milhares de curadores fora do ministério das igrejas ortodoxas. O Dr. Alec Forbes estimou o número em vinte mil. Seria verdade dizer que muitos deles são Espiritualistas. Também seria verdade dizer que muitos deles não o são.

Entre as várias organizações de cura, duas das mais bem conhecidas são a National Federation of Spiritual Healers e a British Alliance of Healing Associations. Recentemente uma medida de unidade foi trazida para o domínio da cura pela formação em 1981 da Confederation of Healing Organisations, a qual abrange a maioria das organizações de cura no Reino Unido.

Os fenómenos da cura não médica, especialmente quando manifestamente não são de natureza psicossomática, são tão notáveis e inexplicáveis nos termos do conhecimento médico atual que não é de surpreender que a maioria dos médicos ainda os encare com suspeita.

Qualquer coisa em divergência com a ortodoxia em qualquer campo do conhecimento tem as suas batalhas a travar antes que o seu valor se torne geralmente reconhecido. E isto aplica-se

certamente ao assunto principal deste livro. Algumas pessoas sentirão que as provas da investigação psíquica são tão estranhas que está tudo além de qualquer crença. A essas eu diria que por vezes sinto que este próprio universo no qual todos nos encontramos está ele próprio além de qualquer crença; e contudo nós acreditamos — temos de acreditar — nele.

Mas, poder-se-á dizer, é este universo tão estranho, tão improvável? Um grupo de galáxias foi recentemente descoberto estando a dez mil milhões de anos-luz de distância; e um ano-luz não é uma medida de tempo, mas é a distância que a luz percorre num ano à velocidade de aproximadamente cento e oitenta e oito mil milhas por segundo; isto é, cerca de seis biliões de milhas. Multiplique-se isso por dez mil milhões e essas galáxias são vistas como estando a sessenta mil biliões de biliões de milhas de distância de nós. Além disso, dizem-nos que há outros objetos mais distantes — não galáxias, mas quasares — que foram detetados, todos eles a afastar-se de nós a uma velocidade tremenda.

De facto, tanto quanto sabemos, não há fim para o universo. Não conseguimos imaginar isto. Nem conseguimos imaginar o universo a ser limitado. Um ou outro, presumivelmente, deve ser verdade.

Vivemos no mistério, empoleirados sobre uma esfera — a nossa terra — a girar a grande velocidade à medida que circula em redor do sol; ele próprio um salpico numa galáxia de milhões de sóis entre milhões de outras galáxias. Quem pode sondar os mistérios do universo material? Mas os mistérios imateriais da vida, da mente e do espírito são muito maiores.

Como os interpretamos, cada homem ou mulher deve decidir por si próprio. Que provas religiosas — quer da Bíblia, de outros livros ou da experiência pessoal — podemos aceitar, cada um tem

de determinar por si mesmo. E o mesmo acontece com as provas da investigação psíquica. Rejeitar todas as suas conclusões, e até as suas teorias não provadas, é tolo. Aceitá-las sem crítica não é melhor. Estudá-las, sugeriria eu, é muitíssimo desejável.

Tal estudo pode ajudar-nos a dar sentido à vida, e o que poderia ser mais importante do que isso? Pode ajudar-nos a chegar a uma convicção de que a nossa vida presente é apenas um episódio numa grande aventura que toda a humanidade partilha: a qual conduz das incertezas e vicissitudes da mortalidade para um caminho além, o qual nos levará ultimamente — na companhia daqueles que mais amamos — a Deus.